



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO- UFRJ
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO- ECO
INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA – IBICT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - PPGCI

MÁRCIA BARCELOS GOMES SILVARES

**SER OU NÃO SER:
DO ÔNTICO AOS MODELOS CONCEITUAIS EM HAMLET**

Dissertação de Mestrado
Fevereiro de 2025





MÁRCIA BARCELOS GOMES SILVARES

**SER OU NÃO SER:
DO ÔNTICO AOS MODELOS CONCEITUAIS EM HAMLET**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) e a Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Eco-UFRJ), como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Orientador Prof. Dr. Luis Fernando Sayão.
Coorientadora: Profa. Dra. Luana Farias Sales.

RIO DE JANEIRO

2025

CIP - Catalogação na Publicação

S586s SILVARES, MÁRCIA BARCELOS GOMES
Ser ou não ser: do óptico aos modelos conceituais em Hamlet / MÁRCIA BARCELOS GOMES SILVARES. -- Rio de Janeiro, 2025.
98 f.

Orientador: Luis Fernando Sayão .
Coorientadora: Luana Farias Sales .
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola da Comunicação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2025.

1. indexação. 2. relações ópticas. 3. Europeana Data Model. 4. William Shakespeare. 5. Literatura Inglesa. I. Sayão , Luis Fernando, orient. II. Sales , Luana Farias, coorient. III. Título.

MÁRCIA BARCELOS GOMES SILVARES

**SER OU NÃO SER:
DO ÔNTICO AOS MODELOS CONCEITUAIS EM HAMLET**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) e a Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Eco-UFRJ), como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Orientador Prof. Dr. Luis Fernando Sayão.
Coorientadora: Profa. Dra. Luana Farias Sales.

Rio de Janeiro, 27 de fevereiro de 2025.

Prof. Dr. Luis Fernando Sayão (Orientador) PPGCI Ibict/Eco-UFRJ

Profa. Dra. Luana Faria Sales (Coorientadora) PPGCI Ibict/Eco-UFRJ

Profa. Dra. Vânia Lisboa da Silveira Guedes (Membro interno) PPGCI Ibict/Eco-UFRJ

Profa. Dra. . Naira Christofolletti Silveira (Membro suplente interno) PPGCI Ibict/Eco-UFRJ

Profa. Dra Tatiana de Almeida (Membro externo)

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

AGRADECIMENTOS

A Deus por todo sustento no decorrer desta pesquisa. “Porque o Senhor Deus é um sol e escudo; o Senhor dará graça e glória; não retirará bem algum aos que andam na retidão.” (Salmos 84:11)

Aos meus pais (Pedro e Rosana) por todo o apoio para que este trabalho fosse possível. Sem vocês a minha vida acadêmica e profissional não seria uma realidade.

Ao meu marido (Marton) e à minha bebê arco-íris (Clarice) por me motivarem a não desistir de viver com o objetivo de ser feliz. Amo vocês.

Ao meu irmão (Hélio) e seus rebentos: Panduca (Duda), Joãozinho e Liz por todos os momentos de alegria que sempre deram sentido à minha vida.

Aos membros da Igreja Cristã Maranata (ICM) em Marechal Hermes por toda a oração para que esta dissertação fosse possível. (Foi muita oração mesmo kkk)

Aos meus orientadores Sayão e Luana pelas sugestões de tema e por acreditarem no estudo de obras literárias.

À banca composta pelas professoras Tatiana e Vânia (quantos anos de parceria, né?) pelos apontamentos na qualificação. Vocês foram fundamentais para este trabalho.

À minha amiga Débora Nascentes que leu e releu a versão final desta dissertação. Quanta paciência!

RESUMO

SILVARES, Márcia Barcelos Gomes. **Ser ou não ser: do ôntico aos modelos conceituais em Hamlet**. 2025. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação, IBICT, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2025.

A presente pesquisa analisa a aplicabilidade das relações ônticas no processo de indexação e representação de obras literárias, dada a escassez de estudos no escopo da organização do conhecimento voltados para a área da Literatura. Obras literárias em geral são organizadas, muitas vezes, de acordo com o gênero textual, tal prática, contudo, não leva em consideração que obras como as shakespearianas podem ser classificadas em dois ou mais gêneros. Assim, temos por objetivo geral propor um modelo semântico de indexação que promova melhor recuperação de obras literárias e seu consequente reuso, tendo como base as categorias utilizadas no *Europeana Data Model*. A obra escolhida para a análise e levantamento das categorias conceituais foi a tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca, de William Shakespeare (1564-1616). Tal escolha se deve à qualidade da obra shakespeariana e ao grande volume de documentos de diferentes naturezas que demandam um tratamento mais cuidadoso, ao se considerar a riqueza dos assuntos abordados na peça e seus desdobramentos em diferentes áreas do conhecimento, tais como a Filosofia, Ciência da Literatura, Psicologia etc. O presente trabalho possui características de uma pesquisa bibliográfica e qualitativa que utiliza fontes secundárias (teses, dissertações e artigos) para fundamentar o referencial teórico e a apresentação de resultados, a fim de conhecer o estado da arte, soluções e deficiências nos estudos de indexação de obras literárias. Em conclusão, percebemos que o *Europeana Data Model* se configura como uma importante base na elaboração de modelos conceituais que possam facilitar a indexação por meio dos assuntos principais de obras literárias permitindo maior recuperabilidade em sistemas de organização do conhecimento.

Palavras-chave: indexação; relações ônticas; Europeana Data Model; Hamlet; William Shakespeare.

ABSTRACT

SILVARES, Márcia Barcelos Gomes. **Ser ou não ser: do ôntico aos modelos conceituais em Hamlet**. 2025. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação, IBICT, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2025.

The present research analyses the applicability of ontic relations in the process of indexing and representing literary works, given the lack of studies in the scope of organizing knowledge specific to the area of Literature. Literary works in general are often organized according to textual genre; this practice, however, does not take into account works such as Shakespearean Works, that can be defined in two or more genres. Thus, our general objective is to propose a semantic indexing model that promotes better retrieval of literary works and their consequent reuse, based on the categories used in the *Europeana Data Model*. The work chosen for the analysis and survey of conceptual categories will be the tragedy of Hamlet, Prince of Denmark, by William Shakespeare (1564-1616). This choice is justified due to the quality of Shakespeare's work and the large volume of documents of different natures that require more careful treatment, when considering the wealth of interests involved in the play and its developments in different areas of knowledge, such as Philosophy, Science of Literature, Psychology etc. The present work has characteristics of a bibliographical and qualitative research that uses secondary sources (theses, dissertations and articles) to support the theoretical framework and the presentation of results, in order to understand the state of the art and solutions and deficiencies in indexing studies of literary works. In conclusion, we realize that *Europeana Data Model* is an important basis for developing conceptual models that can facilitate indexing through the main subjects of literary works, allowing greater retrievability in knowledge organization systems.

Keywords: indexing; ontic relations; Europeana Data Model; Hamlet; William Shakespeare.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Análise de Lancaster	14
Figura 2 – Drama do Período Elisabetano, 1558-1625.....	22
Figura 3 – Esquema de Classificação Shakespeariano de Willoughby (capa).....	23
Figura 4 – Esquema de Classificação Shakespeariano de Willoughby (prefácio e classes principais)	24
Figura 5 – Esquema de Classificação Shakespeariano de Willoughby (página 4)	25
Figura 6 – Desenho do <i>Globe Theater</i> , 1576.....	31
Figura 7 – Foto Atual do <i>Globe Theater</i> (Terceira Reconstrução)	31
Figura 8 – Primeiro <i>Folio</i>	32
Figura 9 – Organização das peças no Primeiro <i>Folio</i>	33
Figura 10 – Lista das peças no Primeiro <i>Folio</i>	33
Figura 11 – Elogio à Shakespeare	34
Figura 12 – Lista nominal dos atores.....	34
Figura 13 – Edição de Nicolas Rowe.....	36
Figura 14 – Correlação Aristotélica	52
Figura 15 – <i>Information Code Classification (ICC)</i>	53
Figura 16 – ICC integrado ao <i>Systematifier</i>	56
Figura 17 – Categorias do <i>Systematifier</i>	58
Figura 18 – Tipos de ontologias	63
Figura 19 – Aplicação do EDM em substituição ao WEMI.....	70
Figura 20 – Tradução do WEMI para o EDM.....	71
Figura 21 – Representação da aplicação do EDM em Hamlet.....	72
Figura 22 – Aplicação do EDM ao FRBRoo.....	72

Figura 23 – O Moldávia (Vltava).....	82
Figura 24 – Dimensões aplicadas à peça Hamlet.....	83
Figura 25 – Dimensões e facetas documentais: quadro geral.....	85
Figura 26 – Dimensões e facetas documentais: aplicado na peça Hamlet.....	86

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Características dos gêneros literários em diferentes períodos históricos.....	5
Quadro 2 – Linha do tempo	37
Quadro 3 – Dimensões e suas definições	48
Quadro 4 – Construtos e Definições	51
Quadro 5 – Entidades e Propriedades.....	68
Quadro 6 – Correlação dos objetivos específicos com as etapas metodológicas e os resultados	75
Quadro 7 – Busca nas bases de dados	76
Quadro 8 – Referência dos documentos selecionados.....	79
Quadro 9 – Organização da peça Hamlet	84

LISTA DE SIGLAS

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior
CDD	Classificação Decimal de Dewey
CDU	Classificação Decimal Universal
CI	Ciência da Informação
CIDOC CRM	CIDOC Conceptual Reference Model
EAD	<i>Encoded Archival Description</i>
EDM	<i>Europeana Data Model</i>
FRBRoo	<i>Functional Requirements for Bibliographic Records object-oriented</i>
GLAM	<i>Galleries, libraries, archives and museums</i>
ICC	<i>Information Code Classification</i>
ISKO	<i>International Society for Knowledge Organization</i>
LIDO	<i>Lightweight Information Describing Objects</i>
LOD	<i>Linked Open Data</i>
MARC 21	<i>Machine Readable Cataloging</i>
MEMEX	Amálgama de Memória e Índice
OC	Organização do Conhecimento
PMEST	<i>Personality, Matter, Energy, Space, Time</i>
SRI	Sistemas de Recuperação da Informação
SOCs	Sistemas de Organização do Conhecimento
TICs	Tecnologias de Informação e Comunicação
WEMI	<i>Work-Expression-Manifestation-Item</i>
W3C	World Wide Web Consortium

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO: primeiro ato.....	11
1.1	JUSTIFICATIVA.....	13
1.2	PROBLEMA.....	17
1.3	OBJETIVOS.....	19
2	DO GÊNERO À FORMA: das obras shakespearianas ao objeto de pesquisa.....	21
3	ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: das relações ônticas ao EDM..	45
3.1	O OBJETO ÔNTICO E O SYSTEMATIFIER DE DAHLBERG: o ser no mundo e a sua sistematização.....	49
3.2	CIDOC CONCEPTUAL REFERENCE MODEL (CIDOC-CRM) E O EUROPEANA DATA MODEL (EDM): modelos para contextualizar o ser.....	65
4	PERCURSO METODOLÓGICO.....	74
5	RESULTADOS: a aplicação do ser na Ciência da Informação	81
	REFERÊNCIAS	90
	ANEXO A - CONTINUAÇÃO DO QUADRO.....	96

1 INTRODUÇÃO: primeiro ato

Um texto literário de qualidade não nasce em meio a um vácuo intelectual, na verdade tal surgimento está relacionado a todo um contexto que influencia e molda as escolhas de enredo, estilo e tema. Não foi diferente no caso de William Shakespeare (1564-1616), que soube como poucos transpor sua realidade para peças e poemas com excelência tanto no que diz respeito ao estilo e métrica quanto à relevância dos assuntos abordados na sua obra. Bardo ou Cisne de Avon foram alguns dos apelidos conferidos a este grande dramaturgo, cuja obra resistiu ao maior de todos os desafios, o desafio de se manter atual e relevante para leitores de diferentes épocas, fato que é corroborado pela constante adaptação de suas peças para diferentes gêneros como filmes, novelas, quadrinhos etc. (Heliodora,2014)

A complexidade que permeia a obra de Shakespeare, ou textos literários em geral, é um grande desafio para profissionais da informação no momento da indexação. Desafio esse que consiste em representar os assuntos de maneira que a comunidade discursiva, a quem se deseja atender, possa buscar e recuperar informações pertinentes. Neste sentido, a Organização do Conhecimento (OC) estabelece relação com a Biblioteconomia e a Ciência da Informação (CI) e dispõe de estudos teóricos e empíricos que possibilitam o estudo das redes de relações semânticas de terminologias de um domínio do conhecimento especializado e a criação de modelos conceituais de Sistemas de Organização do Conhecimento (SOCs).

No domínio da Literatura, a tarefa de organizar os documentos produzidos se configura como uma tarefa árdua para os profissionais que desenvolvem sistemas específicos a essa comunidade discursiva, pois obras literárias possuem relações que não são visíveis durante uma leitura superficial. Assim, o indexador precisa conhecer os bastidores do texto que irá tratar a fim de realizar um trabalho de qualidade e que permita maior recuperabilidade quando for inserido em base de dados ou sistemas de organização da informação.

A CI, desde a sua origem, se debruça no desenvolvimento de teorias e ferramentas que possam contribuir com outras áreas para a organização, recuperação e disseminação de informações relevantes que são ativos essenciais ante a uma sociedade cada vez mais integrada, conectada e exigente em qualidade e prazos. Dessa forma, o percurso histórico demonstra uma preocupação constante com o amadurecimento de teorias e fazeres, em parceria com outras áreas do conhecimento, para avançar na criação de meios que possibilitem que as demandas informacionais das mais diferentes comunidades discursivas possam ser sanadas.

A CI, segundo Saracevic (1996), surgiu no período após a Segunda Guerra Mundial como um campo interdisciplinar e com um forte aspecto tecnológico. Tais características estão

intimamente ligadas ao cenário social, político e documental que se iniciou no período da Guerra, pois a sociedade nesse período histórico demandou de maneira mais efetiva soluções cada vez mais ágeis às suas necessidades informacionais por conta do caos documentário que em que estava imersa. O autor ainda pontua que o artigo de Vannevar Bush “*As we may think*” foi um marco no sentido de desenvolver estratégias e técnicas para organizar a “explosão informacional” que o período bélico promoveu. Um produto da tecnologia desse estudo foi uma ferramenta abstrata denominada MEMEX (Amálgama de Memória e Índice), sendo conceituada como uma máquina capaz de “[...] associar ideias, que duplicaria “os processos mentais artificialmente”. É bastante evidente a antecipação ao nascimento da CI e, até mesmo, da inteligência artificial.” (Saracevic, 1996, p. 43)

Ao avançar para as décadas de 1950 e 1960, Saracevic afirma que muito se pensou e debateu acerca de soluções para a organização, representação e recuperação da informação, sendo maior o destaque para o surgimento do termo “recuperação da informação”, cunhado por Calvin Mooers (1951), que levantou os seguintes questionamentos: “[...] como descrever intelectualmente a informação?; como especificar intelectualmente a busca?; que sistemas, técnicas ou máquinas devem ser empregadas?” (Saracevic, 1996, p. 44). O amadurecimento de sistemas mais robustos, na década de 1970, promove a incorporação do termo “Recuperação da Informação” a um processo maior e se torna parte integrante do sistema de conhecimento, pois visa facilitar a comunicação e troca de informações entre indivíduos dentro de sua comunidade e entre organizações.

As questões levantadas por Mooers são basilares para a CI e para a Ciência da Computação, pois demonstram os esforços de teóricos, especialistas e técnicos para o desenvolvimento de Sistemas de Recuperação da Informação (SRI) que respondam de maneira cada vez mais adequada não só a demanda de usuários, mas que também possam refletir o discurso veiculado em uma determinada comunidade discursiva. Ou seja, compreendem a informação como um ativo poderoso no estabelecimento de relações que representam a visão de mundo dos membros de uma comunidade que tem suas particularidades e dinamismo.

Para Borko (1968), é importante o estabelecimento de construtos teóricos que contribuam para a consolidação da CI como uma ciência de grande relevância para a sociedade da informação, pois afirma que a CI é uma disciplina que “[...] investiga as propriedades e comportamentos da informação, o uso e a transmissão da informação, e o processamento da informação, visando uma armazenagem e uma recuperação ideal.” (Borko, 1968, p. 4). A fala do teórico demonstra a necessidade de se considerar o dinamismo informacional, já presente na sociedade da época, e a necessidade de (re)pensar o fazer do profissional da informação que

atua em espaços constituídos para o tratamento e a descrição de documentos e a posterior disponibilização em sistemas naturais e/ ou artificiais.

A partir do breve histórico da CI é possível perceber a importância dos estudos para o desenvolvimento de SOCs e ferramentas que estejam sempre intimamente conectadas às demandas de uma comunidade discursiva cada vez mais exigente de usuários. No decorrer desta pesquisa será possível observar que a área de Literatura carece de mais pesquisas e produtos que possam abarcar as particularidades das obras literárias. Pesquisadores como Saarti (2019), Marcondes (2016) e Gnoli (2012), por exemplo, demonstram em seus estudos a necessidade em se tratar documentos literários tomando como base suas dimensões (nas palavras de Gnoli) para promover um processo de levantamento de termos e, conseqüente, indexação especializada e detalhada.

Marcondes (2016) destaca que iniciativas para o desenvolvimento de modelos conceitos como o *Europeana Data Model* (EDM), por exemplo, permitem a integração e disponibilização de acervos de diferentes instituições e naturezas. Tal ferramenta se propõe a cobrir o máximo de características de um documento literário e demanda do profissional da informação ou bibliotecário um trabalho mais aprofundado e cuidadoso do assunto a ser abordado.

Para o estabelecimento das relações semânticas entre conceitos de uma área é necessário que seja criado um ambiente colaborativo e interdisciplinar, desta forma, é primordial a cooperação de pesquisadores e usuários da área que se deseja trabalhar. No caso do presente projeto percebeu-se a necessidade de se conhecer o que os principais autores da área de estudos shakespearianos tinham o que dizer acerca da obra de Shakespeare e da peça Hamlet, pois muitas associações e influências importantes perpassam por contextos sociais, históricos e filosóficos.

A relevância desta pesquisa para a área de Literatura se enquadra na necessidade em se pensar e buscar outros olhares para o processo de indexação de obras literárias, a fim de oferecer maior visibilidade às suas especificidades por meio de representações mais fidedignas nos Sistemas de Informação. Além disso, pesquisas que conjugam obras literárias e indexação permitem a investigação do estado da arte acerca de estudos que tratam sobre a busca e a recuperação de textos ficcionais em uma sociedade que demanda informações de maneira cada vez mais eficiente e integrada. Já que é bem sabido que outras áreas do conhecimento, como as Engenharias e Saúde, dispõem de bases, vocabulários controlados e ontologias que facilitam o trabalho do indexador no seu cotidiano, é assim indispensável que a Literatura também comporte tais instrumentos para o profissional indexador que trabalhe com este tipo de documento.

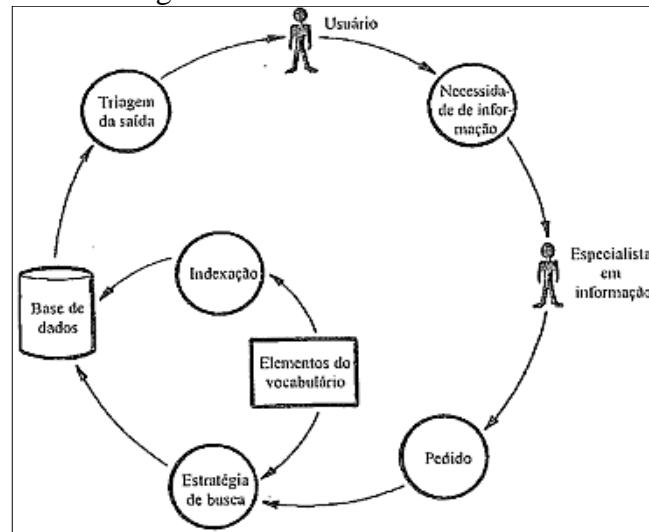
1.1 JUSTIFICATIVA

A presente pesquisa se justifica pela necessidade de estudos que possam considerar o objeto real, isto é, o objeto ôntico, e as representações deste em SOCs para descrição e análise de obras literárias. Tendo em vista o objeto ôntico como um ponto de partida, temos as seguintes possibilidades para os SOCs: o estabelecimento de assuntos e relações que enriqueçam o processo de indexação; a contribuição para uma busca e recuperação mais eficazes e eficientes em SRI; o desenvolvimento de tesouros e vocabulários controlados para um controle mais amplo no campo da indexação; por fim, oferecer subsídios para os estudos na CI voltados para processos mais arrojados de indexação de itens pertencentes ao escopo do universo de textos literários.

Os textos literários são documentos que, por vezes, são analisados tendo como ferramentas os sistemas de classificação tradicionais como a Classificação Decimal de Dewey (CDD) e a Classificação Decimal Universal (CDU). Tal prática limita o processo de indexação, pois não oferece ao profissional a possibilidade de transpor a superfície e se estender para além do conteúdo expresso no próprio documento. Desta forma, acreditamos que esta pesquisa poderá promover um outro olhar no fazer do indexador ao fornecer aos usuários maior riqueza informacional no estabelecimento de assuntos de um dado documento literário.

A respeito dos estudos de indexação, Lancaster (2004) demonstra preocupação com a falta de tempo e dificuldade por parte do indexador no processo de indexação de assuntos, composto por duas etapas: a análise conceitual: identificação do assunto de um documento; e a tradução: atribuição de termos padronizados a um documento que será incluído no acervo de uma Unidade de Informação ou base de dados, a partir da consulta em vocabulários controlados, cabeçalhos de assunto etc. A grande questão é que na área de Literatura a escassez de linguagens padronizadas abre margem para uma série de inconsistências que irão impactar no usuário de uma Unidade de Informação, pois sua demanda informacional poderá não ser respondida a contento.

Figura 1 – Análise de Lancaster



Fonte: Lancaster (2004)

A Figura 1 demonstra que a falta de coerência e a baixa qualidade na indexação podem prejudicar a saída no sistema, pois é essencial que “[...] o especialista em informação precisa entender o que é que o usuário realmente precisa.” (Lancaster, 2004, p. 84). Assim, não basta apenas conhecer de maneira superficial a área do conhecimento a ser representada, mas compreender as demandas da comunidade discursiva e os assuntos que são mais representativos.

Contudo, a Figura 1 elaborada por Lancaster ainda não considerava o objeto ôntico, o objeto do mundo real, e sua representação em sistemas de informação, ou seja, não considerava diferentes aspectos de uma obra literária ao lançar mão apenas de elementos de um vocabulário. Assim, Saarti (2019) acrescenta que a classificação e a indexação tradicionais se baseiam nas classificações de gêneros literários para descrever e representar uma obra literária, na visão do autor este tipo de abordagem pode acarretar limitações, pois dentro de uma mesma obra podemos identificar a ocorrência de diferentes tipos de gêneros, uma vez que a arte e a expressão poética não são tão rígidas.

O termo *gênero* é utilizado em diferentes áreas do conhecimento, no domínio das Artes e Literatura o termo gênero literário está relacionado aos estudos que visam auxiliar na classificação e hierarquização de obras literárias, sendo o agrupamento realizado por meio de características semelhantes entre as obras. No âmbito dos estudos da Teoria Literária, Soares (2010) afirma que os esforços voltados para classificar obras literárias, no Ocidente, remontam à Antiguidade greco-romana e ainda se percebe muitas modificações nos limites entre os

gêneros literários na atualidade, sendo assim, é possível observar o aparecimento de novos gêneros ou a combinação de diferentes gêneros, como pode-se observar no Quadro 1, a seguir:

Quadro 1 – Características dos gêneros literários em diferentes períodos históricos

Teórico / Período Histórico	Características dos gêneros literários
Platão (428 a.C. – 347 a.C.)	Pioneiro a refletir acerca dos gêneros literários: “[...] a comédia e a tragédia se constroem inteiramente por imitação, os ditirambos apenas pela exposição do poeta e epopeia pela combinação dos dois processos.” (Soares, 2010, p. 9). No livro III da República de Platão, as artes têm uma função moralizante e as obras literárias são classificadas em por meio da <i>mimesis</i> (imitação), sendo o poeta um imitador da obra do artesão.
Aristóteles (364 a.C. – 322 a.C.)	Recusa a hierarquia platônica e em a Poética enfatiza a importância do conteúdo das obras e introduz um novo olhar sobre a <i>mimesis</i> (imitação) artística, com isso o filósofo propõe a valorização do fazer poético tendo como resultado a identificação das diferentes modalidades ou gêneros de poesia, a saber: o meio da <i>mimesis</i> (ritmo, melodia e verso), o objeto da <i>mimesis</i> (o herói trágico é construído como um ser de elevado conhecimento e com possibilidade de mudar o mundo); o modo da <i>mimesis</i> (processo narrativo - épico; processo dramático - comédia e tragédias).
Horácio (65 a.C. – 8 a.C.)	Exalta os poetas que evitassem o hibridismo entre os gêneros (classicismo do século XVI) e a literatura tem uma função moral e didática.
Período Medieval	Rompimento com a tradição clássica e o surgimento de novos conteúdos. Dante Alighieri classifica o estilo em nobre (epopeia e a tragédia), médio (“comédia, diferenciada da tragédia por seu final feliz” (Soares, 2010, p.12) e humilde (elegia).
Renascimento (século XVI)	Retoma a <i>mimesis</i> aristotélica, mas “[...] como imitação da natureza e não como um processo de recriação.” (Soares, 2010, p.12) Observa-se maior rigidez e normalização da teoria dos gêneros.
Racionalismo de Boileau	Hierarquização entre os gêneros, à classe social da personagem e ambiente, sendo os gêneros maiores: tragédia e epopeia e os gêneros inferiores: comédia e farsa.
Pré-romantismo e Romantismo (século XVIII)	Questionamento das regras clássicas e do conceito da <i>mimesis</i> voltada para a repetição de modelos. Filósofos do Romantismo: Friedrich Schlegel (1772-1829)
Ciências Naturais e Gêneros Literários	Na segunda metade do século XIX os estudos literários sofrem forte influência das ciências naturais, Ferdinand Brunetière (1849-1906) “[...] defende a ideia de que uma diferenciação e uma evolução dos gêneros literários se dão historicamente, como nas espécies naturais, sendo também determinadas por fatores como raça ou a herança, as condições geográficas, sociais, históricas e a individualidade.” (Soares, 2010, p. 13)
Gêneros literários no século XX	Mikhail Bakhtin (1895-1975) contribui para os estudos literários ao tratar acerca da percepção, “Além dos traços da linguagem, era necessário que se levassem em conta as expectativas do receptor, bem como a maneira como a obra literária capta a realidade.” (p. 16) Já Roman Jakobson (1896-1975) “[...] identifica o literário como o predomínio da função poética sobre as demais e, com relação aos gêneros, acrescenta que abaixo da função poética dominante estaria, na épica, a função referencial (centrada na 3ª pessoa), na lírica (voltada para a 1ª pessoa), se situaria a função emotiva, e na dramática (ligada à 2ª pessoa), se localizaria a função conativa.” (Soares, 2010, p. 17)

Adaptado de: Soares (2010).

Swales (1990) trabalha com o conceito de gênero em diferentes áreas, no domínio da Literatura. O autor afirma que a delimitação e categorização dos gêneros literários em estilos estanques é um tema polêmico, para os estudiosos denominados pelo autor como folcloristas (por razões históricas) o gênero tem sua relevância relacionada à forma e estilo tradicionais.

Já para os críticos literários e teóricos, os gêneros literários representam estilos que podem ser conjugados e sofrem constantes modificações no decorrer da história, ou seja, não

são estanques. O autor acrescenta que os gêneros literários não devem ser uma categorização a ser abandonada, pois tem seu valor histórico, social e cultural, pois “[.] em uma sociedade desenvolvida gêneros mudam como um resultado de pressões internas e, por consequência, esquemas classificatórios são, na melhor das hipóteses um resultado secundário da análise.” (Swales, 1990, p. 38, tradução nossa)

Dessa forma, os estudos desenvolvidos acerca dos gêneros literários estão profundamente relacionados ao contexto social, cultural e científico do momento em que foram analisados e ao pensar nessa dinâmica no contexto do processo de indexação e classificação no escopo da Biblioteconomia e CI, Fujita (2017, p. 3) acrescenta que:

As linguagens de indexação, bem como os esquemas de classificação bibliográfica e outros sistemas de organização e representação do conhecimento, são construções sociais que sofrem transformações culturais ao longo do tempo. Desta forma, a mudança no tratamento de disciplinas e assuntos está sujeita a alterações que relacionam o que é representado e o que não é representado.

Ao citar Nielsen (1997), Saarti (2019) corrobora com a importância e a relevância dos aspectos temáticos e narrativos, pois os estudos da Ciência da Literatura analisam como o enredo se desenvolve, além de aspectos sócio-históricos que influenciam a obra a ser analisada. Com isso, é fundamental contemplar o cerne de textos ficcionais ou literários: o assunto, ou seja, sobre o que as obras tratam.

Nesse sentido, optou-se por trabalhar com as peças trágicas de William Shakespeare (1564-1616), mais especificamente a tragédia intitulada Hamlet, o príncipe da Dinamarca, por conta da importância dessa peça para a cultura mundial, fato que pode ser comprovado pela frequência com que a sua obra foi adaptada para diferentes tipos de gêneros midiáticos ao longo das décadas, influenciando novas formas de expressão. Além disso, a complexidade e a riqueza das tragédias shakespearianas permitem que o indexador possa ter mais pontos de acesso que propiciam a recuperabilidade de documentos em bases de dados e SRI, pois Shakespeare escreveu seus enredos a partir de estruturas já existentes, como as tragédias gregas, sendo assim possível observar a influência de autores clássicos na sua obra, como Ovídio e Sêneca. Dessa forma, a partir da análise específica de uma obra desse autor, é possível expandir a aplicabilidade do estudo para obras de outros autores.

1.2 PROBLEMA

Ao se debruçar sobre obras literárias percebe-se que dispomos de poucas ferramentas para consulta de conceitos mais adequados para tratar os documentos de maneira satisfatória,

tais como: vocabulários controlados, tesouros e outros tipos de SOCs. Desta forma, é comum o uso das classificações tradicionais como a CDD para o levantamento dos assuntos principais, sendo a classe 8, sendo a sequência 800-809 dedicada para temas gerais e a sequência 810-899 voltada para literaturas de diferentes países. No entanto, classificações mais gerais como a CDD tendem a organizar obras literárias levando em consideração os gêneros literários tradicionais, idioma e a nacionalidade, deixando de lado as peculiaridades de cada obra que as tornam tão únicas. A partir das questões levantadas, nossa hipótese é que obras literárias poderiam ter maior recuperabilidade se a indexação temática da obra e a sua relação com o contexto em que surgiu fossem consideradas no processo de indexação.

Para delimitar nossa pesquisa e demonstrar possíveis soluções, optamos por trabalhar com uma das mais conhecidas tragédias de William Shakespeare, a saber: Hamlet, Príncipe da Dinamarca. A escolha desta peça se justifica pela importância desta para o cenário mundial pode ser comprovada por conta da grande quantidade de adaptações para teatro, cinema e outros tipos de manifestações artísticas. Outro ponto importante que se deve considerar é que Hamlet trata de assuntos que são basilares para a construção das relações sociais e familiares que temos até hoje ao tratar de sentimentos como amor, ódio, vingança e loucura. A atualidade dos temas tratados por Shakespeare são motivo de estudos não só no escopo das Ciências Literárias, mas também podem ser observados em outras áreas como: Psiquiatria, Filosofia, História etc.

A motivação da pesquisa se deu pela formação desta pesquisadora no curso de Letras (Português/ Inglês) na Universidade Federal do Rio de Janeiro, período em que se deu contato com o mundo da Literatura, mais especificamente com o cânone shakespeariano. Já na segunda graduação em Biblioteconomia, também pela mesma instituição, surgiu a oportunidade de conjugar o conhecimento adquirido nas duas áreas ao construir no Trabalho de Conclusão de Curso, em parceria com a professora Vânia Guedes e Maria José dos Santos, um protótipo de tesouro sobre a obra de Shakespeare dada a escassez de SOCs neste domínio.

O presente trabalho se ancora na tentativa de demonstrar a aplicabilidade dos estudos dos objetos ônticos, tomando por base os estudos das relações estabelecidas entre os objetos ônticos de Dahlberg e o modelo conceitual do EDM¹, no escopo dos estudos literários, combinados com o objeto da *mimesis* de Aristóteles para o aperfeiçoamento nos processos de indexação de obras literárias, mais especificamente em uma obra trágica de William Shakespeare, Hamlet.

¹ A Europeana é uma biblioteca digital que utiliza o EDM, um modelo de dados que possui interface interoperável que possibilita o reuso e enriquecimento cultural de acervos de metadados de patrimônios culturais. (Europeana, 2023)

Nesse sentido, desde a sua origem, a CI se debruça no desenvolvimento de teorias e ferramentas que possam contribuir com outras áreas para a organização, recuperação e disseminação de informações relevantes que são ativos essenciais ante a uma sociedade cada vez mais integrada, conectada e exigente em qualidade e prazos.

Ao se deparar com obras literárias o bibliotecário ou profissional da informação tem, diante de si, a árdua tarefa de transpor um texto literário em assuntos que possam representá-lo da melhor maneira possível. Assim, percebe-se que no domínio da Literatura, a organização dos documentos produzidos se configura como um desafio para os profissionais que desenvolvem sistemas específicos para essa comunidade discursiva, pois as obras literárias possuem relações que não são visíveis na superfície da primeira leitura. Dessa forma, é necessário ao indexador, ao tratar um texto, conhecer o contexto em que este foi concebido, a fim de realizar um trabalho de qualidade e que permita maior recuperabilidade quando for inserido em base de dados ou sistemas de organização da informação.

A dificuldade aumenta ao pensarmos que no domínio da Literatura dispomos de poucos vocabulários controlados, tesouros e outros tipos de SOCs que auxiliem na escolha mais assertiva dos assuntos de um determinado documento.

Soma-se a isso o fato de a indexação tradicional de obras literárias sempre ter priorizado uma abordagem muito genérica em detrimento de uma abordagem em que o conteúdo específico fosse usado como ponto de acesso às obras. Isto acontece por ser um trabalho custoso a indexação específica dessas obras, já que há necessidade de leitura de toda obra e uma indexação profunda de diversos aspectos que podem ser interessantes aos usuários.

Embora com o avanço tecnológico e a digitalização das obras, a criação e a possibilidades de busca por palavras, a busca por conteúdo dentro dos livros pudesse ter sido resolvida, a busca pela máquina ainda se limita às palavras, deixando de fora a possibilidade de busca por conceitos e ainda não sendo capaz de fazer relações semânticas inteligentes com outros elementos também disponíveis no mundo *Web*.

No entanto, supõe-se que as obras literárias poderiam ter maior recuperabilidade se os profissionais considerassem tanto a indexação temática da obra quanto a sua relação com o contexto de surgimento, isto é, temos que as relações associativas entre os conceitos existentes nos SOCs são capazes de ampliar o alcance das obras literárias.

A indexação tradicional cumpre seu papel ao estabelecer termos superficiais, mas ao trabalhar com obras literárias percebe-se que a riqueza dos textos é colocada em segundo plano. Assim, a prática tradicional impacta negativamente na busca e recuperação de documentos literários.

Neste sentido, a questão de pesquisa da presente dissertação é: Como estabelecer modelos semânticos refinados e elaborados que possam contemplar a complexidade temática e multidisciplinar de obras literárias como a tragédia Hamlet? Com base na necessidade de uma indexação específica para esta tipologia textual, a presente pesquisa pretende atender os seguintes objetivos, geral e específicos:

1.3 OBJETIVOS

Objetivo geral: para além da indexação tradicional, a presente pesquisa busca analisar como modelos conceituais como o EDM, conjugados ao conceito de objeto ôntico trabalhado por Dahlberg, podem aprimorar a indexação de obras literárias, promover a interoperabilidade entre sistemas e facilitar reuso de metadados

Objetivos específicos:

- a) Estudar e analisar as relações ônticas e a sua importância no processo de indexação e na representação de obras literárias;
- b) Mapear as relações ônticas presentes na peça Hamlet, uma das principais tragédias de William Shakespeare;
- c) Estudar as categorias do EDM e do CIDOC-Conceptual Reference Model (CIDOC CRM) e a sua aplicabilidade no processo de indexação e na representação de obras literárias;
- d) Estudar a relação entre os modelos semânticos e o *Systematifier* de Dahlberg;
- e) Compreender como os modelos semânticos podem auxiliar nos seguintes aspectos: auxiliar para um processo de indexação mais assertivo de obras literárias, interoperabilidade entre sistemas e o reuso de metadados.

A presente dissertação se inicia com a “Introdução: primeiro ato”, em que somos apresentados ao contexto da pesquisa no escopo CI, a justificativa para a realização do estudo, o problema e os objetivos geral e específicos. O segundo capítulo traz, de maneira breve, como a obra shakespeariana é representada na CDD e ainda apresenta um panorama dos principais aspectos da literatura shakespeariana, sua consolidação e contextualização como clássico da literatura mundial. No terceiro capítulo demonstra a relevância dos estudos ônticos e dos modelos conceituais para o enriquecimento de objetos literários, pois contribuem para a análise e representação do conhecimento no domínio da Literatura. O percurso metodológico está descrito no capítulo 4 e apresenta os passos para o levantamento bibliográfico que gerou o embasamento teórico da pesquisa. No capítulo cinco temos os resultados que retomam as

dimensões de Gnoli, o *Systematifier* de Dahlberg para o desenvolvimento de quadros que poderão auxiliar na representação dos objetos literários de maneira sistematizada, ao considerar o EDM e o CIDOC-CRM. Por fim, as considerações finais expõem as limitações da pesquisa, a necessidade da continuidade de estudos deste tipo e as análises que a dissertação gerou.

2 DO GÊNERO À FORMA: das obras shakespearianas ao objeto da pesquisa

POLÔNIO: São os melhores do mundo para tragédia, comédia, história, pastoral, comédia pastoral, pastoral histórica, pastoral trágico-histórica, trágico cômico-histórica, cenas sem divisão ou poesia sem limite. Para eles, Sêneca não é muito pesado nem Plauto leve demais. São únicos, tanto para ler como no improvisado. (Hamlet - Ato II, Cena II)

As obras clássicas da literatura refletem os sentimentos e atitudes que nos permitem identificar com personagens (vilões ou heróis) não importando o momento histórico em que os enredos foram concebidos. Tal associação se percebe na obra do dramaturgo William

Shakespeare (1564-1616), dada a profundidade de personagens e a análise do que nos constitui como humanos, causadas não apenas por erros ou falhas, mas por vulnerabilidades ou anseio de novos ares (Bloom, 1998).

No que tange às representações shakespearianas em sistemas, percebe-se maior esforço em organizar as peças de Shakespeare em gêneros com o intuito de facilitar sua localização nas estantes de bibliotecas e/ou repositórios institucionais, SOCs etc. Neste sentido, os estudos da Classificação e OC fornecem instrumentos para auxiliar na descrição de itens literários e, no caso do dramaturgo em questão, observamos que a CDD dedica uma classe com notação específica voltada para a obra de William Shakespeare (Figura 2).

A CDD, por exemplo, dispõe das notações 800-899 para a classificação de Literatura (Belas Artes), sendo utilizada a Tabela 3. Subdivisões de Literaturas Específicas, destinada para subdividir os assuntos tratados na classe 800, ou seja, abrangem “[...] coleções de obras literárias, à história e à crítica literárias, aos tipos de leitores e escritores, aos gêneros literários etc.” (Piedade, 1983). Para obras de e sobre um autor a Tabela 3 dispõe de orientações específicas para a formulação da notação final, no caso de Shakespeare e sua obra a CDD dispõe de uma notação pronta imediatamente após o período da Dramaturgia Elisabetana, sendo sua notação inicial: **822.33, sendo decomposta da seguinte forma: 800 – notação básica para literatura, 822- drama inglês, 822.3- drama do período elisabetano, 1558-1625; 822.33 – William Shakespeare.**

Assim, percebe-se a importância de situar um autor ou a sua obra no período histórico, considerar o idioma original da obra e o gênero literário/ textual. Contudo, ao analisar a classificação das peças percebemos a tendência em organizá-las somente por gênero (comédias, tragédias e peças históricas), tal prática se reflete no cotidiano das bibliotecas, pois Piedade (1983) já indicava tal prática em bibliotecas, ao afirmar que a tragédia Hamlet, por exemplo, muitas vezes é descrita somente a partir da abordagem que considera somente os gêneros textuais, prática que tende a deixar lado as possibilidades de subdivisões que estão disponíveis na Tabela 3.

As obras clássicas da literatura refletem os sentimentos e atitudes que nos permitem identificar com personagens (vilões ou heróis) não importando o momento histórico em que os enredos foram concebidos. Tal associação se percebe na obra do dramaturgo William Shakespeare (1564-1616), dada a profundidade de personagens e a análise do que nos constitui como humanos, causadas não apenas por erros ou falhas, mas por vulnerabilidades ou anseio de novos ares (Bloom, 1998).

Figura 2 – Drama do Período Elisabetano, 1558-1625

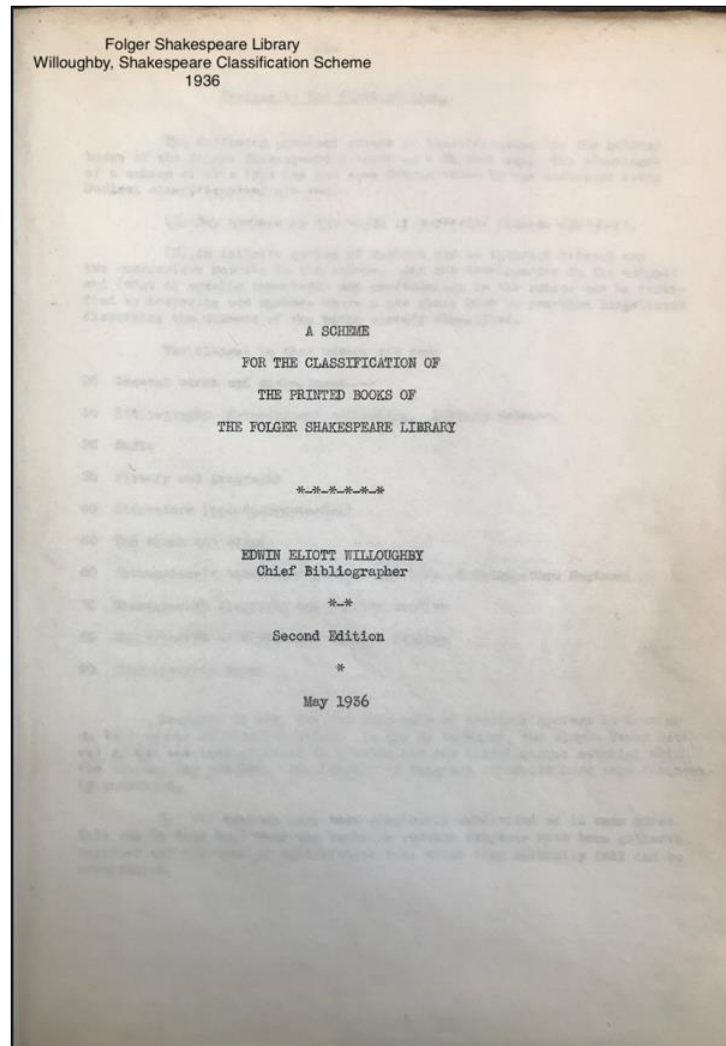
(1 Early period to 1959)	J Complete works in English with notes
(2 1960-1999)	K Complete works in translation
Class here 20th century	L Partial collections in English without notes
For 1900-1959, see 1	M Partial collections in English with notes
(3 2000-)	N Partial collections in translation
(OPTIONAL PERIOD TABLES FOR ENGLISH (For Asian countries))	O-Z Individual works
(1 Early period to 1858)	Use the first number of each pair for texts, the second for description and critical appraisal
(2 1858-1947)	Class poems in 821.3
(3 1947-1999)	O-R Comedies
Class here 20th century	O1-2 All's well that ends well
For 1900-1947, see 2	O3-4 As you like it
(4 2000-)	O5-6 The comedy of errors
(OPTIONAL PERIOD TABLES FOR ENGLISH (For Australia))	O7-8 Love's labour's lost
(1 Early period to 1889)	P1-2 Measure for measure
(2 1890-1945)	P3-4 The merchant of Venice
(3 1945-1999)	P5-6 The merry wives of Windsor
Class here 20th century	P7-8 A midsummer night's dream
For 1900-1945, see 2	Q1-2 Much ado about nothing
(4 2000-)	Q3-4 The taming of the shrew
(OPTIONAL PERIOD TABLES FOR ENGLISH (For New Zealand))	Q5-6 The tempest
(1 Early period to 1907)	Q7-8 Twelfth night
(2 1907-1999)	R1-2 The two gentlemen of Verona
(3 2000-)	R3-4 The winter's tale
(OPTIONAL PERIOD TABLES FOR ENGLISH (For South Africa))	S-V Tragedies
(1 Early period to 1909)	S1-2 Antony and Cleopatra
(2 1909-1961)	S3-4 Coriolanus
Class here 20th century	S5-6 Cymbeline
For 1900-1909, see 1; for 1961-1994, see 3; for 1994-1999, see 4	S7-8 Hamlet
(3 1961-1994)	T1-2 Julius Caesar
(4 1994-)	T3-4 King Lear
	T5-6 Macbeth
	T7-8 Othello
	U1-2 Pericles
	U3-4 Romeo and Juliet
	U5-6 Timon of Athens
	U7-8 Titus Andronicus
	V1-2 Troilus and Cressida
	W-X Histories
	W1-2 Henry IV, parts 1-2
	W3-4 Henry V
	W5-6 Henry VI, parts 1-3
	W7-8 Henry VIII
	X1-2 King John
	X3-4 Richard II
	X5-6 Richard III
	Y Poems
	(Optional numbers; prefer 821.3)
	Y1-2 General works
	Y3-4 Venus and Adonis
	Y5-6 The rape of Lucrece
	Y7-8 Sonnets
	Z Spurious and doubtful works)
820.1-820.9 Standard subdivisions; collections; history, description, critical appraisal of English literature	
***Segment as shown in Table 3, e.g., 820.80334	
Numbers built according to instructions under 820.1-828 and at beginning of Table 3	
821 English poetry	
Number built according to instructions under 820.1-828 and at beginning of Table 3	
822 English drama	
Number built according to instructions under 820.1-828 and at beginning of Table 3	
822.3 Drama of Elizabethan period, 1558-1625	
Number built according to instructions under 820.1-828 and at beginning of Table 3	
822.33 William Shakespeare	
(Option: Subarrange works about and by Shakespeare according to the following table, which may be adapted for use with any specific author:	
A Authorship controversies	
(Option: Class here bibliography; prefer 016.82233)	
B Biography	
D Critical appraisal	
Class critical appraisal of individual works in O-Z	
E Textual criticism	
Class textual criticism of individual works in O-Z	
F Sources, allusions, learning	
G Societies, concordances, miscellany	
H Quotations, condensations, adaptations	
I Complete works in English without notes	
	823 Fiction
	Number built according to instructions under 820.1-828 and at beginning of Table 3
	824 Essays
	Number built according to instructions under 820.1-828 and at beginning of Table 3
	825 Speeches
	Number built according to instructions under 820.1-828 and at beginning of Table 3

Fonte: Dewey² (2011).

Ao pensar em iniciativas que buscam o aprimoramento de SOCs e do processo de indexação, destacamos uma biblioteca especializada no cânone shakespeariano, a Folger Library, uma biblioteca especializada na obra shakespeariana, localizada em Washington DC. O responsável pelo setor de catalogação, Edwin Elliott Willoughby, criou um sistema de classificação datado de 1936 (Figuras 3, 4 e 5). Para a fundamentação teórica e organizadora foram utilizados os esquemas da *Library of Congress* e a estruturação decimal da CDD. Já na década de 1930 profissionais como Willoughby já buscavam um outro olhar a partir dos cabeçalhos de assuntos e sistemas de classificação e OC amplamente utilizados em sua época, que pudessem dar conta das particularidades presentes em obras literárias.

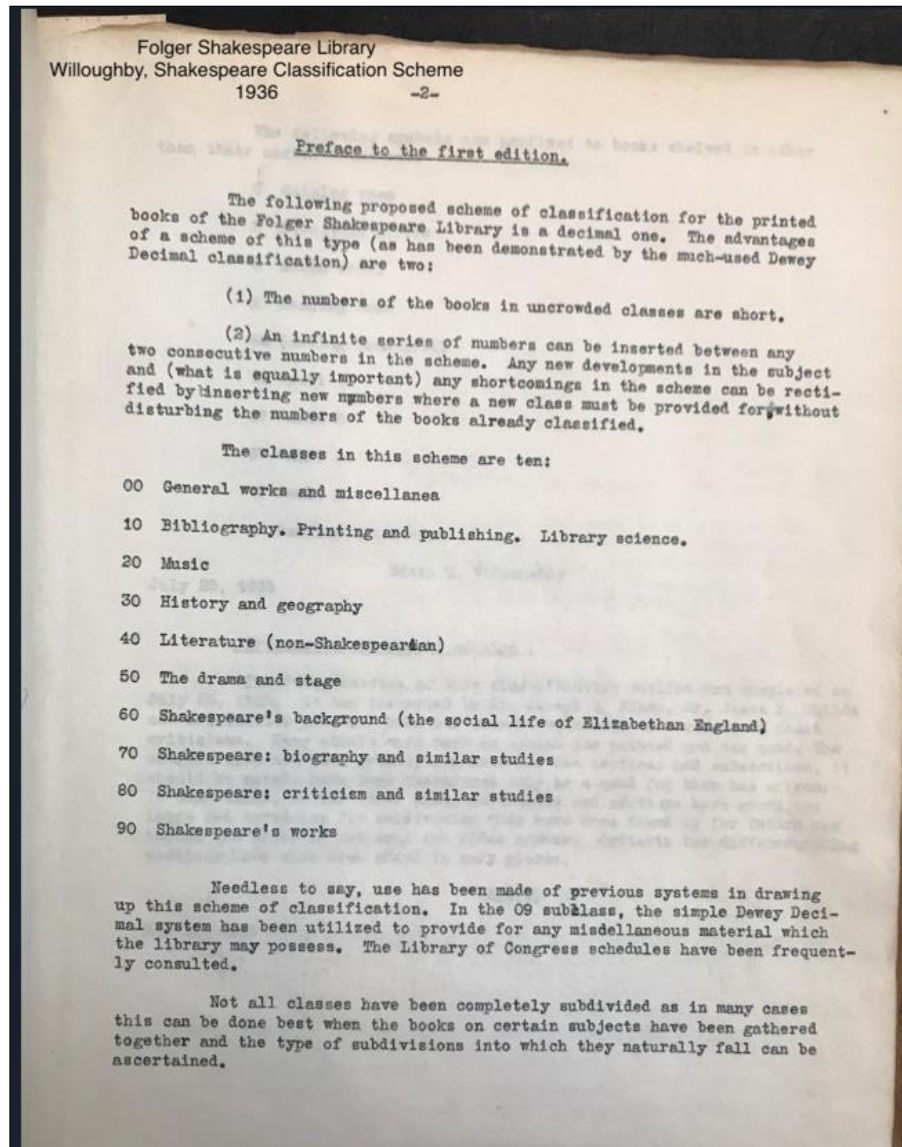
Figura 3 – Esquema de Classificação Shakespeariano de Willoughby (capa)

² DEWEY, M. *Dewey Decimal Classification and relative index*. 23 ed. Dublin: Online Computer Library Center, 2011. v.1-4



Fonte: Folger Library.

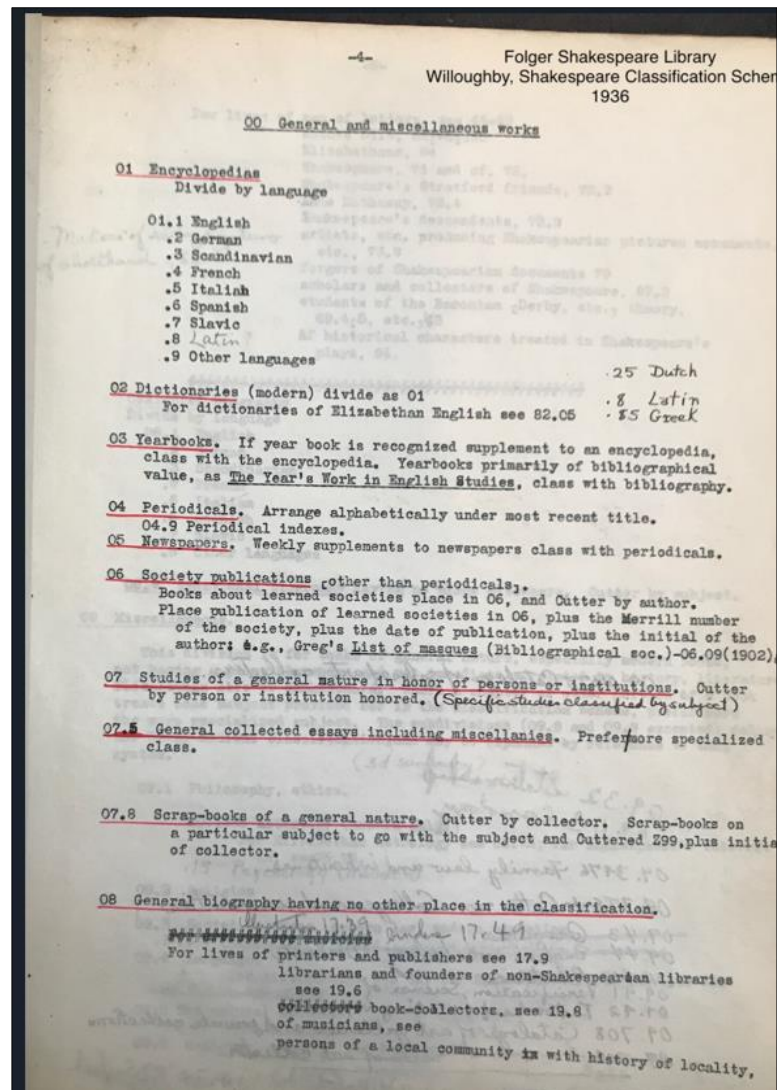
Figura 4 – Esquema de Classificação Shakespeariano de Willoughby (prefácio e classes principais)



Fonte: Folger Library.

Figura 5 – Esquema de Classificação Shakespeariano de

Willoughby (página 4)



Fonte: Folger Library.

A partir da leitura das figuras podemos perceber que a necessidade de se adequar o domínio e a sua representação tanto nas estantes dos acervos físicos quanto em sistemas automatizados é uma constante nas instituições. Sendo assim, as dificuldades em representar e buscar itens literários precisam ser exploradas e sanadas de alguma maneira. Ao pensar nas representações que tendem a somente considerar os gêneros literários no processo de indexação pensamos que não se leva em conta a riqueza das peças presente nas personagens e nos enredos, com isso os assuntos das obras deixam de ser abordados em Sistemas de Classificação de maneira completa, pois algumas peças têm características que podem ser englobadas em dois ou mais gêneros, como é o caso da tragicomédia que está presente em algumas peças de Shakespeare, como a *Tempestade*, *Mercador de Veneza* e *Conto de Inverno*.

Pois bem, ao se colocar no lugar de um bibliotecário ou profissional da informação que se depara com uma obra teatral de William Shakespeare, fica o questionamento: Como seria possível abordar esse tipo de documento? Em um primeiro momento, a atitude inicial é buscar conhecer um pouco mais sobre quem foi William Shakespeare e qual a sua importância para a literatura local e mundial? Dessa forma, o objetivo neste trabalho não é aprofundar as questões relativas à vida e obra do dramaturgo, uma vez que seria uma tarefa de difícil execução, pois muitos estudiosos dedicam o trabalho de uma vida para fazê-lo. Na verdade, as questões que serão abordadas são relevantes para a análise da obra de Shakespeare, mais especificamente acerca da tragédia Hamlet, com o intuito de estabelecer pontos de acesso importantes na indexação e análise dos assuntos tratados nas suas peças. Para tanto, é fundamental ter em mente que autores da estirpe de Shakespeare não surgem ao acaso, apesar de sua genialidade, ele é fruto de todo um contexto histórico, cultural e social; além do amadurecimento da escrita e estilo que são resultados do esmero no ofício da escrita, como lemos a seguir:

Será que Shakespeare foi um acidente? Será que a imaginação literária e as modalidades que lhe dão corpo são entidades tão sinuosas quanto a manifestação de um Mozart? Shakespeare não é um daqueles poetas que não precisam de passar por uma evolução, ou que parecem completamente formados desde o início, como acontece com aquela rara mão-cheia que inclui Marlowe, Blake, Rimbaud e Crane. Estes poetas até mesmo dificilmente parecem desabrochar: Tamburlaine (Parte I), Poetical Sketches, Iluminações, White Building são obras já no auge. Mas o Shakespeare das primeiras peças históricas e comédias burlescas, bem como o de Titus Andronicus, é só remotamente profético do autor de Hamlet, Otelo, O Rei Lear e Macbeth. Lendo ao mesmo tempo Romeu e Julieta e Antônio e Cleópatra, eu por vezes mal me consigo convencer a mim próprio de que o dramaturgo lírico da primeira peça criou as glórias cosmológicas da segunda. (Bloom; Santarrita, 1994, p. 58)

O teatro, no século XII, acontecia nos pátios das igrejas e tinha como pano de fundo as narrativas bíblicas, como a queda de Adão e Eva e o Paraíso. Os palcos eram móveis (teatro sobre rodas) e os atores, todos homens, encenavam peças com fundo moralizante e que não despertavam muita aceitação do público inglês. Entre o século XIV e XV as narrativas bíblicas ainda tinham uma certa aceitação na França e Inglaterra, mas o teatro inglês amadureceu e só caiu no gosto popular a quando passou a adotar a língua vernacular de cada comunidade e pôde tratar de temas pagãos, ou seja, passou-se a refletir o cotidiano das pessoas. Heliodora (2015) afirma que com a aceitação do teatro foi mais do que natural o movimento de saída das encenações da igreja para espaços com maior liberdade de temas e criação, mas a estrutura do palco se manteve. Assim, o teatro inglês passou para as guildas “[...] corporações de ofícios que eram mais do que sindicatos, porque tinham nas mãos o ensino desses mesmos ofícios.” (Heliodora, 2015, p. 16). A criação desses ofícios profissionalizou o fazer do ator, sendo esta a

razão pela qual somente homens poderiam participar de dramatizações, pois não havia ofícios para mulheres.

Na esfera política, ainda segundo Heliadora (2015), após o reinado dos irmãos, Eduardo VI e Mary Tudor, filhos de Henrique VIII, a Inglaterra se encontrava se encontrava falida e marcada por processos de perseguições religiosas que promoveram um grande desgaste no reino, sendo no reinado do primeiro monarca uma forte perseguição aos católicos e sob o comando de Mary a perseguição se voltou aos protestantes. Nesse contexto, em 1558, ascende ao trono Elizabeth I, filha do rei Henrique VIII e Ana Bolena, que consegue devolver a estabilidade política e social tão necessárias para o florescimento do teatro elizabetano.

Heliadora (2014) afirma que o teatro elisabetano surge a partir das observações e adaptações desenvolvidas por um grupo de jovens dramaturgos conhecidos como *university wits* (espíritos ou talentos universitários), sendo composto por John Lily, Thomas Lodge e George Peele (graduados na Universidade de Oxford), enquanto Robert Greene, Christopher Marlowe e Thomas Nash eram oriundos da Universidade de Cambridge. Thomas Kyd não é incluído neste grupo porque não há evidências de que ele tenha frequentado uma universidade, contudo sua obra é relevante para o florescimento e amadurecimento do teatro deste período, tendo sido inspiração e forte influência na escrita shakespeariana (Logan, 2016). O grupo era composto por autores que combinavam o melhor do popular teatro medieval e do teatro romano e desenvolveram, nos últimos anos quinze anos do século XV, um estilo narrativo de mais qualidade e atrativo ao público que já demandava mudanças por conta da nova realidade político-social, assim conferiu-se às narrativas dinamismo (ação), personagens com conflitos mais próximos da realidade e do governo, tudo isso tendo como ênfase a linguagem poética, por isso, a palavra era tão importante no enredo. Os autores elisabetanos utilizavam a palavra como ferramenta principal para cativar e capturar a atenção do seu público, sendo o teatro deste período denominado o teatro da palavra.

Na verdade, um encadeamento de acontecimentos que já ocorriam na Inglaterra do século XV e prosseguiram fornecendo assim o contexto político, social e cultural ideal para que autores de grande qualidade criassem obras que resistem até os nossos dias. Heliadora (2008) destaca alguns acontecimentos no âmbito social e cultural, na Inglaterra, que pavimentaram o caminho de dramaturgos tão célebres e culminaram no ambiente perfeito para o desenvolvimento e sucesso que seria desfrutado ainda em vida por William Shakespeare, tais como: as atividades teatrais, em 1590, se tornam mais frequentes na Inglaterra; a criação da imprensa; a profissionalização do ofício dos atores que precisavam se aprimorar e, até mesmo, atuar como autores, prática que elevou o nível das obras teatrais, pois a aceitação do público

era o termômetro da qualidade das peças; o Renascimento no teatro inglês; o inglês moderno (em torno de 1500); e a possibilidade da dramaturgia tratar de temas que versassem não somente a respeito de episódios religiosos, mas também acerca das “[...] agruras e alegrias da vida.” (Heliodora, 2008, p. 4).

Uma característica física marcante para o desenvolvimento do “teatro da palavra” é o tipo de palco utilizado no início do século XVI, tendo sido herdado (ou inspirado) nas carroças ambulantes da Idade Média. Heliodora (2008, p. 9), afirma que Londres, em 1576, recebe o seu primeiro teatro permanente, espaço cênico dependente das palavras do poeta para que a plateia pudesse visualizar o desenrolar do enredo, sendo primordial ao poeta grande habilidade no seu ofício, pois “[...] o teatro elizabetano existiu em função de sua linguagem poética, capaz de transformar aquele espaço cênico fixo, neutro, vazio - e por isso mesmo flexível- em qualquer coisa que o poeta tivesse capacidade de criar por meio da palavra.”.

A expressão “o teatro da palavra”, segundo Santos (2016), é utilizada também por conta do baixo número de alfabetizados entre os moradores da Inglaterra no período elizabetano e a estrutura física dos espaços teatrais disponíveis nesse período. Dessa forma, o estilo de escrita era todo pensado para demarcar de maneira clara as nuances das personagens e dos acontecimentos que se davam, Shakespeare lançava mão de diferentes recursos para prender a atenção da plateia, tais como o uso de versos em branco (*blank verse*) e o pentâmetro jâmbico (ou iâmbico) era utilizado para facilitar a memorização dos atores, dar dinamismo ao enredo (pois remete às batidas coração) e até mesmo, de acordo com Britto (2006), destacar algumas palavras para demonstrar sentimentos como nervosismo, frivolidade ou indignação, a depender da aceleração ou diminuição do ritmo empregado pelo autor ao utilizar o pentâmetro jâmbico. Ao lançar mão desse estilo de escrita Shakespeare já se distingue dos autores de seu tempo, como afirma Martins (2009, p. 28):

William Shakespeare foi o principal expoente do drama elisabetano, escrito caracteristicamente em pentâmetros jâmbicos, versos cuja forma canônica ideal consiste em cinco pés acentuados em todas as sílabas pares. Embora a forma predominante na poesia dramática desse período fosse o verso branco (não rimado), Shakespeare também usou muita rima, principalmente nas primeiras peças, introduzindo gradativamente a prosa, bastante presente na fase jacobina.

William Shakespeare (1564- 1616), filho de John e Mary Shakespeare, nasceu na cidade de Stratford-upon-Avon, Warwickshire, no coração da Inglaterra. Não se pode, à respeito da biografia de Shakespeare, precisar datas uma vez que não era comum manter um registro acurado de eventos da vida de uma pessoa tal como fazemos hoje. Com isso, a vida de

Shakespeare é envolta em algumas incertezas, tais como: não se sabe ao certo a data de nascimento exata do dramaturgo por conta da alta taxa de mortalidade infantil à época, com isso, era costume batizar os filhos dez dias após o nascimento; falta de registros do período que compreende sua juventude (1592-1598), sendo denominado de “Os anos Perdidos” (Santos, 2020). Tais lacunas são terreno fértil para grupos que questionam se o Bardo realmente existiu ou produziu uma obra tão extensa e diversa, atribuindo a autoria a figuras ilustres da época ou a um conjunto de autores já consagrados. No entanto, muitos estudiosos afirmam que é possível consultar no Registro Paroquial da Igreja da Santíssima Trindade informações a respeito da vida do dramaturgo, como seu casamento com Anne Hathaway, em 1582, quando ele tinha 18 anos e sua esposa 26 anos; e o nascimento de seus filhos, a saber: Susanna, Judith e Hamnet (falecido aos onze anos de idade) e as datas de falecimento de seus familiares (Heliadora, 2008). Além disso, Heliadora (2008, p. 15) argumenta que “Em uma época na qual os profissionais do teatro mal começavam a ser aceitos como membros mais ou menos respeitáveis da sociedade, há mais documentação sobre a vida de Shakespeare do que sobre a de qualquer de seus contemporâneos de profissão.”

A educação de Shakespeare se iniciou em uma *petty school* e, após ser devidamente alfabetizado, passou para a *grammar school* (equivalente ao ensino fundamental e médio). Este ciclo educacional permitiu ao futuro dramaturgo estudar diariamente latim, literatura clássica e retórica, tendo sido influenciado pelos seguintes autores: “Ovídio, de quem ele faz uso como inspiração e cita constantemente; Plauto, com quem aprendeu muito sobre a comédia; e Sêneca, com quem aprendeu outro tanto sobre a tragédia.” (Heliadora, 2008, p. 18) Apesar de não ter frequentado uma universidade, a qualidade das peças de William Shakespeare em nada fica devendo aos poetas e autores que produziram em sua geração e que possuíam bacharel, os chamados *university wits*. Para Heliadora (2008), além da genialidade de Shakespeare ser um fator determinante para a qualidade da sua escrita, o nível de instrução da *grammar school* era muito elevado e poucas pessoas obtinham recursos financeiros para cursar o nível superior naquela época, sendo assim, a maioria das pessoas não davam continuidade aos estudos.

A produção escrita de Shakespeare teve início em 1594, com dois poemas narrativos: *Vênus e Adônis* (1593) e o *Rapto de Lucrecia* (1594) e foi membro da Companhia teatral *Lord Chamberlain's*. O dramaturgo realizou a façanha de ser reconhecido ainda em vida ao compor personagens de profunda qualidade e enredos que cativavam o público londrino, sendo assim, Clark *et al.* (1960) afirmam que a sua principal atividade se volta para as peças teatrais, além disso foi proprietário de parte do teatro *Globe* e, possivelmente, atuou em encenações de sua autoria. Ainda segundo os autores, com a morte da rainha Elizabeth em 1603, Shakespeare e os

seus colegas passam a ser patrocinados por seu sucessor James I, e o grupo passa a ser conhecido como a Companhia *King's Men*. Ao se aposentar de suas atividades, William Shakespeare retorna a sua cidade natal, Stratford, como um homem rico e famoso (Clark *et al.*, 1960).

O desenvolvimento de Shakespeare como dramaturgo pode ser percebido à medida que as peças demonstram qualidade estilística e profundidade na construção das personagens, uma vez que adquirem diálogos reflexivos e uma consciência que não era percebida nas obras da época. Na verdade, o Bardo ou Cisne de Avon, como William Shakespeare era conhecido, conseguiu fazer com que a plateia e os leitores se identificassem com as situações que eram encenadas, seja nas comédias ou tragédias, que aconteciam num espaço totalmente dedicado para o aperfeiçoamento e propagação desta forma de arte tão cara ao teatro elisabetano, o *Theater*.

Segundo Heliadora (2014), o *Globe* (Figura 6) foi construído por James Burbage, pai de Richard Burbage que foi o primeiro ator a encenar os principais personagens das peças de Shakespeare, como Hamlet. Este espaço foi o primeiro dedicado exclusivamente à encenação de peças teatrais e foi primordial para a popularização e sucesso de dramaturgos como Shakespeare. Heliadora (2014) situa o teatro ao norte da muralha da cidade, longe da censura, pois poderia oferecer peças sobre os mais diversos assuntos com toda a liberdade e para diferentes classes sociais. O aspecto democrático do espaço cênico é observado na foto do atual teatro (Figura 7). Na bilheteria era possível adquirir ingressos para os mais ricos, aqueles que ficavam sentados, e para os mais pobres, ficavam em pé cercando o palco. A ida ao teatro era uma oportunidade de conhecer e se fazer conhecido, diferentes grupos sociais se encontravam e tinham a oportunidade de desfrutar de encenações que representavam o cotidiano da aristocracia, mas também do homem e da mulher comum. Assim, a interação entre a plateia e os atores era o tempero primordial para o desenrolar do enredo e aprimoramento de alguma fala ou ação, pois a reação do público conferia um *feedback* em tempo real da qualidade do espetáculo num ambiente intimista. Santos (2020) acrescenta ainda que o público londrino era influenciado por uma forte cultura oral, fato que pode ser comprovado pela palavra *audience*, que tem origem no latim *audientia*³, do verbo *audio* (ouvir), sendo assim, a audiência que frequentava os teatros estava habituada a usar da imaginação e demandava dos dramaturgos enredos ricos em significado e carregados de simbolismo.

³ LEWIS, Charlton T. **A Latin Dictionary**. Oxford: Clarendon Press, 1879.

Figura 6 – Desenho do *Globe Theater*, 1576



Fonte: <https://www.shakespearesglobe.com/discover/about-us/globe-theatre/>

Figura 7 – Foto Atual do *Globe Theater* (Terceira Reconstrução)



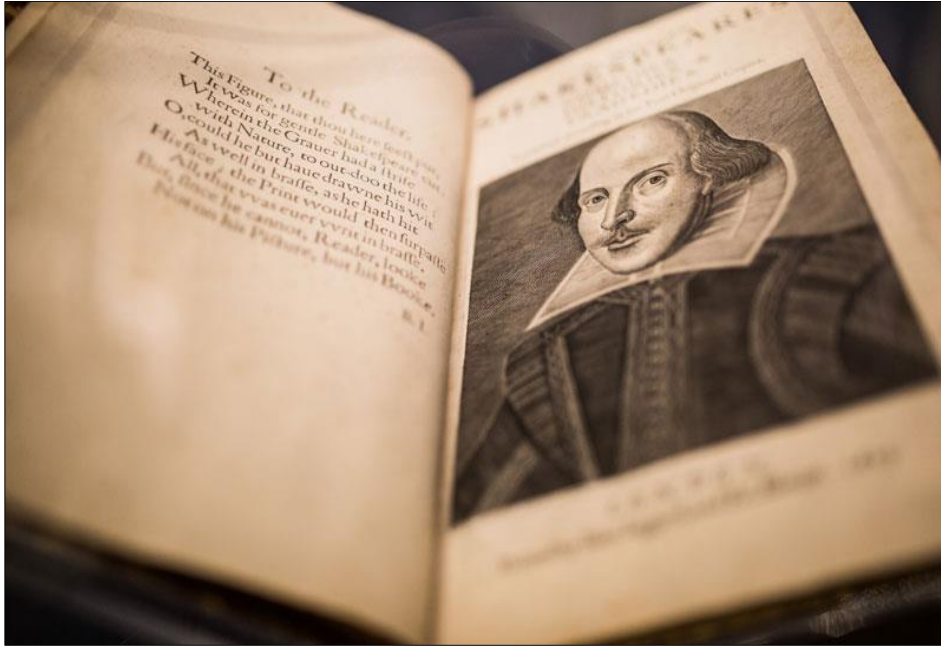
Fonte: <https://www.shakespearesglobe.com/discover/about-us/globe-theatre/>

Contudo, segundo Santos (2016), no desenrolar das peças desse período era muito comum que ocorresse a pirataria, pois ainda não existia a ideia de direitos autorais como conhecemos hoje. Tal hábito promoveu o surgimento de diferentes versões de uma mesma peça teatral, sendo que as pirateadas não contêm, muitas vezes, falas completas e, até mesmo, desfechos distintos, uma vez que sofreram adaptações no momento da transcrição da fala dos atores, dificuldade dos copistas em transcrever de maneira integral todo o enredo devido ao dinamismo de uma cena, tais percalços resultaram em edições muito diferentes do texto original.

A obra de William Shakespeare, inicialmente, foi publicada em dois formatos, a saber: *Folios* e *Quartos*, sendo relacionadas às características físicas do livro. O *Folio* é um tipo de

livro impresso, as páginas são dobradas apenas uma vez e possuem maior qualidade de impressão e papel, por isso, possuem maior fidelidade ao texto original e tem grande valor financeiro e prestígio. O Primeiro *Folio* (Figura 8) foi publicado em 1623, sete anos após a morte de Shakespeare, tarefa que foi realizada pelos dramaturgos que trabalharam com Shakespeare na Companhia *King's Men*, sendo um belo exemplar e de grandiosas proporções.

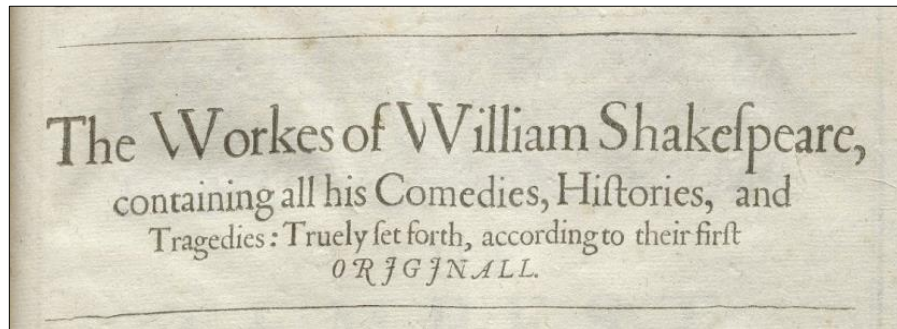
Figura 8 – Primeiro *Folio*



Fonte: <https://www.folger.edu/shakespeare/first-folio>

O Primeiro *Folio* apresenta a primeira foto do Shakespeare que se tem notícia, tendo sido baseado nos relatos de pessoas que o conheceram, com isso, é a imagem mais utilizada para representá-lo. Outra característica que torna esta edição tão especial se deve ao fato de que esta foi a primeira iniciativa em reunir todas as peças produzidas por Shakespeare em um só livro, sendo organizada da seguinte maneira: comédias, históricas e tragédias, como é possível observar na Figura 9 e na Figura 10 o catálogo das peças de acordo os gêneros.

Figura 9 – Organização das peças no Primeiro *Folio*



Fonte: <https://www.folger.edu/shakespeare/first-folio/history>

Figura 10 – Lista das peças no Primeiro Folio

A C A T A L O G V E
of the feuerall Comedies, Histories, and Tragedies contained in this Volume.

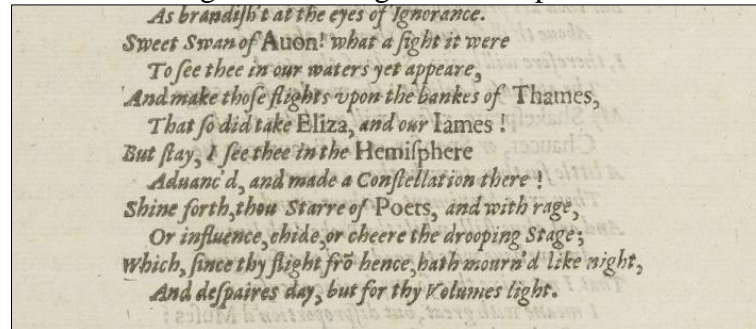
COMEDIES.			
<i>The Tempest.</i>	Folio 1.	<i>The First part of King Henry the fourth.</i> 46	
<i>The two Gentlemen of Verona.</i>	20	<i>The Second part of King Henry the fourth.</i> 74	
<i>The Merry Wives of Windsor.</i>	38	<i>The Life of King Henry the Fifth.</i> 69	
<i>Measure for Measure.</i>	61	<i>The First part of King Henry the Sixth.</i> 96	
<i>The Comedy of Errors.</i>	85	<i>The Second part of King Hen. the Sixth.</i> 120	
<i>Much ado about Nothing.</i>	101	<i>The Third part of King Henry the Sixth.</i> 147	
<i>Loves Labour lost.</i>	122	<i>The Life & Death of Richard the Third.</i> 173	
<i>Midsummer Nights Dreame.</i>	145	<i>The Life of King Henry the Eighth.</i> 205	
<i>The Merchant of Venice.</i>	163	TRAGEDIES.	
<i>As you Like it.</i>	185	<i>The Tragedy of Coriolanus.</i>	Fol. 1.
<i>The Taming of the Shrew.</i>	208	<i>Titus Andronicus.</i>	31
<i>All is well, that Ends well.</i>	230	<i>Romeo and Juliet.</i>	53
<i>Twelfth-Night, or what you will.</i>	255	<i>Timon of Athens.</i>	80
<i>The Winters Tale.</i>	304	<i>The Life and death of Julius Cesar.</i>	109
HISTORIES.		<i>The Tragedy of Macbeth.</i>	131
<i>The Life and Death of King John.</i>	Fol. 1.	<i>The Tragedy of Hamlet.</i>	152
<i>The Life & death of Richard the second.</i>	23	<i>King Lear.</i>	283
		<i>Othello, the Moore of Venice.</i>	310
		<i>Anthony and Cleopater.</i>	346
		<i>Cymbeline King of Britaine.</i>	369

Fonte: <https://www.folger.edu/shakespeare/first-folio/inside>

A riqueza de detalhes dessa edição ainda traz um elogio (um tipo de prefácio) ao dramaturgo escrito por Ben Johnson (Figura 11) e a lista dos atores que atuaram nas encenações (Figura 12). De acordo com a Folger Library, biblioteca localizada em Washington DC e especializada na obra shakespeariana, foram impressos aproximadamente setecentos

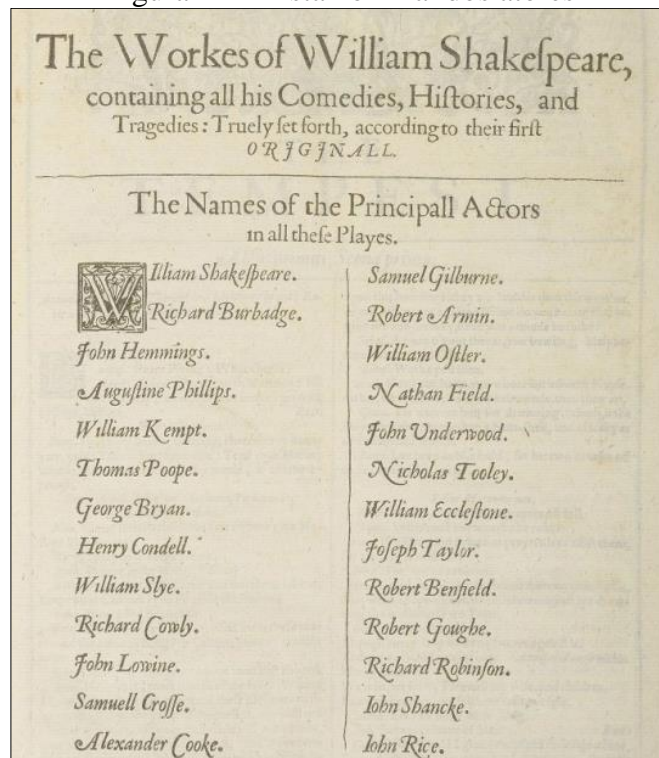
exemplares, mas chegaram até nós duzentos e trinta e cinco *Folios*, sendo fonte de consulta para estudiosos e admiradores.

Figura 11 – Elogio à Shakespeare



Fonte: <https://www.folger.edu/shakespeare/first-folio/inside>

Figura 12 – Lista nominal dos atores



Fonte: <https://www.folger.edu/shakespeare/first-folio/inside>

As informações contidas no Primeiro *Folio* são essenciais para refutar teorias que William Shakespeare não existiu, por conta da qualidade e quantidade de textos produzidos por um só autor, na verdade, Heliodora (2014) afirma que Shakespeare escreveu em colaboração de muitos autores, como o próprio Ben Johnson e, para além de reescrever enredos que já

conhecia, ele consegue criar ou recriar situações que agregam pessoas tão diferentes em torno de temas com os quais todos se identificam de alguma maneira e se reconhecem nas falhas e virtudes das personagens.

O *quarto* se tratava de uma publicação com menor qualidade de papel e dimensões menores, o livro é elaborado a partir da dobradura de duas folhas impressas para criar quatro folhas duplas ou oito páginas. Por conta da menor resistência do material utilizado na sua criação, sendo um livro que não resistiu ao tempo, razão pela qual poucos chegaram até nós (Folger Shakespeare Library, 2023).

De acordo com Santos (2020), a identidade de Shakespeare como autor e dramaturgo só se materializa após a publicação da primeira edição ilustrada de suas peças por Nicolas Rowe em 1709 (Figura 13), sendo composta por 37 peças e 6 outras peças que foram incluídas equivocadamente, pois Shakespeare não era o autor. Esta edição traz a primeira biografia do Bardo já publicada, tendo ainda uma série de inovações que irão consolidar a importância de Shakespeare na literatura mundial, tais como: o formato portátil do livro que facilita a circulação das peças; é a primeira vez que uma lista das personagens é incluída no início de cada peça para maior entendimento dos leitores e autores; nesta edição está presente a primeira divisão completa em atos e cenas, além de incluir direções de palco. Demonstrando a preocupação e experiência de Rowe em facilitar não só a leitura, mas a encenação das peças. (British Library, 2023).



Fonte: <https://www.bl.uk/collection-items/the-first-illustrated-works-of-shakespeare-edited-by-nicholas-rowe-1709>

O cânone shakespeariano, segundo Santos (2016), é composto por trinta e oito peças (produzidas entre 1590 e 1613), contudo é possível que pelo menos três peças tenham sido perdidas, tais como *Cardênio*, *Trabalhos de amor ganhos* e alguma peça histórica. Recentemente, a peça “*The Noble Kinsmen*” (1612-1613) foi reconhecida como peça de Shakespeare em colaboração com John Fletcher. Sendo ainda autor de 154 sonetos que foram escritos entre 1593 e 1596, no auge do reinado elisabetano, mas que foram publicados somente em 1609. Por muito tempo se acreditou que estes sonetos são fortemente biográficos e causaram grande *frisson* na época da sua publicação, ao levar muitos leitores e críticos a indagarem quem seria o destinatário de “W.H.”, misterioso (a) destinatário (a) dos sonetos. (Clark *et al.*, 1960, p. 168). No que diz respeito ao aspecto cronológico das peças, o Quadro 2, adaptado a partir

das informações disponibilizadas pela Royal Shakespeare Company⁴, propõe uma organização cronológica das peças shakespearianas, tendo como base acontecimentos que foram identificados nas peças ou registros de encenações:

Quadro 2 – Linha do tempo

LINHA DO TEMPO DAS PEÇAS DE WILLIAM SHAKESPEARE		
PERÍODO	TÍTULO DA PEÇA	INFORMAÇÕES DE REGISTRO
1580 – 1590	A Megera Domada	Considerada uma das primeiras obras de Shakespeare escrita antes de 1592 .
1590 – 1600	Henrique VI Parte II	Escrita, provavelmente, em 1591 . A primeira peça baseada na História Inglesa.
	Henrique VI Parte III	Escrita imediatamente após a Parte II, uma pequena versão da peça foi publicada no formato de Octavo em 1595 .
	Os Cavalheiros de Verona	Esta peça foi escrita por volta de 1590 como mencionado por Francis Meres na sua lista de peças shakespearianas em 1598 , mas sem uma evidência do ano exato.
	Titus Andronicus	1591/1592 , tendo sido a sua estreia nos palcos em Janeiro de 1594 .
	Henrique VI Parte I	Encenada no Teatro Rose em 1592 .
	Ricardo III	Possivelmente foi escrita em 1592 , pouco antes do início da peste, ou em 1594 quando os teatros reabriram após a peste.
	A Comédia dos Erros	Acredita-se que esta peça foi escrita para as festividades do Gray's Inn Christmas em Dezembro de 1594 .
	Trabalhos de Amor Perdidos	Uma das edições da peça em 1598 faz alusão à informação de que foi encenada perante sua Alteza Real (Rainha Elizabeth) no último Natal”, a maioria dos estudiosos indica o período entre 1595-1596 .
	Sonho de uma Noite de Verão	Normalmente datado entre 1595-1596 , mas no Ato 1 Cena 2 é feita uma alusão a um acontecimento que se passou na Escócia em 1594 .
	Romeu e Julieta	Eventos astrológicos e terremoto situam a composição em 1595-1596 .
	Ricardo II	Normalmente é datado em 1595-1596 . Em 1601 foi descrita como 'antiquada e obsoleta'
	Rei John	Escrita entre 1595 e 1597 ; uma parte dois anônima intitulada de Rei John foi publicada em 1591, mas a versão shakespeariana é estilisticamente mais próxima às histórias anteriores.
	O Mercador de Veneza	Registrado em 1598 , faz referência ao navio Andrew que situa a peça entre 1596 e início de 1597 .
	Henrique IV Parte I	Provavelmente esta peça foi escrita e encenada em 1596-97 , publicada em 1598 .
	Henrique IV Parte II	Escrita por volta de 1597-98 e registrada em 1600 .
	Muito Barulho por Nada	Incluída na lista de peças shakespearianas por Will Kemp, um ator cômico que deixou a companhia no início de 1599 .
	Henrique V	Escrita em 1599 , menciona um 'general da Irlanda chegando', pode estar se referindo à expedição do conde irlandês de Essex em 1599 .
	Como Gostais	Datada no final de 1599 .
	Júlio César	Encenada para o visitor suíço Thomas Platter em 1599 .
1600 – 1610		
	Hamlet	Foi datado por volta de 1600 , registrado para publicação no verão de 1602 .

⁴ ROYAL SHAKESPEARE COMPANY. **Timeline of Shakespeare's plays**, 2023. Disponível em: <https://www.rsc.org.uk/shakespeares-plays/histories-timeline/timeline>. Acesso em: Acesso em 29 set. 2023

	As Alegres Comadres de Windsor	Estimada em 1597-1601 .
	Noite de Reis	1601 , faz alusão ao primeiro mapa publicado em 1599 .
	Trólio e Créssida	Foi datada entre 1601-02 , publicada no início de 1603 .
	Otelo	1604 - foi encenado na corte em Novembro de 1604 .
	Medida por Medida	Encenada na corte para o Natal de 1604 .
	Tudo Bem Quando Termina Bem	Não há uma forte evidência da data de escrita ou encenação, mas é comum ser datada entre 1603-06 por conta de questões estilísticas.
	Timón de Atenas	Estimado entre 1604-06 baseada na estilística similar ao Rei Lear
	Rei Lear	Datado entre 1605-06 . Encenado na corte em Dezembro de 1606 e parece fazer referência aos eclipses de Setembro e Outubro de 1605 .
	Macbeth	1606 - Certamente com mais traços Jacobinos do que Elisabetanos por conta de vários elogios ao Rei James.
	Antônio e Cleópatra	1606-07 , registrado para publicação em 1608 .
	Coriolano	Talvez tenha sido escrita em 1608 , faz alusão ao grande inverno de 1607-08 .
	Péricles	Registrada para publicação em 1608 .
	Cimbeline	Tem-se registro de uma encenação em 1611 . Os teatros foram reabertos na primavera de 1610 após um longo fechamento por conta da praga bubônica.
DEPOIS DE 1610		
	Conto de Inverno	1611 - encenado no Globe em Maio de 1611 .
	A Tempestade	1611 - encenado na corte em Novembro de 1611 .
	Henrique VIII	1613 - O primeiro teatro Globe incendiou durante a encenação desta peça em 29 Junho 1613.
	Os Dois Nobres Parentes	1613-14 : 'a nossa perda' no Prólogo, provavelmente, se refere ao incêndio no teatro Globe de 1613 .

Fonte: <https://www.rsc.org.uk/shakespeares-plays/histories-timeline/timeline>

Como podemos observar no Quadro 2, os registros nas próprias peças ou em trabalhos de autores do mesmo período são dados importantes para delimitar de maneira mais exata a quantidade de peças cuja autoria está associada a autores que dispõem de registros pouco acurados, como é o caso de Shakespeare. Sabe-se que o Bardo escreveu sozinho, mas também em parceria, além disso, o ano aproximado de publicação permite ter uma noção do período em que as peças foram escritas e os fatores que influenciaram alguns aspectos presentes nas obras analisadas. Tais fatores são de grande valia para um trabalho de indexação e atribuição de assuntos de qualidade, pois percebe-se que o profissional detém maturidade no tema para melhor descrever itens de diferentes suportes, para além dos livros, como quadros, recursos audiovisuais etc.

As riquezas históricas, políticas e sociais de obras literárias impõem um desafio ao profissional incumbido de trabalhar com itens literários, a saber: como transpor a superficialidade e utilizar os melhores termos (ou assuntos) no momento da indexação, uma

vez que a área carece de vocabulários controlados e sistemas de classificação especializados. Considerando os estudos acerca dos objetos ônticos desenvolvidos por Dahlberg e a vasta obra de Shakespeare, propõe-se a análise da tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca, por conta de suas características particulares e essenciais que podem auxiliar no levantamento de assuntos deste tipo de gênero com o objetivo de aprimorar o processo de indexação e o desenvolvimento de SOCs no âmbito da Literatura.

Antes de adentrar na tragédia de Hamlet, acreditamos ser interessante conhecer as origens do termo tragédia. No livro *Poética*⁵, Aristóteles (364 a.C. – 322 a.C.) categoriza as principais distinções entre a comédia, a tragédia e a epopeia. De maneira muito simplificada, observa-se a partir da leitura da obra que a comédia reproduz os maus costumes, mas somente aqueles que causam o riso; já na epopeia e na tragédia o autor consegue representar (discernir) o bom e o mau, sendo que todos os elementos da epopeia podem ser encontrados nas tragédias, mas o oposto não ocorre. A epopeia difere da tragédia porque a primeira é narrativa e a segunda tem na ação o elemento essencial para a purificação das paixões do herói (compaixão ou terror). Assim, a tragédia está voltada para a busca pela imitação (*mimesis*) de ações mais elevadas e superiores utilizando uma linguagem com maior rigor estilístico (belo). A palavra é fundamental para expressar os pensamentos e o desenrolar das ações dos personagens envolvidos na ação, por isso, tal qual no drama elisabetano a palavra é cuidadosamente trabalhada.

A categorização de gêneros proposta por Aristóteles se estende ao cânone shakespeariano que pode ser dividido em grandes ciclos ou fases, tal como proposto por Heliadora (2008), a saber: as comédias, as peças históricas e as tragédias. Ainda segundo a autora à medida que o dramaturgo adquire maturidade na escrita e no uso da palavra o nível de qualidade e complexidade das peças se aprimora, sendo a tragédia o gênero que demanda mais rigor técnico e desenvoltura no uso da palavra para transpor às personagens sentimentos tão caros a este tipo de gênero e cuidado para que a dinâmica do enredo seja mantida a fim de não perder a atenção da audiência.

Shakespeare produz, entre 1599 e 1608, quatro grandes peças: Hamlet, Otelo, Macbeth e Rei Lear, o tema central das peças trágicas aborda a ideia do mal e suas implicações e desdobramentos na vida do protagonista e daqueles que estão ao seu redor, seguindo a lógica aristotélica, como o diferencial que o herói trágico shakespeariano não é uma vítima do destino,

⁵ ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Ana Maria Valente. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

mas, também, reflete acerca da sua situação, ou seja, [...] como o homem enfrenta o mal que sempre existe e o que o mal faz a ele. Esse mal pode existir como um inimigo externo e concreto, no entanto, em todas as obras, ele está presente no interior do próprio protagonista, em maior ou menor medida.” (Heliodora, 2008, p. 64-65).

A tragédia intitulada Hamlet, publicada em 1601, é a peça que inaugura o período trágico, tendo sido a peça escolhida para análise e levantamento dos objetos ônticos por conta das seguintes características: considerada a mais famosa dada a imensa quantidade de adaptações criadas a partir da releitura para o cinema e a televisão, por exemplo; estabelece diálogo com diferentes áreas do conhecimento; maior quantidade de linhas e falas de toda a obra shakespeariana.

O estudo deste tipo de obra literária se configura como um desafio para a representação e a indexação em SOCs, dada a sua complexidade estrutural e o estabelecimento de diálogo com diferentes áreas do conhecimento. Além disso, percebe-se grande quantidade de documentos em diferentes formatos que demandam um outro tipo de olhos no processo de seleção de assuntos para a disponibilização ao público em geral. Desta forma, acreditamos que os estudos ônticos e o EDM podem auxiliar na seleção de assuntos que possam representar da melhor maneira possível documentos de diferentes suportes.

A peça que escolhemos como campo empírico é, comparativamente, a que mais utiliza da linguagem e o protagonista, Hamlet, é o personagem shakespeariano com maior número de falas, cerca de duas mil linhas de texto, do total de “[...] quase quatro mil linhas de texto que desafiam diretores e atores ao longo dos séculos. De todo este longo texto, cerca de dois terços são falas do protagonista. Em toda a obra de Shakespeare [...]” (Fonseca, 2004, p. 3). Bloom (2003), acrescenta que Hamlet é a peça mais longa de Shakespeare sendo o papel do príncipe constituído por cerca de cento e cinquenta linhas, tais características se constituem como um verdadeiro desafio para a produção de adaptações que, muitas vezes, tendem a reduzir as falas do protagonista e a quantidade de personagens, a fim de conferir mais dinâmica ao enredo. Ainda segundo o autor, as edições modernas e sem corte de Hamlet possuem algo em torno de quatro mil linhas, o dobro da extensão de Macbeth.

A questão da adaptação de peças era algo usual já no período do teatro elisabetano, sendo tal prática utilizada para suprir demandas políticas, sociais e culturais. Diferentes versões de uma mesma peça poderiam ser veiculadas por conta de adaptações e até mesmo pirataria, e o leitor, muitas vezes, se deparava com enredos incompletos ou finais diversos do original. No caso da tragédia de Hamlet, é pouco falado que existem três diferentes versões da peça, como podemos ler a seguir:

O já citado Primeiro Fólho, publicado por ex-sócios do poeta inglês (John Heminges e Henry Condell), em 1623, portanto, sete anos após a morte de Shakespeare (em abril de 1616), reúne 36 textos dramáticos, dos quais 18 eram inéditos e 18 já haviam sido publicados, separadamente, em versões in-quarto. Mais tarde, foram acrescentadas ao cânone as peças Péricles, Príncipe de Tiro; Os Dois Primos Nobres, Rei Eduardo III e Cardênio. Das 18 peças publicadas em versão in-quarto, seis seriam mais tarde, no começo do século XX, consideradas espúrias (*bad quartos*) pelo estudioso Alfred W. Pollard e outros especialistas associados ao movimento conhecido como “Nova Bibliografia”. No entanto, mais recentemente, os chamados *bad quartos* têm sido estudados, encenados, traduzidos e editados, sendo que, neste último caso, edições consolidadas, tais como a New Cambridge Shakespeare e a Oxford, adotaram a estratégia de publicar versões in-quarto de peças shakespearianas. (O’Shea, 2016, p. 8)

Ao adotar as adaptações, percebem-se algumas distinções que conferem mais celeridade à dinâmica cênica e possibilitam outras releituras dos solilóquios de Hamlet, O’Shea (2016) exemplifica as diferenças mais latentes, tais como: extensão, estrutura e mudança do nome de alguns personagens. Observa-se, também, a antecipação de célebres solilóquios do protagonista, como “Ser ou não ser”. Tal como na época de Shakespeare, é necessário se passar pelo crivo da audiência e, segundo o autor, as versões do *bad quarto* (Figura 11) tem obtido aceitação e agradado o público. Tais informações são de extrema relevância para o processo de indexação de obras literárias e devem estar contidas no levantamento dos pontos de acesso e, consequente, representação de um documento literário que será analisado.

O termo *bad quarto* utilizado por O’Shea diz respeito a uma pequena quantidade de primeiras edições da obra de Shakespeare que compreende textos de autoria duvidosa. No caso do Q1 Hamlet, por exemplo, o texto em questão difere consideravelmente das últimas edições publicadas no segundo quarto (Q2, por volta de 1604/5) e do Primeiro Folio (F1, publicado em 1623). No Q1 temos em torno de 2,200 linhas e no Q2 3,800, sendo o Q2 e o F1 mais similares no que tange à extensão e ao conteúdo. Além disso, no Q1 o famoso solilóquio de Hamlet é alterado para "Ser ou não ser, sim eis aí o ponto". Tal demarcação sinaliza o quão diferente é esta versão da peça (British Library, 2023).

Fato é que Shakespeare não criava as narrativas, mas se apropria de histórias e contos já conhecidos, conferindo um novo olhar no momento da escrita, ao aprofundar situações voltadas para o sentimento de inquietude frente a questões que vivenciamos, tais como: a morte, a solidão, o amor, a traição etc. Assim, o dramaturgo desenvolvia enredo e personagens com riqueza e profundidade que permitiam um olhar novo sobre o que é ser no mundo, tais questões promoviam o reconhecimento da audiência com as temáticas abordadas, ou seja, discutia-se sobre a vivência das pessoas.

Neste contexto, Hamlet se configura como uma das joias da obra shakespeariana, tendo sido inspirada em uma antiga saga nórdica, Amleoth, ambientada na Dinamarca. O ponto central da saga era a vingança, mas ao ser trabalhada pela pena do Bardo a trama passa a abordar diversos temas e é uma demonstração de como a arte cênica consegue retratar, de maneira tão bela, as características que nos constituem como humanos (Heliadora, 2008).

Na versão de Shakespeare a ação também se dá no reino da Dinamarca tendo como tensão a abrupta morte do soberano, o velho rei Hamlet. Nos primeiros momentos da peça somos avisados que “Há algo de podre no reino da Dinamarca.” A aparição fantasmagórica do velho rei Hamlet exige a presença de seu filho, o príncipe Hamlet. Ao conhecer o triste fim de seu pai, o príncipe Hamlet tem diante de si a árdua tarefa de vingar a morte do monarca e a traição perpetrada pelas mãos de seu tirano tio, Claudius, que além de usurpar o trono e a rainha condena o pobre rei a vagar pela terra por não ter tido a oportunidade de ter suas faltas perdoadas antes de sua morte. A corrupção do reino da Dinamarca atinge a todos e cabe ao príncipe Hamlet restabelecer a virtude, a justiça e a harmonia que se perderam.

Assim, a partir de uma leitura superficial, somos levados a enxergar Hamlet como um indivíduo indeciso ou receoso em tomar atitudes, mas na verdade ele é movido por um pensamento racional e toma decisões após uma profunda análise do ambiente em que vive e das pessoas que estão ao seu redor, pois o público da época de Shakespeare tinha ciência de que regicídio era um pecado mortal e o príncipe não poderia cometer este tipo de ato se não fosse para salvar o reino da Dinamarca da influência de um monarca indigno do cargo fato que justificaria o ato de assassinar o mau rei, além de vingar a morte de seu pai (Heliadora, 2008).

Hamlet representa o homem da Renascença em contraponto ao seu pai, o velho rei Hamlet, que demonstra toda a passionalidade presente no pensamento da Idade Média, como podemos observar nos trechos a seguir:

Peter Alexander diz que o famoso “problema” da peça vem do fato de que o pai era um herói medieval, que só morre traído e tem de ser vingado, enquanto o filho já é um humanista formado em Heidelberg. Harold Bloom vê em Hamlet o primeiro protagonista moderno, que reflete sobre si mesmo e evolui. O resto é silêncio. No entanto, antes de morrer, Hamlet prova que seria realmente um bom rei, pois se preocupa em dar seu voto a Fortimbrás, que não tem a grandeza de um Hamlet, contudo terá capacidade para reequilibrar o reino. (Heliadora, 2008, p. 66-67)

Provavelmente, a melhor análise que pode ser feita sobre o príncipe Hamlet é a sua identificação como homem da Renascença, aquele que após o longo período de certezas calcado na fé absoluta no transcendente da Idade Média, despertou em um mundo em ebulição e ousou perguntar-se: ser ou não ser? (Fonseca, 2004, p. 3)

Ao se contrapor aos discursos preexistentes, Hamlet é o protagonista que personifica o herói renascentista, que exalta a razão e o pensamento humano para se mover no mundo, ou seja, ser no mundo. Dessa forma percebemos que Shakespeare conecta as características do príncipe ao período de florescimento do reinado Elizabetano marcado pelos ideais da Renascença, que busca na racionalidade, maturidade política e conhecimento os meios para se distanciar da lógica medieval de governo marcada pela traição, vingança e morte, mas que era insuficiente nas questões voltadas para as características que constituem o monarca justo para guiar o seu povo. O palco era a arena em que tal discussão estava em voga e Shakespeare soube transpor estes temas para a reflexão de uma audiência composta por pessoas de diferentes níveis, desde a rainha Elizabeth até o mais simples súdito, isso ocorria no contexto em que o Império Britânico se constituía como potência marítima, social, econômica e cultural, ou seja, tal debate era uma necessidade para a sociedade que estava demandando por novas ideias e discursos. Neste sentido, a arte deste período, mais especificamente a arte cênica, foi um instrumento sutil e poderoso para representar o mundo e as relações humanas estabelecidas na era elisabetana. Sendo a tragédia o gênero que coroou dramaturgos de excelência, como Shakespeare, ao conferir certa liberdade para questionar ou reforçar hábitos e atitudes; e a possibilidade de explorar emoções antagônicas como o perdão e a vingança, além de refletir acerca de como as paixões conduzem as personagens a resultados desastrosos.

O teatro elisabetano, como já falamos anteriormente, é conhecido como o teatro da palavra, pois a linguagem bem trabalhada nos enredos possibilita à audiência adentrar e ser envolvida pela ação da peça. Shakespeare, de maneira acidental ou provocada, acaba por dialogar com outras áreas do conhecimento ao escrever Hamlet, uma vez que os solilóquios e atitudes do príncipe Hamlet possuem características conceituais que podem ser identificadas na filosofia e psicologia, por exemplo. Tal dinâmica permite que pensadores e teóricos como Heidegger, Nietzsche, Freud e Lacan estabeleçam teorias a partir do discurso e comportamento de Hamlet e que ainda são motivo de debate de estudiosos até hoje.

Para Nietzsche (1992) o conhecimento afeta Hamlet de tal maneira que ele não pode encenar ou representar seus sentimentos, pois encenar para ensinar seria necessário ainda estar envolto na ilusão da ignorância, mas ao conhecer os meios que levaram seu tio ao poder o jovem príncipe contempla a essência das coisas e tem o dever de punir as más atitudes, ao afirmar que

[...] o homem dionisíaco se assemelha a Hamlet: ambos lançaram alguma vez um olhar verdadeiro à essência das coisas, ambos passaram a conhecer e a ambos enoja atuar; pois sua atuação não pode modificar em nada a eterna essência das coisas, e eles

sentem como algo ridículo e humilhante que se lhes exija endireitar de novo o mundo que está desconjuntado (Nietzsche, 1992, p. 56).

No escopo da filosofia da linguagem, Fonseca (2004) afirma que os discursos de Hamlet são verdadeiros tratados filosóficos que refletem acerca da condição humana e a eterna pergunta filosófica: O que é ser? A autora estabelece uma relação muito interessante entre o “ser ou não ser” de Hamlet e os conceitos da linguagem propostos pelo filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976), para Heidegger possibilita ao ser humano representar o mundo ao seu redor, se comunicar e expressar emoções. Desta forma, somos dotados da habilidade de representar o mundo e se comunicar por meio da linguagem, assim a linguagem é a faculdade que nos diferencia dos demais seres vivos e nos constitui como humanos (Heidegger, 2005).

Conforme avançamos nos estudos teóricos desta obra percebemos a necessidade de buscar no arcabouço teórico da CI e áreas correlatas meios que nos possibilitem representar documentos literários, diferentes naturezas tais como filmes, livros, peças etc, em SOCs, a fim de responder a demanda de recuperação de informações na área da Literatura. Ao pensarmos nas adaptações para filmes e peças, por exemplo, percebemos que a diferença na escolha do tipo de versão da peça a ser utilizada, cenário, caracterização e escolha do elenco traduz decisões intencionais que impactam no resultado que será entregue ao público, com o intuito de enfatizar algum aspecto específico na peça. A grande questão é como representar os assuntos da melhor maneira possível, para evidenciar tais escolhas e aprimorar o processo de indexação e conferir maior precisão no processo de busca e recuperação de um item.

A seção a seguir estabelece um diálogo entre a CI, a Biblioteconomia e a Literatura no avanço e desafios no que diz respeito aos estudos voltados para a representação e recuperação de documentos dos mais variados tipos na área da Literatura. Procuraremos demonstrar ainda como os estudos dos objetos ônticos conjugados a modelos conceituais como o EDM e o CIDOC CRM podem facilitar a interoperabilidade de acervos culturais promovendo a otimização da busca e recuperação de acervo de diferentes instituições e compostos por documentos de diferentes naturezas.

3 ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: das relações ônticas ao EDM

Ajusta o gesto à palavra, a palavra ao gesto com o cuidado de não perder a simplicidade natural. Pois porque tudo que é forçado deturpa o intuito da representação, cuja finalidade, em sua origem e agora, era, e é, exhibir um espelho à natureza; mostrar à virtude sua própria expressão; ao ridículo sua própria imagem e a cada época e geração sua forma e efigie. (Hamlet, Ato III, Cena II)

O esforço em organizar o conhecimento humano em esquemas que promovam a ordenação de documentos reproduz um contexto social, político e econômico que caracterizavam um determinado período histórico. A partir do ponto de vista da classificação do conhecimento Foskett (1980), acredita que é possível desenhar uma linha histórica que apresenta teorias e filosofias que estavam em voga em cada época e ainda destaca que cada teoria se utilizou de pontos da anterior para responder e sanar problemas que não foram respondidas pela teoria anterior.

O ato de classificar o conhecimento humano foi amadurecendo no decorrer da história à medida que indagações e problemas com os sistemas de classificação anteriores eram identificados. A classificação em sua gênese é, na visão de Bliss (1929), uma ferramenta da ciência, mas que por muito tempo foi se aperfeiçoando na Filosofia.

Segundo Barbosa (1969), os primeiros registros do processo de organizar o conhecimento em algum tipo de arranjo podem ser observados nos estudos de Platão (428 – 347 a.C.) que, ao utilizar bases filosóficas, começa a pensar e lançar os fundamentos para a classificação do conhecimento, tendo a seguinte disposição: física, ética e lógica. Já Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.) aprofunda o pensamento platônico e, também, divide o conhecimento em três grupos, mas separa um campo específico para a arte, sendo disposto da seguinte forma: ética (economia, política e direito), artes recreativas, teoria (matemática, física e teologia). Porfírio, e sua tão conhecida Árvore, introduziram a classificação binária e a autora ainda nos apresenta Cassiodoro que ao dividir as Artes Liberais influenciou até mesmo no currículo escolar da Idade Média. Ainda são destacados dois autores essenciais para os fundamentos da classificação, a saber: Conrad Gessner, que é considerado o autor do primeiro sistema de classificação bibliográfica, e Francis Bacon que, ao desenvolver o *Chart of Learning*, influenciou os sistemas mais modernos de classificação, tais como: Cutter e *Library of Congress*.

Já no século XIX percebe-se um aumento das bibliotecas, tal acontecimento incentivou o surgimento de sistemas mais arrojados como Cutter, CDD e CDU, e no século XX temos a sistema da *Library of Congress*, o de Brown, o de Bliss e a tão conhecida Classificação dos Dois Pontos cunhada pelo bibliotecário indiano Ranganathan, “[...] que emprestou novos rumos ao estudo da classificação, apoiados no conceito filosófico de que cada assunto pode ser visto sob as manifestações de facetas.” (Barbosa, 1969, p. 41).

Ao observar o volume exponencial de conhecimento técnico-científico produzido e os avanços das tecnologias da informação e conhecimento, a autora afirma que os sistemas tradicionais já estavam sendo incorporados por máquinas, pois os sistemas utilizados até então estavam obsoletos ao não conseguirem responder às demandas informacionais dos leitores. É interessante pontuar que Barbosa em 1969 já indicava a necessidade de mudanças nas diretrizes de classificação e a falta de OC produzido, pois os sistemas vigentes estavam se tornando “inoperantes” e muitas bibliotecas especializadas já estavam optando pelo processo de indexação por termos.

O “conhecimento” é definido por Barbosa (1969) como o objeto dos estudos da OC, e ao destacar quatro categorias, ou níveis, de conhecimento, a saber: **elementos do conhecimento** (características dos conceitos); **unidades do conhecimento** (relacionadas aos conceitos e representadas por sinais, tais como palavra, nome etc); **unidades maiores do conhecimento** (combinações de conceitos em declarações ou textos); e **sistemas do conhecimento** (entidades que são compostas de várias unidades do conhecimento e arranjadas ou organizadas de forma planejada e com uma estrutura coesa).

Assim, a Classificação é “[...] fundamental para a OC.” (Bliss, 1929, p. 11, tradução nossa), pois se configura como um método de pensamento que visa formas mais eficazes de desenvolver SOCs para atender às demandas de uma comunidade discursiva por meio da linguagem. Dahlberg (1995) aprofunda e extrapola o entendimento do método classificatório voltado somente para o agrupamento de objetos que devem ficar juntos, mas, na verdade, a autora aponta que o conceito de Classificação relacionado à OC é mais abrangente e procura compreender o conhecimento como um todo, levando em consideração as particularidades da área a que está atrelado, sendo assim, é necessário a sua organização, descrição e representação para que o conhecimento possa ser acessado e disponibilizado a fim de responder a uma demanda informacional. A atualidade do trabalho de Dahlberg é demonstrada pela sua preocupação em compreender o objeto ôntico e suas representações em um domínio do conhecimento específico. Tal pensamento contrasta com Lancaster (2004) que se voltava para compreender e desenvolver sistemas que contemplassem as demandas do usuário, mas não

considerava como o objeto ôntico do documento poderia ser representado em sistemas, neste aspecto, demonstrava uma postura ainda tradicional no processo de indexação.

No contexto da CI, a OC se configura como a área que dispõe de ferramentas (ou instrumentos) que auxiliam no processo de representação, busca e recuperação de itens que possam responder às demandas informacionais de indivíduos ou comunidades de diversos domínios. Nesse sentido, o desenvolvimento de SRI de qualidade pressupõe o trabalho colaborativo, ou interdisciplinar, com diferentes áreas e a CI, tais como a Ciência da Computação, Biblioteconomia, Linguística, Terminologia e a Filosofia.

O termo Organização do Conhecimento, em inglês “*Organization of Knowledge*”, foi utilizado pela primeira vez pelo bibliotecário estadunidense Henry Evelyn Bliss em dois de seus livros publicados em 1929 e 1933. Bliss (1929) observa que o termo organização, em sua época, estava sendo utilizado de maneira indiscriminada, sendo possível a sua aplicação em diferentes áreas do conhecimento. A partir da sua fundação, a *International Society for Knowledge Organization* (ISKO) passou a utilizar a denominação cunhada por Bliss, mas ainda levou em consideração “*Wissensorganisation*” o termo em alemão que foi traduzido de forma direta para o inglês como “*Knowledge Organization*”. Nesse sentido, a OC se constitui como ciência, como comprova Dahlberg (2006) ao afirmar que a OC possui objeto e atividade bem delimitados já na sua denominação, sendo o conhecimento relacionado ao que se conhece a respeito de um determinado domínio e a organização relacionada à atividade de se construir algum tipo de arranjo seguindo um plano já previamente determinado.

Gnoli (2012) observa que com o avanço das tecnologias da informação e comunicação percebemos o surgimento e a coexistência de documentos com formatos diversos, tais como fitas, CDs, vídeos, anotações, áudios etc. Tal variedade se configura como um desafio para a indexação tradicional que se baseava em listas de cabeçalhos de assunto ou esquemas de pesquisa que foram desenvolvidas para livros, em sua maioria. Além disso, as bibliotecas precisam se adaptar ao dinamismo do conhecimento que implica em necessidades de usuários cada vez mais específicas visando a busca e recuperação de informação contida nos novos formatos, mas sem deixar de lado o tradicional livro e os documentos em papel. A partir do esquema proposto pelo autor podemos perceber que o conhecimento flui de um nível para o outro, dinâmica que é observada no mundo real, que ocorre antes do conhecimento e provê seus objetos. Para facilitar nosso entendimento, os níveis de conhecimento são denominados de dimensões, com o intuito de denotar a ideia de que apesar de serem estruturas distintas, ocorrem simultaneamente para formar o assunto de um documento. Além disso, o sentido matemático do termo sugere que tais dimensões coexistem, relacionando com o conceito das facetas na OC.

Ao pensar no fazer do bibliotecário, Gnoli (2012) propõe que o profissional realize a análise e indexação de um item a partir da análise das facetas dos termos, nessa proposta o autor afirma que um determinado termo tem três facetas ou dimensões, a saber: a dimensão ôntica, a dimensão epistêmica e a dimensão documental. No Quadro 3, observamos a importância e utilidade desse tipo de abordagem para o aperfeiçoamento do processo de análise conceitual e indexação.

Quadro 3 – Dimensões e suas definições

	DIMENSÃO ÔNTICA	DIMENSÃO EPISTÊMICA	DIMENSÃO DOCUMENTAL
DEFINIÇÃO	Fenômeno ou os objetos gerais, como Dahlberg (1978) conceitua.	Perspectiva: as diferentes possibilidades de se observar um fenômeno.	Documento: o suporte do conhecimento, podendo ser de diferentes formatos e naturezas
EXEMPLO	Objetos observáveis por meio de nossa percepção ou sensações: “[...] fótons, granitos, gatos, times, óperas etc. [...] A identificação e organização do fenômeno é função da ontologia, estudo do que existe, e que está sendo cada vez mais aplicado à organização de objetos digitais.” (Gnoli, p.270)	Os domínios, as atividades humanas, a comunicação, teorias e métodos aplicados, contexto histórico e localização geográfica e os pontos de vista dos autores.	Vídeos, fotos, datas de produção, anotações de laboratório etc.

Adaptado de: Gnoli (2012)

A aplicação do fenômeno, ou dimensão ôntica, à OC fornece mais subsídios para o tratamento de documentos de diferentes suportes, pois é a dimensão mais fundamental do conhecimento. Ou seja, um termo pode ter relação com diferentes disciplinas, ou domínios, ao se analisar o contexto, ou a realidade, em que foi concebido. As exemplificações fornecidas pelo teórico em questão nos permitem perceber que diferentes fenômenos podem fazer uma referência do tipo anafórica, ou seja, apontam a um objeto geral em comum. No caso dos textos literários, por exemplo, é possível “rastrear” a referência de um conto tradicional que serviu de fundamentação para o desenvolvimento de vários textos, dimensão ôntica. A importância da dimensão epistêmica, ou perspectiva, reside no fato de que é possível mapear uma série de fatos históricos ou culturais importantes que situam um documento num determinado momento histórico, social e político. Por fim, a terceira e última dimensão é a documental, que considera em sua análise o suporte do conhecimento em seus diversos formatos e não deve ser tido como uma análise menor, pois o tipo de impressão, qualidade do papel ou versões são informações

relevantes para a definição da qualidade e confiabilidade do item, sendo assim, pode ser considerado um qualificador do item.

3.1 O OBJETO ÔNTICO E O SYSTEMATIFIER DE DAHLBERG: o ser no mundo e a sua sistematização

Compreender o mundo, a realidade, que nos cerca é uma constante no decorrer da nossa história, a aflição em entender o que é real e as suas representações no mundo real e na sociedade está presente em distintas áreas do conhecimento e, principalmente, nas artes. Nas tragédias shakespearianas o questionamento, e até mesmo inquietação, sobre a temática do ser e seus desdobramentos pode ser constatada em diversos momentos, como no famoso solilóquio de um de seus heróis trágicos mais conhecidos:

Ser ou não ser, essa é que é a questão. Será mais nobre suportar na mente as flechadas da trágica fortuna, ou tomar armas contra um mar de escolhas e, enfrentando-os, vencer? Morrer, dormir, nada mais; e dizer que pelo sono findam-se as dores, como os mil abalos inerentes à carne - é a conclusão que devemos buscar. Morrer — dormir; Dormir, talvez sonhar — eis o problema: Pois os sonhos que vierem nesse sono De morte, uma vez livres desse invólucro Mortal, fazem cismar. [...] (Hamlet, ATO IV, CENA I).

A tragédia de Hamlet é marcada por extensos solilóquios que marcam toda a problemática acerca da questão do “ser” e como ser no mundo, a personagem principal precisa tomar a decisão se aceitará a tarefa de vingar a morte de seu pai. Toda esta dinâmica é marcada pelo extenso uso da linguagem, pois Hamlet exterioriza seus pensamentos durante toda a peça e a medida que suas decisões são tomadas o discurso vai se modificando e as suas atitudes delimitam seu destino, ou seja, a linguagem é a principal característica do teatro do período elisabetano como o teatro da palavra.

No campo da Filosofia, o alemão Martin Heidegger (1889-1976) retoma toda a problemática envolta na questão do ser, em seu livro denominado “Ser e tempo”, que trata acerca da dicotomia ôntico-ontológico. O ôntico está relacionado ao ser (ente ou ao fenômeno), equivale aos objetos do mundo real; o ontológico, por sua vez, é o modo de ser do objeto, sua natureza. Ao transpor o conceito ôntico de Heidegger para os estudos da OC é possível estabelecer uma ligação com Dahlberg (1978a), que fornece embasamento teórico para que

consideremos a dimensão ôntica contida em diferentes documentos e a sua utilidade na indexação e na representação de informação, pois

A existência do ser e suas relações lógicas é o pressuposto da ontologia. O homem dotado de razão e sensível à invasão de informação, sugerida pela existência dos fenômenos, torna-se assim elemento de ação racional. Qualquer fato que exista e que excite a capacidade racional humana, sugerindo assim a resolução de dúvidas, poderá ser percebido no documento em sua dimensão ôntica (Pinho; Nascimento; Melo, 2015, p. 114).

Nas áreas do conhecimento que trabalham com o processo de análise e modelagem de dados a dimensão ôntica é relevante para a representação mais próxima de um objeto do mundo real, pois um “[...] conjunto ôntico é a representação precisa de uma entidade objetiva, isto é, A é um valor de uma variável X, assim podemos escrever que $X=A$.” (Grzegorzewski; Śpiewak, 2019, p. 2123, tradução nossa) Ao transpor essa visão para análise estatística de dados de pesquisa, por exemplo, os autores argumentam que a visão epistêmica pode conduzir a erros na análise, pois a omissão ou inclusão de algum dado epistemológico (temporalidade, local geográfico etc) pode resultar em um viés (ou *bias*) “Uma vez que representa um estado epistêmico de um agente, portanto, não existe per se.” (Grzegorzewski; Śpiewak, 2019, p. 2122, tradução nossa)

Tennis (2015), acrescenta que a OC dispõe de quatro construtos fundamentais, ou categorias, para a criação de sistemas ou teorias de classificação que possam representar da melhor maneira possível um conjunto de termos de uma comunidade discursiva. Construtos, segundo o autor, são ideias que possuem uma série de elementos conceituais, em sua maioria subjetivos, que podem ser categorizados em diferentes axiomas dependendo de sua natureza filosófica, representação e conceituação.

Os construtos propostos por Tennis (2015) aprofundam a discussão de importantes aspectos no processo de desenvolvimento de SRI, a saber: como os objetos do mundo real (ônticos) são representados em sistemas, sendo compostos por termos (epistêmico) que refletem o conhecimento e as visões de mundo ali representadas, as escolhas éticas e estéticas (axiológicas) que foram privilegiadas para representar e descrever os objetos, e o processo de representação e indexação (práxis) no sistema. Dessa forma, a partir da reflexão de Tennis (2015) somos levados a compreender que os critérios de inclusão e exclusão de termos, *softwares* e rotulagem de um SOC devem ser avaliados e validados de maneira ética e inclusiva. Os construtos são categorizados da seguinte maneira: ôntico, epistêmico, axiológico e práxis

(prático); sendo que cada construto operacionaliza ações, atividades e relações específicas na OC, como podemos observar no Quadro 4 a seguir:

Quadro 4 – Construtos e Definições

CONSTRUTOS	DEFINIÇÃO
Ôntico	Representa o assunto; Objeto do mundo real; Teóricos não entram num consenso acerca de seu limite e fronteira com os demais construtos; Maior grupo de constructos da OC.
Axiológico	Permite avaliar o nível de comprometimento de SOCs em questões éticas e estéticas;
Epistêmico	Construto central na OC; Relação entre linguagem e conhecimento;
Práxis (prático)	Ação e o fazer do profissional (indexação, classificação, análise de domínio etc.)

Adaptado de: Tennis (2015)

Ingetraut Dahlberg (1927-2017) publicou, em 1978, “*Ontical Structures and Universal Classification*”, sendo fruto de uma série de conferências que ocorreram na 11^o *Sarada Ranganathan Lecture*, na Índia, e é neste livro que a autora apresenta e aprofunda o objeto ôntico e sua representação em um sistema de classificação universal intitulado de *Information Code Classification* (ICC). Dahlberg (1978b) afirma que o processo cognitivo permite que um indivíduo tenha a seu dispor as ferramentas para observar, refletir e representar o mundo à sua volta, sendo a linguagem o canal pelo qual os conceitos são transmitidos, pois o ser humano consegue compreender o mundo ao seu redor porque faz parte desse sistema e faz uso da linguagem para nomear e classificar os fenômenos e objetos à sua volta. A linguagem se configura como instrumento essencial para a comunicação de nossos conhecimentos pessoais e aqueles adquiridos de maneira coletiva, sendo necessária a criação de representações, viáveis e verificáveis, do mundo ao nosso redor.

Dada a dificuldade em estabelecer critérios para que o mundo observado não seja fruto da nossa imaginação, Dahlberg (1978a) utiliza dentre os 10 postulados de Vollmer (1975) os seis primeiros e nono para fundamentar como podemos perceber, compreender e representar o mundo e os fenômenos que ocorrem ao nosso redor de maneira científica; a saber: realidade, estrutura, continuidade, consciência de existência do outro, efeito recíproco, funcionamento do cérebro e aplicabilidade. As seis principais áreas podem ser complementadas por variantes relacionadas a realizações mentais capacidades espirituais, sendo incluídas com a seguinte nomenclatura e definição:

“7. produtos materiais: consumidor, bens e capitais consumíveis e serviços; 8. produtos intelectuais: temas científicos, informação, documentos e notícias; 9. produtos espirituais: linguagem, obras de arte e outros trabalhos metafísicos.” (Dahlberg, 1978a, p. 35)

A partir das nove áreas dos “objetos gerais” percebe-se que cada uma constitui uma área de assuntos relacionados à investigação, exploração e utilização de elementos relacionados à área do objeto. Para Dahlberg (1978a) é possível correlacionar as categorias aristotélicas com o conceito de categoria e a organização formal (facetadas) de conceitos como podemos observar na figura 14.

Figura 14 – Correlação Aristotélica

Aristotle			concept categories
ὄνεια	Substance	ENTITIES	phenomena } related general object } concepts material object }
ποσόν	Quantity	PROPERTIES	counting & measuring-rel. quality-related concepts comparison-rel. concepts
ποιόν	Quality		
πρὸς τι	Relation		
ποιεῖν	Doing	ACTIVITIES	operation-rel. concepts state-related concepts process-rel. concepts
ἔχειν	Having		
πάσχειν	Suffering		
πότε	Time	DIMENSIONS	time-related concepts position-rel. concepts space-related concepts
κεῖθι	Position		
ποῦ	Space		

Table 2: Correlation of Aristotelian with concept categories

Fonte: Dahlberg (1978a)

Podemos ainda facilmente identificar que a categoria aristotélica serviu como base para o desenvolvimento das categorias fundamentais e dos elementos fundamentais das facetadas *Personality, Matter, Energy, Space, Time* (PMEST) de Ranganathan. Dahlberg (1978a) pontua que os conceitos são formados tanto por características formais quanto pelas características de ser, sendo as formais mais frequentes o que facilita a capacidade de categorização dos conceitos. A partir da categorização do conhecimento aristotélico, a autora propõe nove áreas para que objetos possam ser modelados e organizados em um sistema de classificação universal, o ICC. (Costa; Campos; Gomes, 2021). O ICC pode ser observado na Figura 15.

Figura 15 – Information Code Classification (ICC)

AREAS	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1 FORM & STRUCTURE	11 Logic	12 Mathematics	13 Statistics	14 Systemology	15 Organization	16 Measurement	17 Control & automation (cybernetics)	18 Standar- dization	19 Testing & monitoring
2 MATTER & ENERGY	21 General physics	22 Matter physics	23 Technical & applied physics	24 Electronics	25 Physical chemistry	26 (Pure) chemistry	27 Applied chemistry	28 Power technology	29 Electrical engineering
3 COSMO & GEO	31 Astro- sciences	32 Space re- search & technology	33 Basic geosciences	34 Atmospheric science & technology	35 Hydrospheric science & technology	36 Geological sciences & mineralogy	37 Mining	38 Metallurgy & materials science	39 Geography
4 BIO	41 Basic biosciences	42 Micro- biology & technology	43 Plant biology & breeding	44 Animal biology & breeding	45 Veterinary sciences	46 Agriculture & horti- culture	47 Forestry & wood science & technology	48 Food science & technology	49 Ecology & environment
5 HUMAN	51 Human biology	52 Theoretical medicine & health	53 Pathology & practical medicine	54 Clinical medicine & therapeutics	55 Psychology	56 Education & pedagogs	57 Occupation, labor, leisure	58 Sports & sports- science	59 Domestic science & engineering
6 SOCIO	61 Sociology	62 State & politics	63 Administra- tion	64 Finances	65 Social wel- fare & relat- ed activities	66 Law	67 Regional & urban planning	68 Military science & technology	69 History
7 ECONOMIC	71 General economy	72 Micro- economics	73 General engineering	74 Mechanical & precision engineering	75 Building	76 Commodity science & technology	77 Vehicle engineering & production	78 Transporta- tion	79 Utilities, services & crafts
8 SCIENCE & INFORMATION	81 Science of science	82 Information sciences	83 Computer science	84 General information	85 Communi- cation science	86 Mass-com- munication	87 Printing & reproduction technology	88 Communi- cation engineering	89 Semiotics
9 CULTURE	91 Language & linguistics	92 Literature & philology	93 Music	94 Arts (fine arts)	95 Theatre	96 Ethnology & archaeology	97 Philosophy	98 General religion	99 Religion of choice, e.g. Christianity

Table 4 : Subject groups according to general object areas

1978 by Ingetraut Dahlberg

Fonte: Dahlberg (1978a).

O ICC foi criado a partir dos estudos que a autora desenvolveu em sua dissertação na década de 1970, assim o ICC é uma outra possibilidade de sistema de classificação universal em um período em que os sistemas tradicionais, CDD e CDU, estavam sendo alvos de críticas. Dahlberg (2012) afirma que o ICC pode ser aplicado a todos os domínios do conhecimento, sendo possível ainda outras subdivisões considerando teorias, objetos, métodos, atividades etc. A fim de fundamentar este sistema de classificação a autora propõe doze (12) princípios, a seguir destacamos brevemente alguns dos princípios que são relevantes para a presente pesquisa:

- Princípio 1: O ICC trata acerca de conceitos e classes conceituais, ou seja, os conceitos são as sínteses das características necessárias para se compor um referente, sendo identificados por meio de nome ou código. Podem ser **formais** (baseados nas categorias aristotélicas e facetados, se houver necessidade de se subdividir em classes) e **factuais** (a combinação de conceitos formais e factuais que se referem a um objeto real, abstrato ou ficcional).
- Princípio 2: Relações Sistematizadores:

1. abstratos (relações genéricas: gênero - espécie)
 2. relações partitivas (parte-todo)
 3. relações complementares
 4. relações funcionais
- Princípio 3: O ICC utiliza o sistema decimal para ordenar suas classes principais e aspectos, a partir de nove (9) áreas subdivididas em nove (9) aspectos de um dado objeto. A autora destaca que com este arranjo sempre é possível acomodar no sistema de classificação um novo conhecimento.
 - Princípio 4⁶: As nove (9) classes principais são objetos ônticos, ordenados em três (3) grupos, a saber:
 1. Formas e estruturas
 2. Energia e matéria
 3. Cosmos e terra
 4. Biosfera
 5. Área humana
 6. Área social
 7. Economia e tecnologia
 8. Ciência e informação
 9. Cultura
 - Princípio 5: Ranking *digital*: um objeto pode ser agrupado em um sistematizador, Systematifier, que permite sua organização em nove (9) categorias:
 1. Generalidades, teorias, princípios;
 2. Objeto de um campo de assunto e seus constituintes;
 3. Campo de atividade de um campo de assunto, seus métodos e processos;
 4. Características especiais de um campo de assunto;
 5. Ligação particular de um campo de assunto;
 6. Ligação coletiva de um campo de assunto;

⁶ Classes 1 a 3: natureza inanimada; Classes 4 a 6: natureza animada; Classes 7 a 9: produção humana e social.

7. Influência externa de um campo de assunto;
8. Campos de aplicação dos conhecimentos de um campo de assunto;
9. Tarefas de difusão e síntese do conhecimento (comunicação ou divulgação científica de seu conhecimento para outros pares e grupos).

A aplicação destes princípios, segundo Dahlberg (2012), facilita a sistematização do conhecimento consolidado por um campo ou área do conhecimento, sendo possível identificar e analisar, com mais clareza, diferentes aspectos que compõem uma área.

- Princípio 6: Dahlberg (2012) integra os estudos do ICC ao *Systematifier* em uma tabela, como podemos observar na Figura 16. A autora afirma que é possível observar um desenvolvimento gradual dos níveis de conhecimento, a ligação e interdependência entre eles. A partir dos três últimos níveis 7 (criação da sociedade e produtos materiais), 8 (criações intelectuais) e 9 (criações espirituais) novos objetos ônticos são criados.
- Princípio 7: A combinação entre grupos e assuntos permite a interação entre diferentes domínios, tal interação representa a interdisciplinaridade que o sistema de classificação permite. Já a transdisciplinaridade se dá entre as combinações entre métodos de um grupo e outros campos temáticos.

0 GENERAL FORM CONCEPTS	01 THEO- RIES; PRINCI- PLES	02 OBJECTS; COMPO- NENTS	03 ACTIVI- TIES PROC- ESSES	04 PROPER- TIES or 1 st kind of field special- ty	05 PERSONS or 2 nd kind of Field special- ty	06 INSTTU- TIONS or 3 rd kind of field specialty	07 TECH- NOLOGY & PRODUC- TION	08 APPLICA- TION in other fields, DETER- MINA- TION	09 DISTRIBU- TION & SYN- THESIS
1 FORM & STRUC- TURE AREA	11 Logic	12 Mathematics	13 Statistics	14 Systemol- ogy	15 Organiza- tion Science	16 Metrology	17 Cybernetics, Control & Automation	18 Standardiza- tion	19 Testing & Monitoring
2 MATTER & ENERGY AREA	21 Mechan- ics	22 Physics of Matter	23 General & Technical Physics	24 Electronics	25 Physical Chemistry	26 Pure Chemis- try	27 Chemical Technol. & Engineer- ing	28 Energy Sci- ence & Technol- ogy	29 Electrical Engineering
3 COSMOS & EARTH AREA	31 Astron- omy & Astro- physics	32 Astronautics & Space Research	33 Basic Geo- sciences	34 Atmos- pheric Sciences & Technology	35 Hydro- spheric & Ocean. Sci- ence & Technology	36 Geological Sciences	37 Mining	38 Materials Science & Technology	39 Geography
4 BIO SPHERE	41 Basic Biological Sciences	42 Microbiol- ogy & Culti- vation	43 Plant Bi- ology & Cultiva- tion	44 Animal Bi- ology & Breeding	45 Veterinary Sciences	46 Agriculture & Horticulture	47 Forestry & Wood Sci- ence & Technology	48 Food Sci- ences & Technology	49 Ecology & Environment
5 HUMAN AREA	51 Human Biology	52 Health & Theor. Medicine	53 Pathology & Pract. Medicine	54 Clinical Medicine & Cure	55 Psychology	56 Education	57 Occupation, Labor & Leisure	58 Sports	59 Household & Home Life
6 SOCIETAL AREA	61 Sociology	62 State & Poli- tics	63 Public Admini- stration	64 Money & Finances	65 Social As- sistance, Appraisal & Survey	66 Law & Legal Science	67 Areal Planification & Urbanism	68 Structure of Defense	69 History Sci- ence & History
7 ECONOMY & TECH- NOLOGY AREA	71 General & National Econom- ics	72 Applied Economics, Business Mgt.	73 Technical Sciences	74 Mechanical & Precision Engg-	75 Building & Civil Engi- neering	76 Science of Commodities & Tech- nol.of Goods	77 Vehicle Sci- ence & Technology	78 Traffic & Trans- port. Techn. & Services	79 Service Economics
8 SCIENCE & INFORMA- TION AREA	81 Science of Science	82 Information Sciences	83 Computer Science	84 Informa- tion in general	85 Communi- cation	86 Mass Communica- tion	87 Printing & Publishing	88 Tele- communica- tion	89 Semiotics
9 CULTURE AREA	91 Language & Linguis- tics	92 Literature & Philology	93 Music & Musicol- ogy	94 Fine Arts	95 Theatre	96 Culture Sci- ence (narrow sense)	97 Philosophy	98 Religion (in general)	99 Christian Religion & Theology

Table 1. Information Coding Classification. Survey of Subject Groups

Fonte: Dahlberg (2012)

Na presente pesquisa analisaremos as relações ônticas em Hamlet, o tema se insere no nível 9 que compreende: Cultura e as criações e objetos espirituais; campo 91 Linguagem e Linguística: a linguagem e seus estudos acerca do uso e suas variantes; campo 92 Literatura & Filologia: que é o transbordamento do campo 91 o seguinte, ao reunir as questões estéticas e artísticas, além dos aspectos históricos e culturais que permeiam o surgimento e disseminação em documentos históricos. O campo 92 é o que está mais intimamente ligado à presente pesquisa. Contudo, Hamlet é uma tragédia que perpassa por diferentes campos como da mesma área Cultural, tais como: 95 Teatro e 97 Filosofia. Além de ser utilizada em diferentes domínios

para expandir análises e estudos relativos a doenças da mente, períodos históricos (era Elisabetana) e costumes e hábitos de uma época. Desta forma, percebemos a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade que a pesquisa apresenta e se demonstra entre os campos para o estabelecimento de novos objetos ônticos.

Ao discorrer acerca da organização por domínios do conhecimento, proposta na Figura 14, a autora utiliza o termo “fundamentalização das ciências”, assim demonstra a importância em conceituar de maneira inequívoca os termos que irão compor o vocabulário de uma área, bem como destaca a importância de se conhecer o domínio do conhecimento que será representado. Para operacionalizar e implementar o ICC, Dahlberg sugeriu a aplicação de uma ferramenta metodológica inovadora denominada *Systematifier*, que pode ser observada na Figura 17.

Figura 17 – Categorias do *Systematifier*

<p>1. General and theoretical foundation, including the philosophy, history, psychology, sociology and legal aspects of a field.</p> <p>2. Object or objects (units, complexes, organisms) of either a field as a whole or parts of a field; morphology and structure of an object or a system of objects.</p> <p>3. Methodology and technology of a field; nature of its specific activities, its inherent dynamics.</p> <p>4. Special phenomena, if any, of a field, whether positive or negative, forces, special properties, pathologies, conflicts.</p> <p>5. and 6. Special forms, if any, taken by a grouping, usually determined by specific objects and methodologies.</p> <p>7. Outward influences exerted and relations entertained by a field, as well as influences exerted on it from outside.</p> <p>8. Applications of a field, particularly of its methods, to other areas and fields.</p> <p>9. 'Environment' of a field; its people, organization(s) (national, international), its pedagogy and didactics, documentation, information and communication activities ('dissemination').</p>

Table 5: Descriptions for the scope of one subdivision position

O *Systematifier* não deve ser aplicado em todas as áreas de maneira indiscriminada, mas é preciso levar em consideração as particularidades de cada domínio, outra característica interessante desta ferramenta é a flexibilidade para a sua utilização, uma vez que pode ser considerada uma interface metodológica que sistematiza e facilita o uso do ICC. Assim esta ferramenta pode fornecer os subsídios para a criação de facetas para organização dos termos de um sistema, permite a caracterização de relações entre áreas distintas e relações disciplinares em áreas específicas do conhecimento. (Costa; Campos e Gomes, 2021). Esta ferramenta não se limita somente a elaboração do ICC desenvolvido por Dahlberg (1978a), mas se configura como uma valiosa ferramenta, ou dispositivo, que pode ser utilizada de maneira a facilitar o entendimento metodológico de uma área, pois permite trabalhar os desdobramentos de um domínio, ou área temática, desde o seu núcleo até suas diferentes facetas. A partir do agrupamento de assuntos de acordo com as grandes áreas, uma sequência estruturada de assuntos pode ser delimitada, levando em consideração o domínio do conhecimento e suas principais características, a saber: os objetos que são mais relevantes, métodos e técnicas específicas para manusear e investigar os objetos, circunstâncias particulares e recursos especiais.

Cabe destacar que o ICC é uma organização a partir dos estudos e análises de Dahlberg e não, necessariamente, reflete uma visão uniforme a respeito da divisão do conhecimento por parte de grandes instituições ou obras de referência, mas na verdade é uma iniciativa da autora de aperfeiçoar os sistemas já existentes a partir de suas pesquisas na área. Ao pensarmos nas tabelas de áreas do conhecimento/avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por exemplo, vemos que a Filosofia é uma grande área de avaliação, assim como Religião, ou seja não estão subordinadas ao domínio da Cultura como o ICC (CAPES, 2024). Linguística e Letras é uma grande área de avaliação do conhecimento e não se subdivide até a Filologia, ciência que não aparece na lista de avaliação. É claro que o objetivo das tabelas da CAPES é distinto de um sistema de classificação, mas reflete a visão de uma grande instituição acerca das áreas do conhecimento. É possível inferir quais áreas mais significativas e quais são as mais negligenciadas. Fica o questionamento: as áreas do conhecimento e suas subáreas estão organizadas de maneira ética e científica?

O ICC, ao se apoiar e refletir na categorização aristotélica, na Teoria da Classificação Facetada de Ranganathan⁷ e na Teoria dos Níveis Integrativos⁸ (Costa; Campos; Gomes, 2021) nos faz refletir sobre as relações históricas, culturais e sociais acerca de quais critérios são estabelecidos para que um domínio seja classificado como ciência e como esses domínios se organizam desde sistemas, como CDD e CDU, até listas governamentais que irão definir as grandes áreas do conhecimento e a inclusão de novas áreas do conhecimento em suas listas. Tais análises não impactam somente em estudos teóricos, mas também em investimentos financeiros para o desenvolvimento de pesquisas e estudos que irão consolidar um domínio.

Mas afinal, qual a importância do domínio nos sistemas de classificação? Hjørland (2017) afirma que um domínio pode ser analisado a partir de duas perspectivas: como os aspectos social, laboral e acadêmica já estruturados e nos quais somos inseridos ao nascer e que sobre os quais temos pouco ou quase nenhum poder de modificar, somente os indivíduos que possuem algum tipo de nível social para fazê-lo. Contudo, ao pensar um domínio como o resultado do trabalho humano é possível que uma comunidade discursiva de indivíduos possa modificar determinado domínio. Para comprovar seu argumento, o autor faz uso da espiral hermenêutica aplicada por Albrechtsen: “Você começa investigando domínios baseado no seu pré-julgamento. Durante seu estudo, o seu conhecimento muda e faz você mudar a forma de analisar o domínio em questão” (Hjørland, 2017, p. 3). Ao transpor essa dinâmica para a atividade de indexação percebemos com clareza como a dinâmica proposta por Albrechtsen pode ser comprovada no momento em que realizamos uma leitura inicial de um documento não podemos evitar a subjetividade do pesquisador e o nosso conhecimento prévio, mas durante uma análise mais atenta nosso ponto de vista pode ser modificado e ampliado, ou seja, o conhecimento é dinâmico e precisamos estar atentos e abertos a esse fator.

Para Hjørland e Albrechtsen (1995), a Análise de Domínio pode ser entendida em três níveis, a saber: social, ao estabelecer maneiras de compreender a informação a partir da comunidade discursiva produtora, ou seja, está fortemente ligada ao papel social do conhecimento; funcionalista, pois se propõe a entender as funções implícitas, explícitas e

⁷ A Teoria da Classificação Facetada foi desenvolvida por Ranganathan na década de 1930 para a organização de material bibliográfico, permitindo que novos temas fossem representados e mapeados, graças a sua tabela a Colon Classification. Esta tabela representou a ruptura com classificação tradicional e permite o mapeamento de uma área de assunto. (Campos; Campos, 2014)

⁸ “A Teoria dos níveis integrativos, por sua própria filosofia, se mostra adequada a sistemas interdisciplinares e está presente nas pesquisas para o avanço de sistemas de classificação. Segundo teoria dos níveis integrativos, o mundo se organiza em níveis de complexidade crescente: cada nível só pode existir a partir do nível anterior, o que não significa que as propriedades sejam herdadas nos níveis subsequentes.” (Gomes, 2009)

comportamentais que são utilizadas pelos indivíduos no momento da produção, veiculação e utilização da informação; e filosófico, os aspectos externos às percepções individualistas e subjetivas dos usuários. A Análise de Domínio, também pode auxiliar no processo de elaboração de SOCs, pois está voltada para compreender como se constroem padrões de comunicação de uma determinada comunidade discursiva (Hjørland, 2017). Além disso, “domínio” para o autor pode estar relacionado tanto a assuntos acadêmicos quanto lazer, mas para atender às demandas da CI, Biblioteconomia e OC é preciso que os domínios tenham certo nível de estabilidade e infraestrutura, tais características permitem sua utilidade.

No âmbito de nosso objeto de estudo, as obras literárias, Furner (2021) afirma que Aristóteles foi o primeiro do período clássico a, do ponto de vista estético, classificar as artes, pois segundo o filósofo a arte complementa e imita a natureza. A classificação aristotélica situa as Artes e a Literatura como componentes do domínio espiritual e Dahlberg (1978a) corrobora com essa visão ao situar a Literatura como um objeto que tem como termo geral a Cultura e termo associado a Filologia, sendo assim, o domínio que pretendemos analisar é uma unidade de importância nas Artes, mas que demanda estudos mais aprofundados para o desenvolvimento de SOCs mais robustos como tesouros e ontologias. Dessa forma, um SOC de qualidade é aquele que dispõe de conceitos, estruturas e relações semânticas que estejam mais próximas da linguagem utilizada pela comunidade discursiva que se deseja atender, sendo assim, a equipe que irá projetar um SOC precisa conhecer o domínio que será representado, ou seja, as principais palavras-chave, os termos consagrados e os teóricos que são basilares para a fundamentação do domínio.

No domínio das Artes e Literatura é preciso considerar três figuras principais: a obra literária, o autor (criador), o leitor e o contexto (período sócio-histórico, local, cultura) em que a publicação ocorreu (Saarti, 2019). A dinâmica da interação entre autor, texto, sociedade e leitor demanda que o processo de análise, tratamento e indexação de uma obra literária seja revisitado com frequência, pois o teórico destaca que diferentes públicos pressupõem processos de indexação e representação específicos e que estejam de acordo com sua linguagem e seu arcabouço teórico.

Retomando os estudos da OC, Hjørland (2016) subdivide a OC em dois aspectos: os processos de OC e os SOCs. Os Processos de Organização do Conhecimento compreendem a atividade desempenhada pelo profissional da informação, como por exemplo: catalogação, análise de assunto, indexação e classificação, seja por máquinas ou humanos; já os SOCs são definidos pelo autor como a seleção de conceitos com relações semânticas, tais como: os sistemas de classificação, cabeçalhos de assunto, tesouros, ontologias e outros sistemas de

classificação de metadados. Dessa forma entende-se que as relações estabelecidas entre os conceitos são fundamentais para o desenvolvimento de SOCs. Segundo Almeida e Bax (2004), existem vários tipos de estruturas voltadas para a organização da informação a partir de conceitos e seus relacionamentos, tais como, as ontologias, os tesauros e as redes semânticas que permitem o enriquecimento de dados a partir das relações semânticas e contextuais estabelecidas entre os conceitos.

Ao aplicar as discussões acerca do objeto ôntico e sua importância no desenvolvimento de SOCs que se propõem a representar um objeto do mundo real (ôntico) em uma linguagem inteligível por máquinas, como as Ontologias, percebemos que a área, ou o domínio discursivo, deve ser analisado e suas relações exaustivamente mapeadas para que o usuário tenha uma recuperação a contento de sua demanda.

O termo Ontologia, como um ramo da Filosofia, foi utilizado na Grécia Antiga por Aristóteles sendo associado à metafísica, dessa forma, está voltado para classificar todas as entidades necessárias que compõem o ser ou os acontecimentos no mundo real. Tendo como produto taxonomias que podem ser comparadas com àquelas utilizadas hoje em dia na Biologia e na Química. A partir da abordagem filosófica acerca da Ontologia, a Computação, Inteligência Artificial e CI tem se apropriado e beneficiado destes saberes para aprimorar sistemas computacionais e a busca e recuperação da informação na *Web* (Smith, 2003).

No escopo da CI, a Ontologia possui as seguintes características: composta por termos, relações e domínios; possui uma linguagem legível por máquinas, por meio do uso de regras e inferências. Assim, tais aspectos permitem afirmar que as ontologias são mais do que linguagens documentárias (Sales; Campos; Gomes, 2008). Metodologicamente as ontologias têm uma abordagem fortemente interdisciplinar em que a filosofia e a linguística são fundamentais para a estruturação e a descrição de uma determinada realidade por meio de um vocabulário com relações claras e rigorosas, uma terminologia bem definida. Já na questão da arquitetura, observa-se a importância de uma ontologia no desenvolvimento de sistemas de informação (Guarino, 1998).

A ontologia, de acordo Hjørland (2016), obteve maior notoriedade a partir de 1990 e, tomando por base os estudos de Dagobert Soergel, o autor acredita que as ontologias são, basicamente, sistemas de classificação que representam a “reinvenção da classificação” para novas comunidades de pesquisadores. E, ao contrário dos sistemas de classificação e tesauros, são consideradas formas mais gerais e abstratas de SOCs, as ontologias podem, até mesmo, contribuir para a construção de tesauros dada a clareza de suas relações semânticas. Assim, as ontologias “[...] incluem termos, uma estrutura hierárquica e relações conceituais que podem

ser utilizados como base para a criação de ontologias, contribuindo não só como fonte dos seus termos, como também para a sua organização.” (Campos *et al.*, 2008, p. 2) O uso de *softwares* para a construção de SOCs, como tesouros e ontologias, é incentivado para a sua adequação aos padrões internacionais na *web*, sendo a OWL (*web ontology language*) a linguagem recomendada. (Campos *et al.*, 2008).

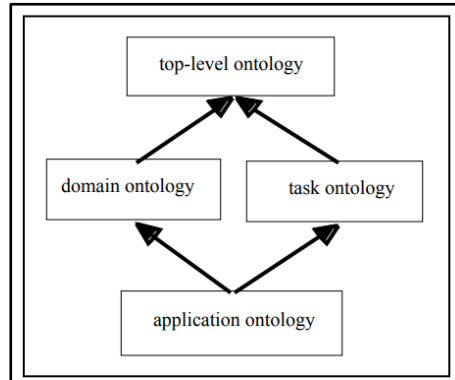
As relações presentes nas ontologias, para Sales, Campos e Gomes (2008), estão dispostas de duas maneiras a seguir:

- Parte terminológica: linguagem natural utilizada por uma comunidade discursiva de um domínio específico, tal qual se apresentam nos estudos deste assunto nas áreas da CI e da Terminologia. Ou seja, se refere ao uso de relações categoriais, a ligação entre as classes de conceitos.
- Parte formal: linguagem legível por máquinas, são as relações formais que expressam como as categorias se relacionam. Tais relações são fundamentais para promover o processamento por máquinas, relativo aos estudos da Ciência da Computação.

Ainda segundo as autoras, a partir do entendimento das relações categoriais e das relações formais é possível se identificar seis classes de relações, a saber: “Relações Categoriais Genéricas, Relações Formais Genéricas, Relações Categoriais Partitivas, Relações Formais Partitivas, Relações Categoriais Funcionais, Relações Formais Funcionais.” (Sales; Campos; Gomes, 2008, p. 68)

As ontologias ainda podem ser classificadas em tipos e, de acordo com Guarino (1998), estes tipos estão relacionados aos níveis de dependência de uma tarefa ou ponto de vista dos desenvolvedores. Assim, o autor conceitua as ontologias, a partir do nível de generalização, em quatro tipos relacionados a seguir na Figura 18 abaixo:

Figura 18 – Tipos de ontologias



Fonte: Guarino (1998)

A leitura da figura acima nos permite perceber que os tipos de ontologias estão relacionados e as ontologias de domínio e de tarefa estão fortemente ligadas aos termos utilizados pela comunidade discursiva que será beneficiada pelo desenvolvimento da ontologia. Ao descrever cada tipo de ontologia Guarino (1998) nos apresenta as seguintes definições:

- *Top-level ontologies* (Ontologias de alto nível): descreve conceitos mais gerais presentes em uma ontologia, tais como: espaço, tempo, matéria, objeto, evento, ação etc. São independentes de um problema particular ou domínio e podem ser aplicadas para grandes comunidades discursivas.
- *Domain ontologies and task ontologies* (Ontologias de domínio e Ontologias de tarefa): descrevem o vocabulário de um domínio do conhecimento como, por exemplo, Medicina ou CI, ou uma atividade genérica, vendas ou diagnóstico de patologias, fazendo uso de termos especializados que estão presentes na *top-level ontology* (ontologia de alto nível);
- *Application ontologies* (Ontologias de aplicação): descrevem os conceitos de um domínio específico ou tarefa e, frequentemente, são especializações das ontologias de domínio e de tarefa relacionadas.

Guizzardi; Almeida; Guizzard (2009) acrescentam que as ontologias permitem a interoperabilidade em sistemas e destacam, em especial, que uma ontologia de domínio é um tipo de modelo conceitual que pode representar de maneira satisfatória um vocabulário ou conceituações que são amplamente aceitas e compartilhadas dentro de uma comunidade discursiva para representar as informações ali veiculadas. Os autores ainda conceituam a ontologia de domínio como uma linguagem adequada que deve descrever os elementos

conceituais relevantes, ou seja, tais ontologias colaboram para a elaboração de ontologias de domínio de qualidade que utilizam termos que possam representar os conceitos utilizados pela comunidade discursiva que se deseja atender.

Ao conjugar os estudos ontológicos à Análise de domínio, desenvolvida por Hjørland na década de 90, acreditamos que ela pode auxiliar no processo de elaboração de SOCs, pois está voltada para entender como se constroem padrões de comunicação de uma determinada comunidade discursiva. Para tanto, a disciplina se apoia na combinação de perspectivas sociológicas e epistemológicas, dando ênfase à “subject knowledge” (Hjørland, 2017). As ontologias se configuram, como vimos brevemente, como sistemas que permitem a criação de relações semânticas mais completas e que permitem a interoperabilidade entre diferentes tipos de acervos por meio da adoção de um vocabulário padrão.

Observamos que a classificação, a partir da organização tradicional dos tipos de gêneros literários, tem a sua utilidade no processo de tratamento e recuperação de itens literários, mas também é preciso considerar os assuntos principais da obra em questão. Neste sentido, diferentes instituições têm desenvolvido ferramentas que permitam a interconexão de seus acervos a fim de alcançar usuários de maneira eficiente e eficaz, pois os assuntos são representados no máximo de dimensões conceituais possíveis. Na próxima seção destacamos duas ferramentas conceituais importantes na integração de acervos, a saber: o CIDOC CRM e o EDM.

3.2 CIDOC CONCEPTUAL REFERENCE MODEL (CIDOC-CRM) E O EUROPEANA DATA MODEL (EDM): modelos para contextualizar o ser

O amadurecimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e o volume exponencial de informações veiculadas pela *Web* demandam sistemas que facilitem a recuperação mais precisa de uma informação por parte dos usuários. Neste sentido, é uma constante pesquisas para tornar a busca e recuperação das informações mais céleres e eficazes, um exemplo deste tipo de iniciativa foi o desenvolvimento do *World Wide Web Consortium* (W3C), consórcio idealizado, em 1994, por um grupo de pesquisadores, sendo Tim Berners-Lee um dos integrantes mais conhecidos. Neste ambiente a *Web* semântica permitirá que uma máquina compreenda documentos e dados semânticos, contudo não é o objetivo que a máquina processe o discurso ou escrita humanos. A representação do conhecimento pressupõe que

computadores tenham acesso a informações estruturadas e uma série de regras de inferências que permitam o funcionamento na *Web* (Berners-Lee; Hendler; Lassila, 2001).

A W3C seria um modelo de *Web* ideal ou semântica, a busca se dá de maneira objetiva, consensual e, também, dispõe de um processamento inteligente para responder às demandas informacionais. (Sales; Campos; Gomes, 2008). Neste sentido, o *Linked Data*, criado em 2006 por Berners-Lee, com o intuito de desenvolver um conjunto de regras que devem ser seguidas para permitir a interoperabilidade, reuso e enriquecimento de dados *Web* que possibilitam a implementação da *Web* semântica. O ambiente da *Web* semântica ainda não é um projeto finalizado e ainda demanda de iniciativas que possam contemplar a publicação de dados de diferentes domínios, com seus respectivos vocabulários e normas (Silva; Segundo; Freire, 2020).

Pensando na interoperabilidade entre diferentes instituições e acervos diversas iniciativas ao redor do mundo têm sido desenvolvidas para dar conta de responder às demandas informações de usuários que utilizam suportes distintos. Neste sentido, no campo do patrimônio cultural, temos dois tipos de modelos conceituais, ancorados nas recomendações do *Linked Open Data* (LOD), para a integrar acervos culturais de diferentes domínios, instituições e de naturezas diversas. Tais modelos são essenciais para integrar, desenvolver e apoiar políticas institucionais de galerias, bibliotecas, arquivos e museus, do acrônimo *Galleries, libraries, archives and museums* (GLAM) que buscam desenvolver as melhores práticas éticas e abertas que permitam o acesso à herança cultural digital de diferentes países (OpenGLAM, 2023).

A partir dos modelos conceituais destacados por Marcondes (2016), o presente trabalho se propõe a analisar a aplicabilidade do CIDOC CRM e do EDM, um modelo de dados da Biblioteca Digital Europeia, para a organização e descrição de obras literárias que são conhecidas a nível mundial, como é o caso das peças de William Shakespeare.

A Europeia, de forma breve, é conceituada como uma biblioteca digital que se propõe a disponibilizar acesso digital ao patrimônio cultural europeu de diferentes instituições, tais como: galerias, bibliotecas, arquivos e museus da Europa e de diversos tipos, como: imagem, texto, som, vídeo e 3D. Conta ainda com uma rede de parceiros que recolhem os dados e agregam valores às informações, ao agregar geolocalização ou ao vincular os dados a outro material ou conjunto de dados associados a pessoas, lugares ou tópicos, enriquecendo os conjuntos de dados existentes na coleção (Europeana, 2023a).

Os modelos como o EDM demandam que o processamento disponha de um instrumento que permita a padronização terminológica entre termos, definições e relações que serão

utilizados, dessa forma, o EDM tem sido desenvolvido a partir de vocabulários reconhecidos internacionalmente, sendo conceituado como

[...] uma referência na organização de objetos digitais de cultura, com vista à garantia do amplo acesso e utilização de materiais de domínio público digitalizado. Além disso, o EDM é o padrão de descrição de recursos utilizado para disponibilizar o conjunto de dados da Europeana no Linked Open Data - LOD de forma a serem livremente utilizados, reutilizados e redistribuídos por qualquer pessoa (Silva; Segundo; Freire, 2020, p. 16).

A Europeana organiza os dados a partir de um mapeamento dos diferentes padrões que são submetidos pelas instituições parceiras, de forma a integrar e disponibilizar nos princípios LOD, promovendo a interoperabilidade de acervos e dados oriundos de diferentes instituições, tais como: *Machine Readable Cataloging* (MARC 21) para bibliotecas, *Encoded Archival Description* (EAD) para arquivos, *Lightweight Information Describing Objects* (LIDO) para museus etc. Posteriormente, os metadados coletados são convertidos para uma lista padrão EDM e realizam a conversão entre dois modelos, no padrão RDF/XML, em um modelo EDM com URIs (Silva; Segundo; Freire, 2020). Os elementos do EDM são dispostos em classes e no *Guideline*, disponibilizado pela Europeana, têm-se a seguinte subdivisão em classes principais e classes contextuais:

Classes principais:

- *edm:ProviderCHO*- Objeto cultural fornecido;
- *edm:WebResource*- Fonte *web* que é a representação digital;
- *ore:Aggregation* – Agregação que agrupa as classes;

Classes contextuais:

- *edm:Agent* – Quem;
- *edm:Place*- Onde;
- *edm:TimeSpan* - Quando;
- *skos:Concept* – O que?;
- *cc:License* – Licenças de uso. (Europeana, 2023b).

Ainda de acordo com o EDM Mapping Guidelines - Europeia (2023b), as classes contextuais contribuem para que os dados coletados de cabeçalhos de autoridade, vocabulários controlados e tesouros que possuem riqueza semântica possam ser utilizados de maneira plena, assim os dados com recurso contextual são separados daqueles relativos à descrição. O exemplo fornecido no guia vai ao encontro do objeto de estudo do presente trabalho, pois apresenta a seguinte situação: ao criar uma instância da classe *edm:Agent* (Quem) para Shakespeare, um provedor poderia fornecer o link (URI) ao invés de, simplesmente, fornecer a *string* de texto “William Shakespeare” como *dc:creator*. O link (URI) para Shakespeare em um arquivo de autoridade permitiria o uso de dados relacionados nesta fonte, com variações multilíngues do nome, datas e locais de nascimento, falecimento etc., ou seja, enriquecimento semântico de dados com o uso de elementos contextuais, dessa forma, seria possível aplicar as classes contextuais *edm:Places*(onde), *edm:TimeSpan*(quando) e *skos:Concept*(o que?).

Assim como o EDM age como uma ontologia que permite que os metadados possam ser combinados conceitualmente (Doerr *et al.*, 2010), o CIDOC CRM é uma ferramenta teórica e prática que permite a integração de acervo no âmbito do patrimônio cultural. Para tanto dispõe de uma ontologia que garante estrutura e definições formais para o desenvolvimento de conceitos e relações que refletem uma linguagem formal utilizada no domínio do patrimônio cultural. Assim, este modelo conceitual permite que o pesquisador ou público em geral consiga realizar buscas complexas, pois dispõe de uma estrutura semântica baseada em evidências que estabelece uma ponte entre os acervos de instituições e acervos museológicos. O CIDOC CRM é resultado do esforço de mais de 10 anos de trabalho do Grupo de Trabalho de Padrões de Documentação do CIDOC e do CIDOC CRM SIG, todos compõem o grupo de trabalho do CIDOC e desde 12/09/2006 é a norma oficial ISO 21127:2006 , que foi substituída pela ISO 21127:2014, *Information and documentation — A reference ontology for the interchange of cultural heritage Information* (revisada e atualizada em 2020) que trata acerca do gerenciamento e integração de documentos heterogêneos relacionados à coleções de museus (Doerr, 2003).

Dessa forma, a importância do uso de um modelo conceitual como o CIDOC-CRM para a interoperabilidade de sistemas heterogêneos reside no fato de que ele “[...] abarca as diferentes tipologias de itens museológicos e suas especificidades, abordando domínios artístico-culturais, arqueológicos e históricos, e podendo integrar o contexto do objeto na esfera do simbólico.” (Reis; Castro; Fugita, 2023, p. 2). Assim, o CIDOC-CRM se configura como um modelo conceitual de referência que utiliza entidades e propriedades dispostas na arquitetura de metadados “[...] para integrar, representar e relacionar objetos de museu à variadas fontes

culturais [...]” (Reis; Castro; Fujita, 2023, p. 2). Esse modelo é composto por 90 entidades e 148 propriedades que estabelecem entre si uma série de relações para o enriquecimento de dados científicos dos objetos culturais. No Quadro 5 destacamos as principais entidades e propriedades de um objeto, ao compararmos com as classes do EDM:

Quadro 5 – Entidades e Propriedades

ENTIDADE	PROPRIEDADE
E1 CRM Entity	P1 is identified by (identifies)
E2 Temporal Entity	P2 has type (is type of)
E3 Condition State	P3 has note
E4 Period	P4 has time-span (is time-span of)
E5 Event	P5 consists of (forms part of)

Fonte: CIDOC-CRM (2009)

O CIDOC atua em colaboração com outras instituições para desenvolver modelos e ferramentas compatíveis que possam aprimorar a descrição, busca e recuperação de objetos em ambientes digitais. No campo da informação bibliográfica temos a parceria entre a *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA) e o CIDOC para o desenvolvimento de uma ontologia formal denominada *Functional Requirements for Bibliographic Records object-oriented* (FRBRoo). Essa ontologia tem por objetivo representar as relações semânticas existentes em um objeto bibliográfico e, dessa forma, facilitar a integração e a interoperabilidade entre informações bibliográficas e museológicas (IFLA, 2016).

De acordo com Souza e Costa (2020), a harmonização entre o FRBRoo, o CIDOC-CRM e a *web* semântica podem contribuir para melhora na interoperabilidade semântica entre as bibliotecas digitais e os sistemas de gestão da informação. Para tanto, as classes do FRBRoo dispõem de um nome e identificador que foi criado a partir das convenções adotadas no modelo referencial CIDOC-CRM. Os autores afirmam que a contribuição da interação desses dois modelos é importante pois buscam outras formas de pensar um domínio a fim de evitar ambiguidades semânticas e promover a interseção e divulgação de informações que constituem os acervos de diferentes sistemas.

A harmonização do modelo FRBRer com o modelo CIDOC-CRM plasmada pelo FRBRoo ao enfatizar os processos agrega às classes e subclasses a categoria tempo permitindo-nos conhecer a evolução de uma obra, de sua criação à sua produção e uso. Sob esse aspecto, pode-se dizer que esse novo paradigma é mais complexo, pois dá conta não apenas do plano físico, a descrição dos metadados, como também do plano conceitual, ao analisar as circunstâncias e os processos que envolvem a criação de uma obra, da sua concepção à sua manifestação, registrando as diferentes expressões, forma física, exemplares etc. (Souza; Costa, 2020, p. 13).

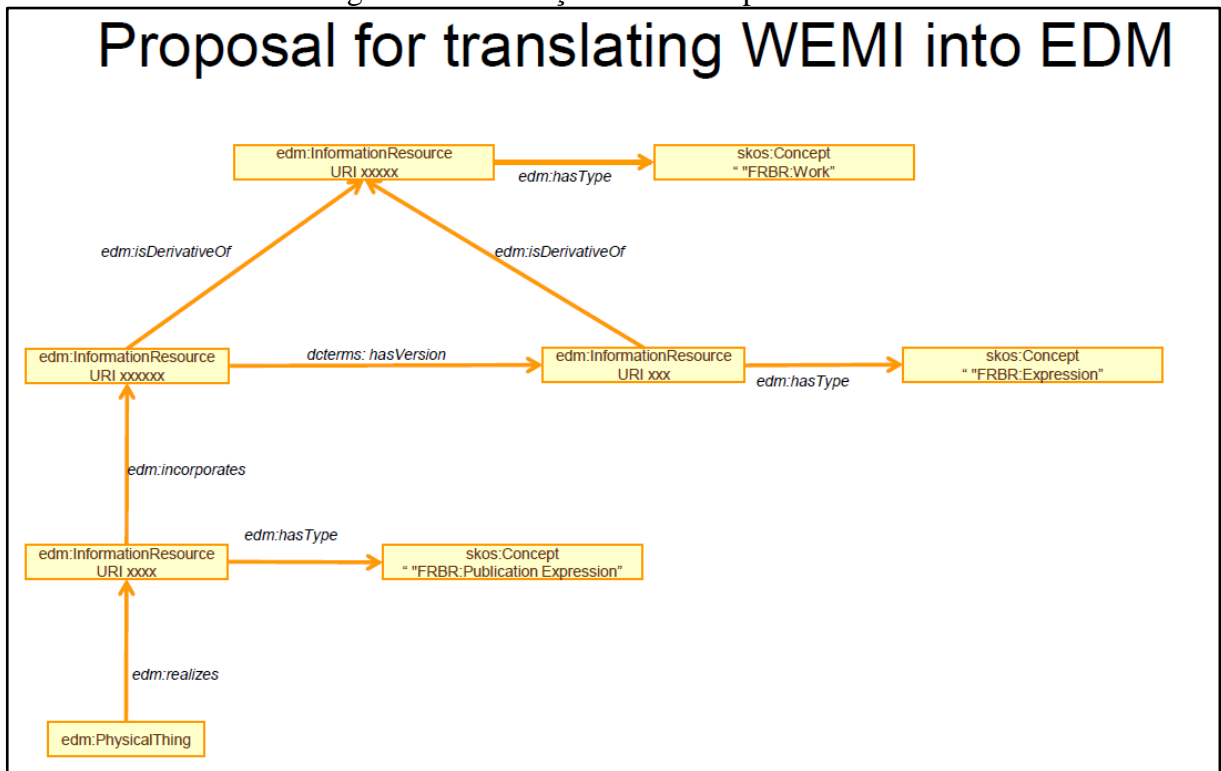
Doerr (2010) afirma que o CIDOC também desenvolveu um mapeamento CRM-FRBRoo para o EDM a partir das propriedades utilizadas do Dublin Core reutilizadas, contudo algumas propriedades do CIDOC relativas ao tempo e espaço ainda não foram implementadas por falta de tratamento ou porque ainda não desenvolvidas ainda pelo EDM.

Doerr *et al*, (2013), criam uma manual para aplicação do EDM para diversos tipos de documentos e de assuntos (ou domínios) variados. Os autores citam exemplos mais complexos para demonstrar a flexibilidade do modelo em cobrir particularidades e desdobramentos de representação dos domínios. Uma das obras citadas no documento é a peça Hamlet, por conta das diferentes versões (*bad quarto, folios* etc), adaptações feitas nos palcos no momento da encenação e nomes de personagens ou frases icônicas que aparecem de maneiras distintas. Tais nuances que aparecem em diferentes versões e adaptações são de grande valia para a análise de domínio e amadurecimento de uma área do conhecimento e demandam a representação nos sistemas de classificação. No caso dos modelos conceituais que serão utilizados em ontologias tais características particularizam e individualizam um documento conferindo importantes informações acerca do momento histórico, social e político em que foi concebido.

Os autores destacam em exemplos algumas ocorrências de aplicabilidade do EDM e como estas representações estabelecem relações dentro e fora da obra, para tanto os autores propõem a transposição da hierarquia do FRBR *Work-Expression-Manifestation-Item* (WEMI) para o modelo do EDM, como podemos observar nas Figuras 19, 20 e 21. A Figura 19 demonstra como a tradução das hierarquias WEMI para o EDM permite uma limpeza dos campos e a união de informações em torno de um só campo.

Figura 19 – Aplicação do EDM em substituição ao WEMI

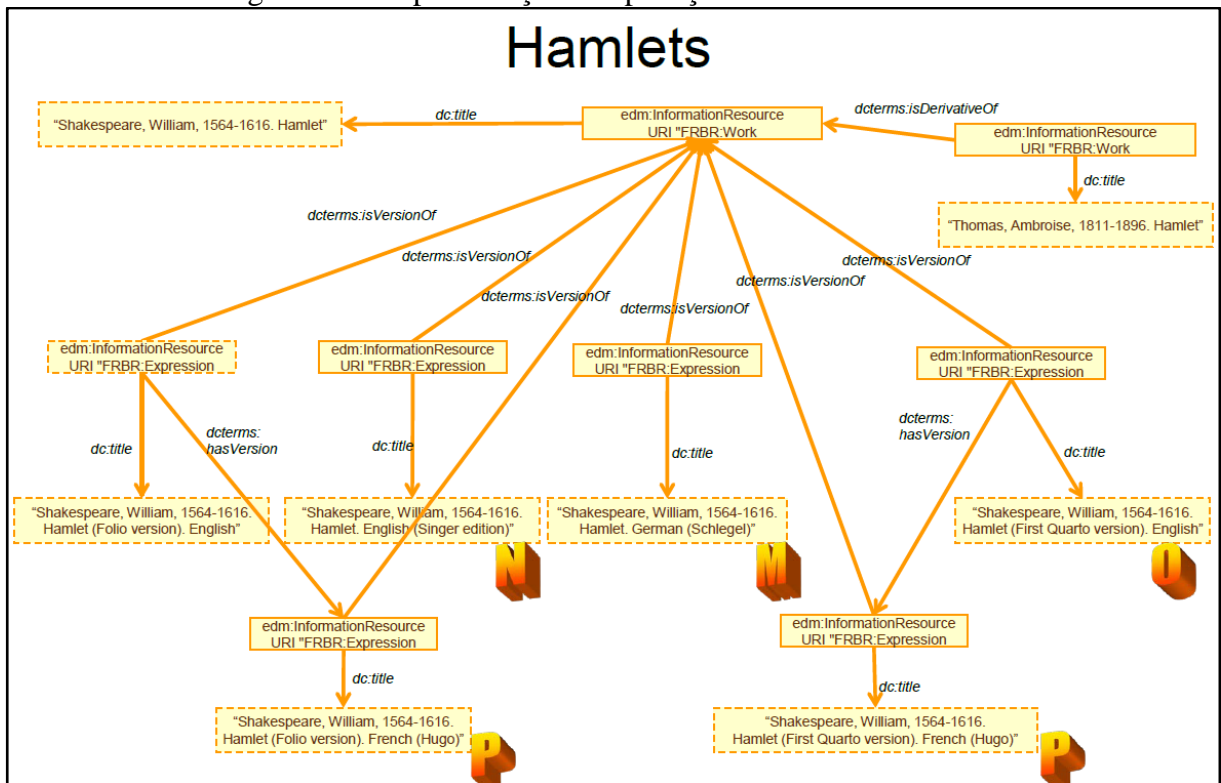
Figura 20 – Tradução do WEMI para o EDM



Fonte: Doerr *et al.*, (2013).

Assim, é possível integrar documentos de características distintas a um grande assunto, no caso da figura 21, Hamlet. As letras (M,N, O e P) são exemplos de itens de um mesmo assunto (Hamlet), mas com particularidades que permitem a sua diferenciação seja por idioma, suporte ou versões (*Folio*, *good quarto* ou *bad quarto*).

Figura 21 – Representação da aplicação do EDM em Hamlet



Fonte: Doerr *et al*, (2013).

A Figura 22, a seguir, demonstra o conjunto de classes e propriedades geradas, em uma mesma interface, a partir da aplicação do EDM ao FRBRoo:

Figura 22– Aplicação do EDM ao FRBRoo

FRBRoo-EDM Application Profile Part 1: EDM subset	
Underlying Source Concepts from FRBRoo:	Recommended EDM classes and properties:
P9 consists of (forms part of) (E4 Period:E4 Period)	dcterms:hasPart
P148 has component (is component of) (E89 Propositional Object:E89 Propositional Object)	dcterms:hasPart
R15 has fragment (is fragment of) (F2 Expression:F23 Expression Fragment)	dcterms:hasPart
P128 carries (is carried by) (E24 Physical Man-Made Thing:E90 Symbolic Object)	edm:realizes
P62 depicts	dc:subject
P102 has title (E71 Man-Made Thing: E35 Title)	dc:title
P129 is about (is subject of) (E89 Propositional Object:E1 CRM Entity)	dc:subject
P138 represents (has representation) (E36 Visual Item:E1 CRM Entity)	edm:isRepresentationOf
P72 has language (is language of) (E73:Information Object:E56 Language)	dc:language

E38 Image	edm:InformationResource.edm:hasType ["DCT1:Image"]
E52 Time-Span	edm:TimeSpan
P4 has time-span (is time-span of) (E2 Temporal Entity:E52 Time-Span)	edm:occurredAt
E53 Place	edm:Place
P55 has current location (currently holds) (E19 Physical Object:E53 Place)	edm:currentLocation
E62 String	rdf:literal
P3 has note: E62 String	dc:description
E39 Actor	edm:Agent
E55 Type	skos:Concept
P2 has type (is type of) (E1 CRM Entity:E55 Type)	edm:hasType
F6 Concept	skos:Concept
F5 Item	edm:PhysicalThing
R2 is derivative of (has derivative) (F1 Work:F1 Work)	edm:isDerivativeOf
R14 incorporates (is incorporated in) (F22 Self-Contained Expression:F2 Expression)	edm:incorporates
F4 Manifestation Singleton	edm:PhysicalThing

Fonte: Doerr *et al.*, (2013).

A partir dos modelos conceituais EDM e CIDOC-CRM percebemos que muitas iniciativas têm sido criadas no sentido de aprimorar os sistemas de busca e recuperação da informação em diferentes domínios. Estes estudos promovem a integração e a interoperabilidade entre sistemas que lidam com objetos heterogêneos, mas que podem estabelecer entre si relações semânticas ricas e que demandam o uso de conceitos para uma linguagem formal que possa contemplar e refletir o conhecimento de uma comunidade discursiva. Neste sentido, se faz tão necessária a aplicação de modelos conceituais que possam responder às demandas dos usuários promovendo a divulgação e comunicação científica do domínio que se deseja consultar.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

“O mundo está fora dos eixos. Oh! Maldita sorte! ... Por que nasci para colocá-lo em ordem?...” (Hamlet, Ato I, CenaV)

O presente capítulo abordará a caracterização da pesquisa e os procedimentos metodológicos utilizados para compreender como modelos conceituais como o EDM conjugados ao conceito de objeto ôntico, trabalhado por Dahlberg, podem contribuir para a indexação de obras literárias.

O presente trabalho possui características de uma pesquisa bibliográfica, pois a partir de fontes secundárias, como teses, dissertações e artigos, busca conhecer o estado da arte referente ao tema proposto, de maneira a ter subsídios teóricos para responder à pergunta de pesquisa proposta, a saber: As relações ônticas conjugadas com o modelo EDM são capazes de tornar mais eficientes e precisas as indexações dos contextos e relações subjacentes aos conteúdos das obras literárias? Assim, esta pesquisa “[...] não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras.” (Lakatos; Marconi, 2003, p. 183).

De acordo com os objetivos traçados, esta pesquisa é caracterizada como exploratória, pois a partir do levantamento bibliográfico, há o aperfeiçoamento das ideias e a construção de hipóteses (Gil, 2002). De mesmo modo, é também conceituada como qualitativa, uma vez que, na visão de Bryman (2012), parte de uma pergunta bem fundamentada a fim de responder a uma série de questões levantadas em um projeto, e se utiliza de literatura de referência disponível que versa acerca da temática abordada. Serão realizadas buscas na literatura consolidada das áreas afins com o intuito de responder e fundamentar a importância da indexação e do uso de modelos conceituais para promover qualidade na busca e recuperação da informação. Após a seleção de documentos relevantes, interpretação dos dados coletados e análise dos principais conceitos, demonstrar-se-á os resultados iniciais desta pesquisa tanto para o campo da Literatura quanto para a CI.

O quadro 6 a seguir demonstra, a partir objetivos específicos, quais procedimentos metodológicos que serão adotados no decorrer do projeto com o intuito de alcançar o objetivo geral.

Quadro 6 – Correlação dos objetivos específicos com as etapas metodológicas e os resultados

OBJETIVO ESPECÍFICO (Onde)	ETAPA METODOLÓGICA (Como)
----------------------------	---------------------------

Investigar os conceitos de ôntico e suas relações no processo de indexação documental.	Revisão bibliográfica e fichamento sobre os conceitos de ôntico e suas relações no processo de indexação documental.
Estudar as categorias do EDM e a sua aplicabilidade no processo de indexação e na representação de obras literárias.	Revisão bibliográfica e fichamento de documentos sobre o EDM conjugado à indexação documental.
Investigar a relação entre os modelos conceituais e o <i>systematifier</i> de Dahlberg.	Leitura e fichamento do livro “ <i>Ontical Structures</i> ” de Dahlberg
Mapear as relações ônticas presentes na peça Hamlet, uma das principais tragédias de William Shakespeare.	Levantamento das relações por meio da leitura da peça Hamlet e consulta aos principais estudiosos shakespearianos.
Compreender como os modelos conceituais podem auxiliar no processo de indexação de obras literárias, interoperabilidade entre sistemas e reuso de metadados	Elaboração de um modelo semântico específico para a indexação de documentos literários.

Elaborado pela autora (2024).

A população é composta por artigos coletados em bases de dados que possam dar subsídio teórico ao desenvolvimento de uma metodologia para a análise do que se tem discutido sobre os estudos das relações ônticas, a CI e modelos conceituais como o EDM. O levantamento da literatura permite identificar o estado da arte acerca do assunto da pesquisa, dessa forma utilizou-se a pesquisa bibliográfica, pois:

[...] é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema. [...] O estudo da literatura pertinente pode ajudar a planificação do trabalho, evitar publicações e certos erros, e representa uma fonte indispensável de informações, podendo até orientar as indagações (Lakatos; Marconi, 2003, p. 158).

As fontes de informação utilizadas para o levantamento dos artigos (em texto completo) foram: *Library, Information Science & Technology Abstracts with Full Text* (EBSCO) (LISTA), *Web of Science* e Scopus, assim foi possível proceder o levantamento de itens que tratam sobre o uso de modelos conceituais no tratamento de obras literárias, tanto a nível regional quanto internacional. O *software* utilizado para a organização das referências e remoção das duplicações foi o *EndnoteWeb*. O Quadro 7 demonstra o escopo de pesquisa delimitado pelas estratégias de busca de acordo com a especificidade de cada base:

Quadro 7 – Busca nas bases de dados

FONTES DE INFORMAÇÃO ESSENCIAIS				FONTE DE INFORMAÇÃO COMPLEMENTAR
Bases de Dados	LISTA	Web of Science	Scopus	Google Acadêmico
Campos	TX	TS	TITLE-ABS-KEY	Todos os campos
Estratégia de busca	TX ("EUROPEANA DATA MODEL" OR "CIDOC CRM" OR "CIDOC Conceptual Reference Model (CRM)" OR systematifier) AND TX (genre OR "LITERARY GENRES" OR literature)	TS=("EUROPEANA DATA MODEL" OR "CIDOC CRM" OR "CIDOC Conceptual Reference Model (CRM)" OR systematifier) AND TS=(genre OR "LITERARY GENRES" OR literature)	(TITLE-ABS-KEY ("EUROPEANA DATA MODEL" OR "CIDOC CRM" OR "CIDOC Conceptual Reference Model (CRM)" OR systematifier) AND TITLE-ABS-KEY (genre OR "LITERARY GENRES" OR literature))	("EUROPEANA DATA MODEL" OR "CIDOC CRM" OR "CIDOC Conceptual Reference Model (CRM)" OR systematifier) AND (genre OR "LITERARY GENRES" OR literature)
Número inicial de registros	181	25	40	144
Aplicação de Filtros	Idioma (português e inglês): 164 Texto Completo: 163	Idioma (português e inglês): 24	Idioma (português e inglês): 39	Idioma (português): 144 Recorte Temporal (2013-2024): 124
Duplicações	12			
Documentos selecionados para leitura de título e resumo	163	24	27	13
Documentos incluídos	7	4	2	13

Elaborado pela autora (2024).

Os documentos selecionados para a leitura e incluídos no estudo foram aqueles que tratassem dos modelos conceituais analisados na pesquisa (EDM e CIDOC) e que estivessem enquadrados no âmbito da CI. Após a análise e seleção dos registros para o embasamento teórico e levantamento do estado da arte, dessa forma reunimos as referências dos documentos selecionados no Quadro 7.

Quadro 8– Referência dos documentos selecionados

BASE DE DADOS	DOCUMENTOS SELECIONADOS
<p>Library, Information Science & Technology Abstracts with Full Text - LISTA (EBSCO)</p>	<p>BARITÉ, M.; RAUCH, M. Systematifier: In Rescue of a Useful Tool in Domain Analysis. Knowledge Organization, 44, n. 8, p. 615-623, 2017.</p> <p>FREIRE, N.; ISAAC, A.; ROBSON, G.; BROOKS, J. <i>et al.</i> A survey of Web technology for metadata aggregation in cultural heritage. Information Services & Use, 37, n. 4, p. 425-436, 2017.</p> <p>GNOLI, C. Metadata About What? Distinguishing Between Ontic, Epistemic, and Documental Dimensions in Knowledge Organization. Knowledge Organization, 39, n. 4, p. 268-275, 2012b.</p> <p>GNOLI, C.; GOLUB, K.; HAYNES, D.; SALABA, A. <i>et al.</i> Library Catalog's Search Interface: Making the Most of Subject Metadata. Knowledge Organization, 51, n. 3, p. 169-186, 2024.</p> <p>LUCAS DA SILVA LEMOS, D.; LOPES MARTINS, D.; MEDEIROS E SÁ, A.; CONRADO MARTINS, L. <i>et al.</i> A Proposal in Creating a Semantic Repository for Digital 3D Replicas: The Case of Modernist Sculptures in Public Spaces of Rio De Janeiro. Knowledge Organization, 49, n. 3, p. 151-171, 2022.</p> <p>MARCONDES, C. H. Towards a Vocabulary to Implement Culturally Relevant Relationships Between Digital Collections in Heritage Institutions. Knowledge Organization, 47, n. 2, p. 122-137, 2020.</p>

	<p>SIQUEIRA, J.; MARTINS, D. L. Workflow models for aggregating cultural heritage data on the web: A systematic literature review. Journal of the Association for Information Science & Technology, 73, n. 2, p. 204-224, 2022.</p>
Web of Science	<p>BARITÉ, M.; RAUCH, M. Systematifier: In Rescue of a Useful Tool in Domain Analysis. Knowledge Organization, 44, n. 8, p. 615-623, 2017.</p> <p>FREIRE, N.; ISAAC, A.; ROBSON, G.; BROOKS, J. <i>et al.</i> A survey of Web technology for metadata aggregation in cultural heritage. Information Services & Use, 37, n. 4, p. 425-436, 2017.</p> <p>GNOLI, C. Metadata About What? Distinguishing Between Ontic, Epistemic, and Documental Dimensions in Knowledge Organization. Knowledge Organization, 39, n. 4, p. 268-275, 2012b.</p> <p>GNOLI, C.; GOLUB, K.; HAYNES, D.; SALABA, A. <i>et al.</i> Library Catalog's Search Interface: Making the Most of Subject Metadata. Knowledge Organization, 51, n. 3, p. 169-186, 2024.</p> <p>LUCAS DA SILVA LEMOS, D.; LOPES MARTINS, D.; MEDEIROS E SÁ, A.; CONRADO MARTINS, L. <i>et al.</i> A Proposal in Creating a Semantic Repository for Digital 3D Replicas: The Case of Modernist Sculptures in Public Spaces of Rio De Janeiro. Knowledge Organization, 49, n. 3, p. 151-171, 2022.</p>
Scopus	<p>SILVA, A. L.; TERRA, A. L. Cultural heritage on the Semantic Web: The Europeana Data Model. IFLA Journal, v.50, n.1, 93-107, 2024.</p> <p>BELLINI, P.; NESI, P. Modeling performing arts metadata and relationships in content service for institutions. Multimedia Systems. v. 21, p.427-449, 2015</p>
	<p>CARRASCO, L. B. Information Integration: Mapping Cultural Heritage Metadata into CIDOC CRM. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE</p>

<p>Google Acadêmico</p>	<p>BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., Anais ... Florianópolis: [s.n.], 2013. p. 2162-2175.</p> <p>LEMOS, D. L.S.; COELHO-JÚNIOR, A.; CARMO, D. Ontologias para anotação semântica em mídias: uma construção colaborativa de redes de conhecimento do patrimônio cultural. Frontiers of Knowledge Representation, v. 1, n. 1, p. 94-125, 2021.</p> <p>ALMEIDA, T.; MORAES, R. P. T. Princípios e instrumentos da organização do conhecimento no contexto arquivístico. Princípios, v. 35, n. 2, 2022.</p> <p>SILVA, W.C.; LIMA, V. M. A. Representação temática da informação iconográfica: o uso de metadados em coleções digitais de imagens de arte. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., Anais... Rio de Janeiro: IBICT, 2021.</p> <p>MORAES, R. P. T. et al. A representação dos domínios científicos e a importância dos metamodelos: o Systematifier de Dahlberg. Fronteiras da Representação do Conhecimento, v. 2, n. 1, p. 201-224, 2023.</p> <p>ESTEFANO, L. A catalogação de pinturas na perspectiva do linked data: projetos, modelos e padrões de descrição. 2023. 129 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – UFSCar, São Carlos, 2023</p> <p>LIMA, G. Â. D.; MACULAN, B. C. M. D. S. Universo do Conhecimento: classificação e categorização sob o prisma da organização do conhecimento. RDBCI, Campinas, v. 22, p. 1-25, 2024.</p> <p>MARCONDES, C. Um modelo de curadoria para integrar acervos digitais em Memória e Cultura publicados na Web como Dados Abertos Interligados. Frontiers of Knowledge Representation, v. 2, n. 2, p. 26-56, 2022.</p> <p>MARCONDES, C. H. Dados abertos interligados: publicação, recuperação e integração de acervos de arquivos, bibliotecas e museus na web. Marília: Oficina Universitária;</p>
-------------------------	---

	<p>São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021.</p> <p>MARINGELLI, I. C. A. S. LRMoo: possibilidades de integração de dados do patrimônio cultural. 2024. 173 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.</p> <p>NAZARIO, C. E. Proposta de metodologia para avaliar o enriquecimento semântico de objetos publicados na web através do Linked Data. 2018. 140 f. Dissertação (Mestrado em Gestão e Organização do Conhecimento) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.</p> <p>OLIVEIRA, R. H. A. D. A modelagem conceitual de publicações seriadas em ambiente Linked Data na perspectiva dos modelos IFLA LRM e PRESSoo. 2024. 109 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2024.</p> <p>TRIQUES, M. L.; DE ALBUQUERQUE, A. C. Interlocações entre álbuns fotográficos e narrativas digitais na perspectiva das Humanidades Digitais. In: ENCUESTRO DE DIRECTORES Y DE DOCENTES DE ESCUELAS DE BIBLIOTECOLOGÍA Y CIENCIA DE LA INFORMACIÓN DEL MERCOSUR, 8., 2023, Montevideo, Uruguai. Memoria ... Montevideo, Uruguai: Facultad de Información y Comunicación - Universidad de la República - Uruguay, 2023. p. 1-15.</p>
--	--

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Com base no estudo inicial dos títulos dos documentos recuperados nas bases utilizadas foi possível identificar os principais autores que abordam acerca das relações ônticas bem como o uso de modelos conceituais como o EDM em sistemas já existentes. Além de observar como a aplicação deste tipo de tecnologia em acervos compostos por obras literárias impacta na busca e recuperação da informação dos usuários de bibliotecas, arquivos e museus.

5 RESULTADOS: a aplicação do ser na Ciência da Informação

Ao retomar as dimensões de Gnoli, o ICC e o *Systematifier* de Dahlberg, à luz dos modelos conceituais, é possível perceber a relevância dos estudos ônticos na indexação de obras literárias. Gnoli (2012), para exemplificar e demonstrar de maneira prática a aplicação das dimensões documentais no processo de representação de um item, utiliza a partitura musical, por ser um documento carregado de tantas significações que pode se configurar como um desafio no momento da indexação. Ao empregar as dimensões documentais é possível perceber pontos de acesso importantes que poderiam passar despercebidos numa leitura superficial do item partitura. A questão poética de uma música que tenha algum tipo de som do mundo real, como no caso utilizado a sinfonia O Moldávia (Vltava) de Bedrich Smetana, Figura 23, em que o som do rio é um fenômeno (objeto ôntico) deve ser marcado e representado na partitura musical e, conseqüentemente, executado pelos músicos e está relacionado à dimensão epistêmica (perspectiva), pois faz alusão ao sentimento nacionalista de um determinado povo.

Figura 23 – O Moldávia (Vltava)

The Moldau.
(Vltava)

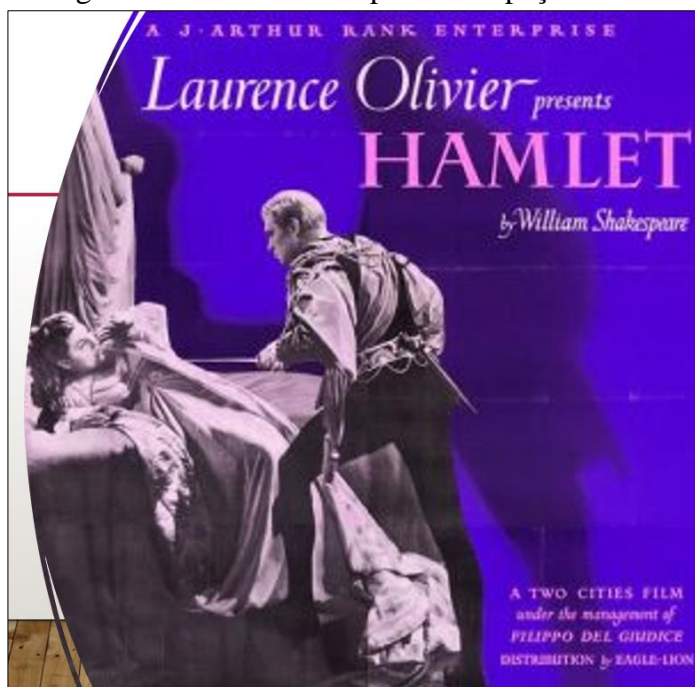
Allegro (a 2 batt) comodo non agitato. Bedřich Smetana
1824-1884
Die Quelle der Moldau. (První pramen Vltavy.)

No. 472 Ernst Eulenburg Ltd., London-Zürich

Fonte: <https://imslp.org>

Ao aplicar as dimensões documentais apresentadas por Gnoli (2012) ao objeto de estudo da presente pesquisa observamos que as dimensões ôntica, epistêmica e documental caracterizam e individualizam um item em meio ao domínio específico, como está destacado na Figura 24.

Figura 24 – Dimensões aplicadas à peça Hamlet



Fonte: <https://www.chestercinemas.co.uk/odeon-leicester-square-premieres-royal-visits/>

Nesta figura analisamos a peça por meio das dimensões de Gnoli presentes na adaptação de Hamlet para o famoso filme do autor e ator Laurence Olivier, Hamlet. Sendo as dimensões presentes: **Dimensão documental:** filme adaptado da tragédia shakespeariana de William Shakespeare; **Dimensão ôntica:** inspirada na antiga saga nórdica, Amleoth, herói trágico; **Dimensão epistêmica:** ambientada na Dinamarca, publicada no Período Elisabetano e é uma adaptação cinematográfica de Laurence Olivier no ano de 1948.

Como já vimos, o EDM dispõe de uma lógica padronizada para a representação e descrição documental de diferentes origens (museus, bibliotecas, galerias etc). O *Systematifier* de Dahlberg segue a mesma lógica do EDM, pois dispõe de princípios que permitem a estruturação de um sistema a partir de facetas, tais princípios facilitam a organização e demonstram a interdisciplinaridade entre domínios distintos, dessa forma, esta ferramenta indica “[...] como classificar entre diferentes relações disciplinares, relacionadas a níveis mais específicos do conhecimento.”(Costa; Campos; Gomes, 2021, p.8) A partir da análise na área da Química das autoras é possível utilizar o *Systematifier* como ferramenta metodológica para demonstrar aspectos que caracterizam e contextualizam nosso objeto de estudo, Hamlet, no domínio da Literatura, além de estabelecer suas relações com outros domínios, como é possível observar no Quadro 9.

Quadro 9– Organização da peça Hamlet







SYSTEMATIFIER	DEFINIÇÃO
Fundamentação e teoria	Literatura do período elisabetano (aspectos históricos); Crítica literária shakespeariana (principais autores e teóricos).
Método	Ciência da Literatura e teoria literária.
Objeto de estudo (ôntico)	O herói trágico e suas características fundamentais.
Fenômenos especiais	Personagens (características) e seus conflitos no contexto da peça que permitem a catarse da plateia. Contexto da obra em geral
Influência	Contos e histórias que influenciaram o dramaturgo na escrita da peça; Adaptações realizadas no momento da encenação teatral; Traduções para diferentes idiomas e suas consequências no entendimento do leitor/plateia; Cenário político, social e cultural no momento da escrita e posterior encenação até os dias de hoje.
Aplicação	Aplicação da peça para outros domínios (na Psicologia e Psiquiatria, além de adaptações para outras expressões artísticas).
Ambiente	Didática e disseminação do conhecimento veiculado pela peça.

Adaptado de Costa, Campos e Gomes (2021).

O Quadro 9 demonstra o Systematifier como um “princípio organizador”, pois segundo as autoras, esta ferramenta pode ser utilizada na análise de um domínio. No caso da presente pesquisa foi possível aplicar a ferramenta para analisar aspectos e o levantamento de um assunto específico (peça Hamlet) dentro de um domínio, Literatura Elisabetana. De acordo com Moraes *et. al* (2023), o profissional da informação exerce um papel social no processo de produção científica, uma vez que o processo de intermediação entre os sistemas e os usuários dependem da sua práxis. O Systematifier de Dahlberg, o CIDOC e o EDM podem ser modelos relacionados ao conferir um compromisso ontológico a um sistema, ou seja, as três ferramentas possuem um princípio organizador que sistematiza uma série de decisões necessárias para a representação de um domínio. As autoras ainda afirmam que o *Systematifier* pode ser considerado um metamodelo desempenhando aplicações semelhantes ao CIDOC e ao EDM, pois “[...] permitem uma verificação mais detalhada das propriedades dos objetos de um domínio, denominada de análise ontológica que, uma vez utilizada como fonte de conhecimento para modeladores conceituais, possibilita a redução de falhas.” (Moraes *et. al*, 2023, p. 207). As facetas utilizadas no *Systematifier* do Quadro 8 (Fundamentação e teoria, método, objeto, fenômenos especiais, influência, aplicação e ambiente) evidenciam os elementos que representam as características do domínio em que a peça está inserida, sendo necessário considerar que nem sempre todas as facetas estarão presentes em um documento.

Assim, o uso de modelos conceituais e metamodelos é útil para a criação de SOCs mais individualizadas, como ontologias, mas também podem ser utilizados em mapeamentos de áreas conceituais para fins de gerenciamento e análise conceitual. Outro possível desdobramento da aplicação do Systematifier conjugada à estrutura categorial do CIDOC e EDM, como pode ser demonstrado na Figura 25. Nesta aplicação é possível identificar as dimensões presentes em um documento literário, em um primeiro momento aplicamos as dimensões contextuais e as facetas do Systematifier a obra de Shakespeare como um todo, sendo possível fazer perguntas genéricas e aplicáveis a qualquer documento literário.







Figura 25 – Dimensões e facetas documentais: quadro geral

DIMENSÕES CONTEXTUAIS/ FACETAS	METADADOS/CATEGORIAS	SOCs/ RELAÇÕES	EXEMPLOS DE PERGUNTAS
Bibliográfica	 IDENTIFICADOR AUTOR TÍTULO IMPRESSÃO EDIÇÃO TIPO DE DOCUMENTO	FRBR FRBROO MARC RDA EDM	<ul style="list-style-type: none"> Qual título? Qual edição [Folio, quarto etc]? Qual idioma? Qual tradutor? Livro, partitura musical, pintura etc?
Autoria	 BIOGRAFIA PSEUDÔNIMOS LUGAR TEMPO CONTEXTO POLÍTICO CONTEXTO HISTÓRICO	FOF EDM CIDOC LIDO	<ul style="list-style-type: none"> Que lugar nasceu? Vida familiar? Formação educacional ou acadêmica? Quais autores influenciaram a escrita? Contexto histórico?
Obra (contexto) / Fenômenos especiais	 CENÁRIOS ATORES ENREDO LUGARES TEMPO PERSONAGENS	FRBR EDM CIDOC LIDO SYSTEMATIFIER	<ul style="list-style-type: none"> Onde se passa? Que período? Onde foi encenado? Quais atores famosos encenaram a obra?
Ôntica / Objeto de Estudo	 ORIGENS DA INSPIRAÇÃO SENTIMENTOS/EMOÇÕES ENVOLVIDAS	FRBR EDM CIDOC SYSTEMATIFIER	<ul style="list-style-type: none"> Quais são sentimentos predominantes? Origem da criação? Influência de correntes filosóficas? Quais características da personagem principal? Qual gênero literário predominante?
Epistêmica/ Influência	 CONTEXTO CULTURAL, HISTÓRICO E SOCIAL	FRBR EDM CIDOC SYSTEMATIFIER	<ul style="list-style-type: none"> Contos/ histórias que influenciaram a obra? A obra representa o momento histórico ou social? Qual tipo de governo vigente?
Documental/ Fundamentação e teoria	 DOCUMENTAÇÃO SOBRE	FRBR EDM CIDOC SYSTEMATIFIER	<ul style="list-style-type: none"> Principais críticos literários que falam sobre Shakespeare? Documentos históricos?

Fonte: Elaborada pela autora (2024).

A Figura 26 demonstra a aplicação das dimensões de Gnoli conjugadas às facetas do Systematifier para o levantamento de características documentais tradicionalmente utilizadas: as dimensões bibliográficas e autoria, além das dimensões utilizadas no EDM e no CIDOC, a saber: obra (contexto), ôntica (representações do documento no mundo real), epistêmica (contexto histórico e social) e documental, assim é possível estabelecer características importantes de um documento literário e que poderiam passar despercebidos caso fosse executada uma leitura superficial ou descuidada da peça trágica shakespeariana.

Figura 26 – Dimensões e facetas documentais: aplicado na peça Hamlet

DIMENSÕES CONTEXTUAIS/ FACETAS	METADADOS/CATEGORIAS	SOCs/ RELAÇÕES	EXEMPLOS DE PERGUNTAS
Bibliográfica	 IDENTIFICADOR AUTOR TÍTULO IMPRENTA	EDM FRBR FRBROO MARC RDA	<ul style="list-style-type: none"> Quais versões? <i>Folio, Good Quarto ou Bad Quarto.</i> Quais idiomas? Inglês, Português etc Quais tradutores? Barbara Heliodora, Millôr Fernandes.
Autoria	 BIOGRAFIA PSEUDONIMOS LUGAR TEMPO CONTEXTO POLÍTICO CONTEXTO HISTÓRICO	FOF EDM CIDOC LIDO	<ul style="list-style-type: none"> Que lugar nasceu? Stratford-upon-Avon, Warwickshire, Inglaterra Formação acadêmica? Formação escolar completa Influência de outros autores? Platão, Sêneca.
Obra (contexto)/ Fenômenos especiais	 CENÁRIOS ATORES ENREDO LUGARES TEMPO PERSONAGENS	EDM CIDOC LIDO SYSTEMATIFIER	<ul style="list-style-type: none"> Onde se passa? Castelo de Elsinore, Dinamarca. Que período? Século VIII Onde foi encenado? Globe Theater Personagens? Hamlet, Ofelia, Horacio, Polonio etc
Ôntica/Objeto de Estudo	 ORIGENS DA INSPIRAÇÃO SENTIMENTOS/EMOÇÕES ENVOLVIDAS	EDM CIDOC SYSTEMATIFIER	<ul style="list-style-type: none"> Quais são sentimentos predominantes? Vingança e hesitação Origem da criação? Lenda de Amleth. Quais são as principais características do herói? Herói trágico shakespeariano.
Epistêmica/ Influência	 CONTEXTO CULTURAL, HISTÓRICO E SOCIAL	EDM CIDOC SYSTEMATIFIER	<ul style="list-style-type: none"> Representa qual momento histórico e social? O período elisabetano. Tipo de monarca/ governo vigente? Rainha Elizabeth I, período renascentista.
Documental/ Fundamentação e Teoria	 DOCUMENTAÇÃO SOBRE	EDM CIDOC SYSTEMATIFIER	<ul style="list-style-type: none"> Principais autores que falam sobre Shakespeare? Harold Bloom, Bárbara Heliodora. Documentos históricos que podem agregar mais informações ao registro? Folios, Quartos E Bad Quartos

Fonte: Elaborada pela autora (2024).

No exemplo da Figura 26 o Systematifier apresenta conformidade com os modelos conceituais conferindo garantia ontológica e sistematizando categorias que podem auxiliar na construção de sistemas de classificação. No caso da peça utilizada como campo empírico na presente pesquisa, percebemos que aspectos relevantes passam a ser conhecidos e considerados para que o profissional da informação possa alimentar SOCs, repositórios e catálogos. Cada dimensão ou faceta se propõe a conferir um olhar mais aprofundado do objeto literário com o intuito de extrair o máximo de informações que possam enriquecer aquele objeto, assim é possível utilizar as características levantadas em diferentes modelos e sistemas.

Neste sentido, ao se implementar as categorias de um modelo conceitual é possível observar a colaboração para a busca e recuperação de uma obra literária de maneira mais rica, ao se considerar diferentes pontos de acesso que podem ser utilizados pelos usuários de uma instituição com acervo de natureza diversificada, uma vez que uma série de relações semânticas podem ser estabelecidas para a recuperação de um documento literário. Por meio das facetas

do Systematifier pode-se compreender desde o fundamento teórico de um domínio até a aplicação, ou disseminação, do conhecimento produzido em uma área.

O intuito desta análise das dimensões e facetas documentais é facilitar a descrição e organização das principais categorias de um domínio. As dimensões contextuais podem ser desdobradas nas categorias correspondentes, a partir da análise de cada categoria procede-se a categorização em cada SOCs correspondente, tomando como base os exemplos de perguntas balizadoras.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: fecham-se as cortinas.

“Nós somos do estofo De que se fazem sonhos; e esta vida Encerra-se num sono.” (A Tempestade - Ato IV, Cena I)

A CI desde a sua gênese se propõe a estudar e desenvolver ferramentas e sistemas que possam auxiliar no processo de OC e sua divulgação para os usuários. A partir dos estudos da OC é possível conhecer diversas iniciativas que amadureceram com o avanço das tecnologias e do conhecimento humano. Uma das grandes dificuldades está no momento de representação e recuperação dos conhecimentos produzidos em sistemas que possam promover e disponibilizar os documentos de maneira democrática e eficiente.

O processo de indexação é uma prática essencial que estabelece uma ponte entre o usuário final e o conhecimento produzido por comunidades discursivas ou não. Contudo, muitas vezes, o profissional da informação que atua em uma instituição não tem a noção da importância democrática do seu fazer para a veiculação das informações que precisam ser representadas. Ao se trabalhar com obras literárias como as de William Shakespeare, o desafio do indexador aumenta, pois é preciso dispor de ferramentas metodológicas que possam auxiliar o fazer do bibliotecário a fim de enriquecer a indexação do documento que será representado.

A partir deste problema, a presente pesquisa propôs o uso do objeto ôntico de Dahlberg para um aprofundamento do processo de indexação de obras literárias. Ao analisar estudos literários shakespearianos e aristotélico, foi possível chegar à conclusão de que o herói trágico shakespeariano é o objeto ôntico das obras trágicas do autor, pois possui características que foram cunhadas por Shakespeare a partir de todo um contexto (cultural, cognitivo, político e filosófico).

No decorrer da escrita e da qualificação foi possível compreender a importância do EDM e do CIDOC CRM, modelos conceituais amplamente utilizados para a representação de patrimônios culturais, no sentido de facilitar a indexação de obras literárias, pois permitem a interoperabilidade entre diferentes sistemas, sendo aplicados a suportes e instituições distintas, tais como bibliotecas, museus e galerias. Ao se aliar os modelos conceituais conjugados ao Systematifier é possível a representação de diferentes dimensões documentais, sejam elas tradicionais (bibliografia e autoria) ou dimensões que são utilizadas no EDM e CIDOC, tais como: contexto da obra, representações ônticas do documento e o momento histórico e social

em que a obra se insere, ou seja, promove-se um enriquecimento do processo de indexação. Assim, tais iniciativas promovem a recuperabilidade, interoperabilidade, enriquecimento cultural e reuso de metadados por outros sistemas, pois estão estruturados e seguem uma lógica padronizada para a representação de um documento e suas facetas em sistemas de classificação.

A presente pesquisa não se propõe a esgotar a aplicabilidade da indexação ôntica, à luz dos modelos conceituais, mas objetiva fomentar os estudos que ainda são escassos no domínio da Literatura. A pesquisa se limitou a analisar o EDM por conta da facilidade em acessar diferentes documentos disponibilizados pela Europeana, contudo acreditamos que seria interessante a comparação deste modelo conceitual com outros e a avaliação de quais respondem melhor às demandas de instituições que tratam de obras literárias, como o *Yale's Lux project and RKD Research* para a integração de coleções.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. B.; BAX, M. P. Uma visão geral sobre ontologias: pesquisa sobre definições, tipos, aplicações, métodos de avaliação e de construção. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 3, fev. 2004. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/984/1023>. Acesso em: 12 ago. 2020.
- BARBOSA, A. P. **Teoria e prática dos sistemas de classificação bibliográfica**. Rio de Janeiro: IBBD, 1969.
- BERNERS-LEE, T; HENDLER, J; LASSILA, O. The semantic web. **Scientific American**, Nova Iorque, v. 284, n. 5, maio. 2001. Disponível em: <https://www-sop.inria.fr/acacia/cours/essi2006/Scientific%20American%20Feature%20Article%20The%20Semantic%20Web%20May%202001.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2024.
- BLISS, H. E. **Organization of knowledge and the system of the sciences**. New York: Harry Holt and Company, 1929.
- BLOOM, H.; SANTARRITA, M. **O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994.
- BLOOM, H. **Shakespeare: the invention of the human**. New York: Riverhead Books, 1998.
- BLOOM, H. **Hamlet: poem unlimited**. New York: Riverhead Books, 2003.
- BORKO, H. *Information science: what is it?* **American Documentation**, v.19, n.1, p.1-5, Jan.1968.
- BRITISH LIBRARY. Bad quarto of Hamlet, 1603, also known as the first quarto of Hamlet. 2023. Disponível em: <https://www.bl.uk/collection-items/bad-quarto-of-hamlet-1603>. Acesso em: 31 jan. 2023.
- BRITTO, P. H. Padrão e desvio no pentâmetro jâmbico inglês: um problema para a tradução. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 10., 2006, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2006. p. 135-144.
- BRYMAN, A. **Social research methods**. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- CAMPOS, L. M. C. et al. O uso de tesouro como base terminológica para a elaboração de ontologias de domínio: uma experiência com o domínio do folclore e cultura popular. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais ...** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/176518>. Acesso em: 27 set. 2020.
- CAMPOS, L.M.; CAMPOS, M. L.A. Personalidade e matéria na teoria da classificação facetada: a questão do contexto, pressupostos teóricos e metodológicos. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v.7, n.2, jul./dez.2014. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/304/304>. Acesso em: 19 set. 2024.

CLARK, D. B. *et al.* **English Literature**: a college anthology. New York: The Macmillan Company, 1960.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. CAPES. Tabelas de área do conhecimento/avaliação. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/avaliacao/instrumentos/documentos-de-apoio/tabela-de-areas-de-conhecimento-avaliacao>. Acesso em: 17 out. 2024.

COSTA, H. H.; CAMPOS, M. L. A.; GOMES, H. E. O *systematifier* de Dahlberg como meta-categorias para os domínios do conhecimento: princípios aplicados na análise da química. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2021, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANCIB, 2021.

DAHLBERG, I. A systematic new lexicon of all knowledge fields based on the information coding classification. **Knowledge Organization**, v. 39, n. 2, p. 142-150, 2012. Disponível em: <https://www.nomos-elibrary.de/10.5771/0943-7444-2012-2-142.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2022.

DAHLBERG, I. **Ontical structures and universal classification**. Bangalore: Sarada Ranganathan Endowment, 1978a.

DAHLBERG, I. Teoria do Conceito. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 101-107, 1978b. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/115/115>. Acesso em: 15 jul. 2021.

DAHLBERG, I. Current trends in Knowledge Organization. In: GARCIA MARCO, F. J. (coord.). **Organización del conocimiento en sistemas de información y documentación**: actas del I Encuentro de ISKO-España, Madrid, 4 y 5 de noviembre de 1993. Universidad de Zaragoza: Zaragoza, 1995. p. 7-26. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2341306>. Acesso em: 28 ago. 2023.

DAHLBERG, I. Knowledge Organization: a new science? **Knowledge Organization**, [s. l.], v. 33, n. 1, p. 11-19, 2006. Disponível em: <https://www.nomos-elibrary.de/10.5771/0943-7444-2006-1-11/knowledge-organization-a-new-science-jahrgang-33-2006-heft-1>. Acesso em: 10 ago. 2020.

DOERR, M. The CIDOC Conceptual Reference Module: an ontological approach to semantic interoperability of metadata. **AI Magazine**, [s. l.], v. 24, n. 3, p. 75-92, 2003. Disponível em: <https://ojs.aaai.org/aimagazine/index.php/aimagazine/article/view/1720>. Acesso em: 29 set. 2023.

DOERR, M. *et al.* The Europeana Data Model (EDM). In: WORLD LIBRARY AND INFORMATION CONGRESS, 76., 2010, Gothenburg. **Anais ...** Gothenburg: International Federation of Library Associations and Institutions, 2010. Disponível em: <https://cdn.ifla.org/past-wlic/2010/149-doerr-en.pdf>. Acesso em: 21 set. 2023.

DOERR, M. *et al.* Europeana task force on EDM-FRBRoo application profile. [S. l.: s. n.], 2013. Disponível em: https://pro.europeana.eu/files/Europeana_Professional/EuropeanaTech/EuropeanaTech_taskfo

[rces/EDM_FRBRoo//TaskfoApplication%20Profile%20EDM-FRBRoo.pdf](#). Acesso em: 23 set. 2023.

EUROPEANA. Europeana: À descoberta do património cultural digital da Europa. European Union, 2023a. Disponível em: <https://www.europeana.eu/pt/about-us>. Acesso em: 22 set. 2023.

EUROPEANA. Europeana Data Model: documentation: mapping guidelines. European Union, 2023b. Disponível em: <http://pro.europeana.eu/edm-documentation>. Acesso em: 25 set. 2023.

FOLGER SHAKESPEARE LIBRARY. Publishing Shakespeare. 2023. Disponível em: <https://www.folger.edu/publishing-shakespeare>. Acesso em: 20 jan. 2023.

FONSECA, D. Uma leitura heideggeriana da linguagem em Hamlet. **Garrafa**. v. 2, n. 4, p. 106-118, set./dez. 2004. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/garrafa/article/view/20009/11604>. Acesso em: 19 out. 2022.

FOSKETT, D. J. Systems theory and its relevance to documentary classification. **International Classification**, [s. l.], v. 7, n. 1, p. 2-5, 1980. Disponível em: https://www.nomos-elibrary.de/10.5771/0943-7444-1980-1-2.pdf?download_full_pdf=1. Acesso em: 20 jan. 2023.

FURNER, J. Classification of the sciences in Greco-Roman Antiquity. **Knowledge Organization**, [s. l.], v. 48, n. 7-8, p. 499-534, 2021. Disponível em: <https://www.isko.org/cyclo/greco-roman>. Acesso em: 19 out. 2022.

FUJITA, M. S. L. *et al.* Indexação de obras de ficção em bibliotecas: avaliação e adequação do Modelo para Indexação de Ficção (MENTIF). **Palavra Clave**, [s. l.], v. 7, n. 1, 2017. Disponível em: <https://www.palavraclave.fahce.unlp.edu.ar/article/view/PCe041/8869>. Acesso em: 20 jan. 2023.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

GNOLI, C. Metadata about what? Distinguishing between ontic, epistemic, and documental dimensions in knowledge organization. **Knowledge Organization**, [s. l.], v. 39, n. 4, p. 268-275, 2012. Disponível em: <https://www.gnoli.eu/gnoli2012.pdf>. Acesso: 20 jan. 2023.

GOMES, H. E. Tendências da pesquisa em organização do conhecimento. **Pesquisa em Ciência da Informação**, Brasília, v.2, n.1, p.60-88, jan./dez. 2009. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/169/169>. Acesso em: 19 out. 2024.

GRZEGORZEWSKI, P.; SPIEWAK, M. The sign test and the signed-rank test for interval-valued data. **International Journal of Intelligent Systems**, [s. l.], v. 34, n. 9, p. 2122-2150, 2019.

GUARINO, N. Formal Ontologies and Information Systems. In: CONFERENCE ON FORMAL ONTOLOGY IN INFORMATION SYSTEMS, 1., 1998, Trento. **Proceedings ...** Amsterdam: IOS Press, 1998. p. 3-15.

GUIZZARDI, G.; ALMEIDA, J. P. A.; GUIZZARDI, R. S. S.; FALBO, R. Ontologias de fundamentação e modelagem conceitual. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM ONTOLOGIAS DO BRASIL, 2., Rio de Janeiro. **Anais ...** Rio de Janeiro: ONTOBRAS, 2009, p.1-6. Disponível em: https://nemo.inf.ufes.br/wp-content/papercite-data/pdf/ontologias_de_fundamentacao_e_modelagem_conceitual_2009.pdf. Acesso em: 28 set. 2023.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Tradução Márcia Sá Cavalcante Shuback. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

HELIODORA, B. **Por que ler Shakespeare**. São Paulo: Globo, 2008. (Coleção Por que ler).

HELIODORA, B. **Shakespeare**: o que as peças contam: tudo o que você precisa saber para descobrir e amar a obra do maior dramaturgo de todos os tempos. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014.

HELIODORA, B. **Dramaturgia elizabetana**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

HJØRLAND, B. Knowledge Organization (KO). **Knowledge Organization**, [s. l.], v. 43, n. 6, p. 475-484, 2016. Disponível: https://www.isko.org/cyclo/knowledge_organization. Acesso em: 20 jan. 2023.

HJØRLAND, B. Domain analysis. **Knowledge Organization**, [s. l.], v. 44, n. 6, p. 436-464, 2017. Disponível em: https://www.isko.org/cyclo/domain_analysis.html. Acesso em: 6 out. 2021.

HJØRLAND, B.; ALBRECHTSEN, H. Toward a new horizon in Information Science: domain-analysis. **Journal of the American Society for Information Science**, [s. l.], v. 46, n. 6, p. 400-425, 1995.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. **Definition of FRBRoo**: a conceptual model for bibliographic information in object-oriented formalism. [S. l.]: IFLA, 2016. Disponível em: https://www.ifla.org/wp-content/uploads/2019/05/assets/cataloguing/FRBRoo/frbroo_v_2.4.pdf. Acesso em: 01 out. 2023.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos**: teoria e prática. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2004.

LOGAN, R. A. University wits (act c. 1590). In: **Oxford Dictionary of National Biography**. [S. l.:s. n.], 26 maio 2016. Disponível em: <https://www.oxforddnb.com/display/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-95584;jsessionid=05DD6F6D2A7F3C1BE9017FF33FE23EE6>. Acesso em: 13 fev. 2023.

MARCONDES, C. H. Interoperabilidade entre acervos digitais de arquivos, bibliotecas e museus: potencialidades das tecnologias de dados abertos interligados. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 61-83, abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/8svGtzqw5HZCrfrPjBrypsb/abstract/?lang=pt#>. Acesso em 25 ago. 2023.

MARTINS, M. A. P. A tradução do drama shakespeariano por poetas brasileiros. **IPOTESI**, Juiz de Fora, v. 13, n. 1, p. 27-40, jan./jul. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/19156> . Acesso em: 18 jan. 2023.

MORAES, R. P. de; *et al.*.A representação dos domínios científicos e a importância dos metamodelos: o systematifier de Dahlberg. **Fronteiras da Representação do Conhecimento**, v. 2, n., 2023. Disponível em: <https://brapci.inf.br/#/v/226960>. Acesso em: 05 ago. 2024

NIETZSCHE, F. **O nascimento da tragédia**: ou helenismo e pessimismo. Tradução de Jacó Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

OpenGLAM. A global network on sharing cultural heritage. 2023. Disponível em: <https://openglam.org/> . Acesso em: 24 set. 2023.

O'SHEA, J. R. Ação vs. introspecção: as três versões de A Tragédia de Hamlet. Príncipe da Dinamarca. **Revista de Letras**, Curitiba, v. 9, n. 2, p. 7-10, 2016. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rl/article/view/7960>. Acesso em: 14 jul. 2023.

PIEDADE, M. A. R. **Introdução à teoria da classificação**. Rio de Janeiro: Interciência, 1983.

PINHO, F. A.; NASCIMENTO, B. L. C.; MELO, W. L. As dimensões ôntica, epistêmica e documental na representação da informação e do conhecimento. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 112-123, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/73961>. Acesso em: 30 jun. 2022.

REIS, M. SILVA da; CASTRO, F. F. de; FUJITA, M. S. L. Análise do modelo conceitual CIDOC-CRM a partir dos princípios- base da catalogação descritiva em museus. **Anales de Documentación**, [s. l.], v. 26, p. 1-12, mar. 2023. Disponível em: <https://revistas.um.es/analesdoc/article/view/536221>. Acesso em 29 set. 2023

SAARTI, J. Fictional literature, classification and indexing. **Knowledge Organization**, [s. l.], v. 46, n. 4, p.320-332, 2019. Disponível em: <https://www.isko.org/cyclo/fictional>. Acesso em: 09 nov. 2022.

SALES, L. F.; CAMPOS, M. L. A.; GOMES, H. E. Ontologias de domínio: um estudo das relações conceituais. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [s. l.], v. 13, n. 2, p. 62-76, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22366>. Acesso em: 12 set. 2023.

SANTOS, M. S. Shakespeare: criador e criatura. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 49, p. 189-209, jan./abr. 2020.

SANTOS, W. S. [S. l.: s. n.], 2016. 1 vídeo (47min 56). Breve introdução ao teatro de

William Shakespeare no pen clube do Brasil. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=Cn-3m7EXG3M&t=103s>. Acesso em: 17 ago. 2020

SARACEVIC, T. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun.1996.

SILVA, L. C.; SEGUNDO, J. E. S.; FREIRE, N. Web semântica na Europeia: uma abordagem do padrão EDM. **Biblios**, [s. l.], n. 80, p. 15-26, 2020. Disponível em: <https://biblios.pitt.edu/ojs/index.php/biblios/article/view/759>. Acesso em: 23 set. 2023.

SMITH, B. Ontology. In: FLORIDI, L. (ed.). **Blackwell Guide to the Philosophy of Computing and Information**. Oxford: Blackwell, 2003, p. 155-166. Disponível em: <https://mba.eci.ufmg.br/downloads/pos/Ontology-Smith.pdf>. Acesso em: 01 out. 2023.

SOARES, A. **Gêneros literários**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2010.

SOUZA, E. G.; COSTA, W. F. C. Descrição de recursos em ambientes digitais: o modelo FRBRoo. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 16, p. 1-15, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/135664>. Acesso em: 01 out. 2023.

SWALES, J. M. **Genre Analysis**. English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TENNIS, J. T. Epistemic, ontic, axiologic, and praxis constructs in knowledge organization research. In: ISKO-BRAZIL CONFERENCE, 3., 2015. **Anais ...** Marília: UNESP, 2015. p. 21-29. (Estudos Avançados em Organização do Conhecimento, v. 3). Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/135186> . Acesso em: 28 set. 2022.

ANEXO A — CONTINUAÇÃO DO QUADRO 6

Entidade	Propriedade
E1 CRM Entity	P1 is identified by (identifies)
E2 Temporal Entity	P2 has type (is type of)
E3 Condition State	P3 has note
E4 Period	P4 has time-span (is time-span of)
E5 Event	P5 consists of (forms part of)
E6 Destruction	P7 took place at (witnessed)
E7 Activity	P8 took place on or within (witnessed)
E8 Acquisition	P9 consists of (forms part of)
E9 Move	P10 falls within (contains)
E10 Transfer of Custody	P11 had participant (participated in)
E11 Modification	P12 occurred in the presence of (was present at)
E12 Production	P13 destroyed (was destroyed by)
E13 Attribute Assignment	P14 carried out by (performed)
E14 Condition Assessment	P15 was influenced by (influenced)
E15 Identifier Assignment	P16 used specific object (was used for)
E16 Measurement	P17 was motivated by (motivated)
E17 Type Assignment	P19 was intended use of (was made for)
E18 Physical Thing	P20 had specific purpose (was purpose of)
E19 Physical Object	P21 had general purpose (was purpose of)
E20 Biological Object	P22 transferred title to (acquired title through)
E21 Person	P23 transferred title from (surrendered title through)
E22 Man-Made Object	P24 transferred title of (changed ownership through)
E24 Physical Man-Made Thing	P25 moved (moved by)
E25 Man-Made Feature	P26 moved to (was destination of)
E26 Physical Feature	P27 moved from (was origin of)
E27 Site	P28 custody surrendered by (surrendered custody through)
E28 Conceptual Object	P29 custody received by (received custody through)
E29 Design or Procedure	P30 transferred custody of (custody transferred through)
E30 Right	P31 has modified (was modified by)
E31 Document	P32 used general technique (was technique of)
E32 Authority Document	P33 used specific technique (was used by)
E33 Linguistic Object	P34 concerned (was assessed by)
E34 Inscription	P35 has identified (was identified by)
E35 Title	P37 assigned (was assigned by)
E36 Visual Item	P38 deassigned (was deassigned by)
E37 Mark	P39 measured (was measured by)
E38 Image	P40 observed dimension (was observed in)
E39 Actor	P41 classified (was classified by)
E40 Legal Body	P42 assigned (was assigned by)
E41 Appellation	P43 has dimension (is dimension of)
E42 Identifier	P44 has condition (condition of)
E44 Place Appellation	P45 consists of (is incorporated in)
E45 Address	P46 is composed of (forms part of)
E46 Section Definition	P48 has preferred identifier (is preferred identifier of)
E47 Spatial Coordinates	P49 has former or current keeper (is former or current keeper of)
E48 Place Name	P50 has current keeper (is current keeper of)
E49 Time Appellation	P51 has former or current owner (is former or current owner of)
E50 Date	P52 has current owner (is current owner of)
E51 Contact Point	P53 has former or current location (is former or current location of)
E52 Time-Span	P54 has current permanent location (is current permanent location of)
E53 Place	P55 has current location (currently holds)

E54 Dimension	P56 bears feature (is found on)
E55 Type	P57 has number of parts
E56 Language	P58 has section definition (defines section)
E57 Material	P59 has section (is located on or within)
E58 Measurement Unit	P62 depicts (is depicted by)
E59 Primitive Value	P65 shows visual item (is shown by)
E60 Number	P67 refers to (is referred to by)
E61 Time Primitive	P68 foresees use of (use foreseen by)
E62 String	P69 is associated with
E63 Beginning of Existence	P70 documents (is documented in)
E64 End of Existence	P71 lists (is listed in)
E65 Creation	P72 has language (is language of)
E66 Formation	P73 has translation (is translation of)
E67 Birth	P74 has current or former residence (is current or former residence of)
E68 Dissolution	P75 possesses (is possessed by)
E69 Death	P76 has contact point (provides access to)
E70 Thing	P78 is identified by (identifies)
E71 Man-Made Thing	P79 beginning is qualified by
E72 Legal Object	P80 end is qualified by
E73 Information Object	P81 ongoing throughout
E74 Group	P82 at some time within
E75 Conceptual Object	
Appellation	P83 had at least duration (was minimum duration of)
E77 Persistent Item	P84 had at most duration (was maximum duration of)
E78 Collection	P86 falls within (contains)
E79 Part Addition	P87 is identified by (identifies)
E80 Part Removal	P88 consists of (forms part of)
E81 Transformation	P89 falls within (contains)
E82 Actor Appellation	P90 has value
E83 Type Creation	P91 has unit (is unit of)
E84 Information Carrier	P92 brought into existence (was brought into existence by)
E85 Joining	P93 took out of existence (was taken out of existence by)
E86 Leaving	P94 has created (was created by)
E87 Curation Activity	P95 has formed (was formed by)
E89 Propositional Object	P96 by mother (gave birth)
E90 Symbolic Object	P97 from father (was father for)
	P98 brought into life (was born)
	P99 dissolved (was dissolved by)
	P100 was death of (died in)
	P101 had as general use (was use of)
	P102 has title (is title of)
	P103 was intended for (was intention of)
	P104 is subject to (applies to)
	P105 right held by (has right on)
	P106 is composed of (forms part of)
	P107 has current or former member (is current or former member of)
	P108 has produced (was produced by)
	P109 has current or former curator (is current or former curator of)
	P110 augmented (was augmented by)
	P111 added (was added by)
	P112 diminished (was diminished by)

P113 removed (was removed by)
P114 is equal in time to
P115 finishes (is finished by)
P116 starts (is started by)
P117 occurs during (includes)
P118 overlaps in time with (is overlapped in time by)
P119 meets in time with (is met in time by)
P120 occurs before (occurs after)
P121 overlaps with
P122 borders with
P123 resulted in (resulted from)
P124 transformed (was transformed by)
P125 used object of type (was type of object used in)
P126 employed (was employed in)
P127 has broader term (has narrower term)
P128 carries (is carried by)
P129 is about (is subject of)
P130 shows features of (features are also found on)
P131 is identified by (identifies)
P132 overlaps with
P133 is separated from
P134 continued (was continued by)
P135 created type (was created by)
P136 was based on (supported type creation)
P137 exemplifies (is exemplified by)
P138 represents (has representation)
P139 has alternative form
P140 assigned attribute to (was attributed by)
P141 assigned (was assigned by)
P142 used constituent (was used in)
P143 joined (was joined by)
P144 joined with (gained member by)
P145 separated (left by)
P146 separated from (lost member by)
P147 curated (was curated by) P148 has component (is component of)
P148 has component (is component of)